



Fundador - J.B Wolf

The Bard News®



Dante Alighieri **Pag A2**

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica

VOL. II / Jornal No. 11, JULHO 11, 2026



Anuncie aqui

O Papel do Romance

Histórico na Preservação da Memória Coletiva

Por Mariana Pacheco

COLUNISTA

O romance histórico aparece neste texto como uma ponte entre pesquisa e imaginação, capaz de devolver humanidade ao passado e ampliar a memória coletiva. A partir de C.S. Lewis e de obras como Os Três Mosqueteiros, Guerra e Paz, Os Miseráveis e O Nome da Rosa, o artigo mostra como o gênero preserva estilos, costumes, linguagens e sensibilidades de diferentes épocas, tornando a história mais viva e acessível.

Leia Mais **Pag A14**

A Dança e Identidade

Cultural Dos Povos Originários

Por Beth Baltar

COLUNISTA

A dança para os povos originários não é apenas expressão artística. É linguagem viva, ritual, memória e resistência. Cada passo, canto e instrumento conecta corpo, natureza e ancestralidade, preservando identidades étnicas e saberes coletivos. O artigo mostra como rituais como o Toré, o Kuarup, a Dança da Onça e outras manifestações mantêm a chama da cultura indígena acesa diante da história.

Leia Mais **Page A19**

CULTURA



Design Vernacular

Por Alexandre Câmara

COLUNISTA

O artigo mostra que o design vernacular não é simples improviso, mas um saber construído na prática, no território e na experiência cotidiana. Ao observar cartazes, placas, objetos pintados à mão e soluções populares.

Leia Mais **Pag A19**

Gamificação na Sala de Aula: O Jogo como Ferramenta de Aprendizagem



Por Jeane Tertuliano

COLUNISTA



EDUCAÇÃO



O artigo mostra que a gamificação pode devolver à sala de aula algo que muitos estudantes já encontram nos jogos: participação, desafio, persistência e emoção. Mais do que um recurso tecnológico, ela aparece como uma estratégia pedagógica para reaproximar os jovens da linguagem, da escrita e do pensamento crítico.

Leia Mais **Pag A22**



EDUCAÇÃO



O paradoxo da tecnologia na Educação:

Conectar-se por telas ou pelo olhar?

Por Renata Munhoz

COLUNISTA

O artigo mostra que a hiperconectividade não necessariamente aproxima as pessoas e que a escola enfrenta hoje um paradoxo urgente: telas ocupam o centro da vida dos estudantes enquanto a convivência, o olhar e a escuta se fragilizam. A partir da lei brasileira que restringe celulares nas escolas, o texto discute impactos na saúde mental, na atenção e na formação humana.

Leia Mais **Pag A23**

LITERATURA



Linhas Cruzadas:

O Javanês Nosso de Cada Dia - Parte 2

Por Aline A. Santana

COLUNISTA

Esta crônica expõe a distância entre o discurso impecável de uma coach de relacionamentos e sua vida afetiva caótica, mostrando como a autoridade emocional nas redes pode ser construída mais por performance do que por prática. A conexão final com "O Homem que Sabia Javanês", de Lima Barreto, reforça a ironia de um tempo em que parecer saber pode valer.

Leia Mais **Pag A16**

CURIOSIDADES



A fascinante história do Trem Fantasma:

Mito ou Realidade?

Por Stella Gaspar

COLUNISTA

O Trem Fantasma aparece neste texto como uma atração que mistura medo, memória, nostalgia e cultura popular. Entre lendas ferroviárias, parques de diversão e festas juninas do Nordeste, o artigo mostra como a figura do trem assombrado atravessa gerações e continua viva tanto no imaginário sobrenatural quanto no entretenimento.

Leia Mais **Pag A26**

Os ganhadores

do Prêmio Nobel de Literatura

Por J.B Wolf

EDITOR CHEFE



1913

Rabindranath Tagore (Índia)



1914

Não concedido (sem laureado)

Leia Mais **Pag A12 e A13**

CULTURA



A Influência das Religiões

na Formação Cultural do Ocidente

Por Drika Gomes

COLUNISTA

As religiões ajudaram a moldar de maneira profunda a cultura do Ocidente, influenciando valores, símbolos, rituais, arte, filosofia, educação e até a forma como o ser humano entende a si mesmo. O texto mostra que, mesmo em tempos de secularização, essa herança continua viva no cotidiano, nas emoções e na memória coletiva.

Leia Mais **Pag A18**

LITERATURA

Por Que Homero Ainda Nos Ensina Sobre Virtude E Tragédia?

Por Magna Aspásia

COLUNISTA

Pag A15

COMPORTAMENTO

O Retorno ao Silêncio: Recuperando Espaços de Paz em um Mundo Barulhento

Por Jeane Tertuliano

COLUNISTA

Pag A30

EDUCAÇÃO

A beleza da arte de debuxar nas escolas atuais

Por Renata Munhoz

COLUNISTA

Pag A25

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



PARTICIPE!

Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao **SITE** e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição no quadro **"REFLEXÕES & COMENTÁRIOS"**





Dante Alighieri: O Poeta Exilado que Forjou a Língua e a Alma da Itália



 Florença, Republica de Florença - Itália

LITERATURA - Leia no site



Por J.B Wolf
EDITOR-CHEFE

Dante Alighieri nasceu em 1265, em uma Florença fervilhante de comércio, disputas políticas e ambição cultural. Morreu em 1321, em Ravena, longe da cidade natal que o expulsou. Entre esses dois pontos, construiu uma obra que atravessou séculos e mudou o destino da literatura ocidental. Dante não foi apenas o autor da Divina Comédia. Foi poeta, pensador político, teórico da linguagem e, sobretudo, um escritor que transformou a dor do exílio em arquitetura moral e literária. Poucos autores conseguiram converter uma biografia pessoal tão marcada por perdas em uma visão tão ampla da condição humana.



A Florença de Dante era uma cidade intensa e instável. As tensões entre guelfos e gibelinos dividiam famílias, alianças e projetos de poder. Mesmo depois da vitória dos guelfos, a paz não veio. A própria facção vencedora se fragmentou em guelfos brancos e guelfos negros, num embate que misturava política local, influência papal e disputa por autonomia. Dante, ligado aos brancos, entrou de forma direta nesse cenário. Em 1300, ocupou um cargo importante na administração florentina, como um dos priores da cidade, e isso o colocou no centro das decisões mais delicadas de seu tempo. A política, para ele, nunca foi abstração: era risco, compromisso e consequência.



Essa experiência pública ajuda a entender por que sua obra não se limita ao lirismo. Dante conhecia por dentro o funcionamento da cidade, os mecanismos de facção, a corrupção de lideranças e o custo humano das disputas de poder. Em 1301, enquanto estava fora de Florença em missão diplomática, os guelfos negros tomaram o controle com apoio papal.

No ano seguinte, Dante foi condenado em sua ausência, acusado de corrupção e hostilidade ao novo regime. A sentença foi severa: deveria pagar multa, permanecer afastado e, se retornasse, poderia ser executado. Na prática, estava selado o destino de um exilado perpétuo. Esse rompimento não foi apenas biográfico. Tornou-se o motor simbólico de sua obra maior.



Antes disso, já havia em Dante outro eixo decisivo: Beatriz Portinari. A mulher real, vista desde a juventude, tornou-se na sua poesia uma figura idealizada, quase teológica. Em Vita Nuova, obra que mistura prosa e poesia, Dante narra o impacto desse amor espiritualizado e sua transformação interior após a morte prematura de Beatriz. Não se trata de simples romance no sentido moderno, mas de um caminho de elevação. Beatriz deixa de ser apenas objeto de devoção amorosa e passa a representar uma mediação entre o humano e o divino. Em certo sentido, toda a Divina Comédia nasce dessa passagem: do amor terreno à visão celestial, do sofrimento à interpretação moral do mundo.



A grande obra de Dante, que ele chamou simplesmente de Comédia e que a posteridade consagrou como Divina Comédia, é uma síntese raríssima de poesia, filosofia, teologia e crítica social. Escrita em terza rima, forma de tercetos encadeados, ela organiza uma jornada alegórica pela alma humana e pela estrutura do além. O poema é dividido em três cantigas:

- Inferno
- Purgatório
- Paraíso

Cada parte tem 33 cantos, com exceção do Inferno, que inclui um canto introdutório e soma 34. O número 3, associado à Trindade, organiza toda a obra. Há nove círculos no Inferno, sete terraços no Purgatório e nove esferas celestes no Paraíso, culminando no Empíreo. Essa matemática não é enfeite. É parte do sentido. Dante constrói uma ordem total do universo, em que o castigo, a purificação e a graça obedecem a uma lógica espiritual precisa.



A genialidade da Commedia, porém, não está apenas na estrutura. Está na maneira como

Dante faz o leitor atravessar paisagens morais com uma nitidez quase física. No Inferno, guiado por Virgílio, ele encontra pecadores, políticos, clérigos, traidores, amantes, hereges e figuras históricas transformadas em personagens de um tribunal eterno. No Purgatório, o tom muda: a dor continua, mas agora existe expectativa de redenção. No Paraíso, Beatriz assume a condução e leva o poeta em direção a uma linguagem cada vez mais difícil de traduzir em imagens humanas. O percurso inteiro é uma pedagogia da alma: cada reino ensina algo sobre culpa, esperança e transcendência.

A escolha de escrever em vernáculo florentino, e não em latim, foi revolucionária. No início do século XIV, o latim ainda dominava a literatura erudita, a teologia e o prestígio intelectual. Ao usar a língua do povo culto de sua região, Dante fez muito mais do que simplificar o acesso à obra. Ele elevou o vernáculo a um novo patamar de dignidade literária. Em tratados como De vulgari eloquentia, defendeu a legitimidade das línguas faladas como veículos de pensamento elevado. Em Convívio, buscou tornar o conhecimento mais acessível fora do circuito exclusivo dos letrados. Seu gesto foi estético, mas também político: afirmar que a grande literatura não precisava permanecer presa a uma elite linguística.



Esse ponto faz de Dante uma figura decisiva na história da língua italiana. Não por ter “inventado” o idioma, mas por ter ajudado a consolidar o florentino como modelo de expressão literária. Séculos depois, quando a Itália buscou uma unidade cultural mais ampla, Dante passou a ser lembrado como Pai da Língua Italiana. Sua obra demonstrou

que a língua cotidiana podia carregar a mais alta densidade filosófica e poética. Em outras palavras, Dante provou que o idioma de uma cidade podia se tornar herança de uma nação.

Também por isso sua escrita continua impressionando. A terza rima cria movimento contínuo, quase musical, como se cada estrofe empurrasse a próxima para frente. O leitor não caminha em linha reta; é arrastado por uma progressão que sugere descida, elevação e travessia. O ritmo da Commedia acompanha a própria jornada narrada. E os personagens, muitos deles tirados de fatos e figuras reais de seu tempo, dão à obra uma camada de crônica histórica. Dante não escreve apenas sobre o além. Ele escreve sobre o presente, sobre a corrupção dos poderosos, sobre os abusos da Igreja, sobre a fragilidade das instituições e sobre a responsabilidade moral dos indivíduos.

Em Monarquia, outro texto importante, Dante expõe sua visão política com clareza incomum. Defende a necessidade de uma autoridade imperial capaz de garantir a paz entre os homens, independentemente da esfera espiritual da Igreja. Sua posição era ousada e polêmica. Num período em que o poder papal tentava ampliar sua influência sobre os assuntos temporais, Dante separava com firmeza os domínios do espiritual e do político. Não se tratava de neutralidade. Era uma concepção de ordem universal em que a justiça terrena deveria ter legitimidade própria. A leitura de sua obra política ajuda a perceber que o autor da Commedia não era apenas um visionário religioso, mas um pensador rigoroso sobre governo, lei e autoridade.

O exílio moldou tudo isso. Longe de Florença, Dante passou por várias cidades italianas, incluindo Verona, Bolonha, Pádua e Ravena. A peregrinação forçada o distanciou do poder local, mas ampliou sua perspectiva histórica e humana. O poeta que perdera sua cidade passou a escrever para um público muito maior do que os florentinos de seu tempo. Em vez de se fechar na nostalgia, transformou a

perda em visão. Sua morte em Ravena, em 1321, encerrou uma vida de deslocamentos, mas inaugurou uma permanência extraordinária. Florença, que o havia rejeitado, acabaria por disputar sua memória durante séculos.

O legado de Dante se espalhou muito além da Itália. Sua influência alcança Chaucer, Milton, T.S. Eliot, Borges, entre muitos outros. Pintores como Botticelli, Gustave Doré e William Blake deram forma visual ao seu universo. A Commedia tornou-se matriz para a imaginação ocidental quando o assunto é inferno, expiação e salvação. Mas talvez sua maior força esteja em algo mais íntimo: Dante fez da literatura um lugar em que pensamento abstrato e experiência concreta se encontram sem perder intensidade. Ele mostrou que um poema pode ser mapa, julgamento, confissão, tratado e visão.

Em tempos de fragmentação cultural, a figura de Dante continua atual por razões muito concretas. Seu exílio lembra que a criação pode nascer da ruptura. Sua defesa da língua vernacular mostra que a cultura ganha quando se abre para o idioma vivo das pessoas. Sua obra política recorda que literatura não está desligada do mundo. E sua jornada pelo além oferece uma imagem potente da busca humana por sentido num cenário de desordem. Ler Dante hoje é reencontrar uma pergunta que permanece viva: como transformar queda em conhecimento, dor em forma e linguagem em destino?

Dante Alighieri não forjou apenas a língua italiana. Forjou uma das mais duradouras representações da consciência humana em conflito consigo mesma e com seu tempo. Exilado da cidade, ele acabou se tornando universal. E é justamente aí que reside sua grandeza.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA “usando ChatGPT 5.2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/06/2026”

Edições 2026

11ª EDIÇÃO - JULHO



11ª EDIÇÃO - JULHO



10ª EDIÇÃO - JUNHO



9ª EDIÇÃO - MAIO



8ª EDIÇÃO - ABRIL



7ª EDIÇÃO - MARÇO



6ª EDIÇÃO - FEVEREIRO



5ª EDIÇÃO - JANEIRO



The Bard News

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica



EXPEDIENTE

Entre palavras, cores e ideias, The Bard News constrói pontes entre leitores, autores, artistas e o mundo. Aqui, cada edição é feita com paixão, escuta e a certeza de que a cultura transforma.

Edição: Vol II - Jornal Nº 11 - Julho /2026

Direção Geral: J.B Wolf

Editor-Chefe: J.B Wolf

Conselho Editorial: [Lista de membros]

Redação: [Redatores, jornalistas, estagiários]

Coordenação de Arte e Design: Agência The Wolf Bard

Suporte Técnico: [TI e Web]

Contato: redacao@thebardnews.com | Instagram: @thebardnews

Endereço: Brasília - DF

Colaboradores: [Convidados]

Contato para publicações: participe@thebardnews.com

VOL. II / Jornal No. 11, JULHO 11, 2026

COLUNISTAS FIXOS: Publicados

	J.B Wolf			
	Jeane Tertuliano			
	Stella Gaspar			
	Beth Baltar			
	Mariana Pacheco			
	Drika Gomes			
	Alexandre Câmara			
	Aline A. Santana			
	Renata Munhoz			
	Magna Aspásia			

ANUNCIE:

- Publicidade no Site
- Publicidade no Modelo Impresso em PDF interativo
- Classificados
- Vitrine The Bard News

CONTATO/WHATSAPP: (61) 9 8474-7033



CLIQUE AQUI

EDITAL SUBMISSÃO:



INSCRIÇÕES

"O The Bard News é um convite aberto. Envie seu texto, arte ou sugestão e faça parte deste movimento."

REFLEXÕES & COMENTÁRIOS

Conecte-se: Compartilhe Sua Opinião com o Jornal The Bard News

Este espaço é feito para você! No quadro **“Reflexões & Comentários”**, convidamos nossos leitores a compartilhar comentários, opiniões, reflexões, críticas e elogios sobre temas abordados no jornal. Clique na imagem abaixo, você será direcionado para o post no Site e lá faça o seu comentário. Participe! Deixe a sua Opinião.

Os melhores comentários serão Publicados na próxima edição do Jornal.



CLIQUE NO POST



Dante Alighieri: O Poeta Exilado que Forjou a Língua e a Alma da Itália



A fortaleza que vigiou o continente: por que o Castelo de Dover é um dos lugares mais decisivos.



A catedral que quis tocar o céu: como Amiens definiu o auge do gótico francês



Série: Os Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura - Rabindranath Tagore : 1913



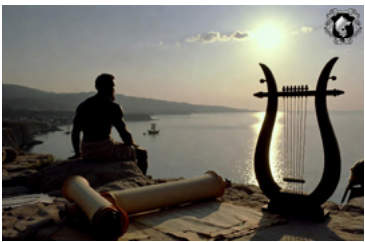
Série: Os Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura - não concedido (sem laureado): 1914 - 1ª Guerra Mundial



O Papel do Romance Histórico na Preservação da Memória Coletiva



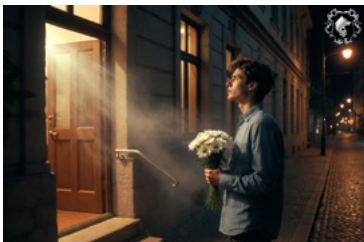
Victor Hugo E A Redenção Pela Literatura



Por Que Homero Ainda Nos Ensina Sobre Virtude E Tragédia?



Linhas Cruzadas: O Javanês Nosso De Cada Dia - PARTE II



CONTO: O Café Passagem - Capítulo 10: Primeira Saída



A Influência das Religiões na Formação Cultural do Ocidente



A Dança E Identidade Cultural Dos Povos Originários



Design Vernacular: Quem Escreve A Cidade Em Cores E Formas?



Gamificação na Sala de Aula: O Jogo como Ferramenta de Aprendizagem



O paradoxo da tecnologia na Educação: conectar-se por telas ou pelo olhar?



Qual deve ser o papel das artes na educação?



A beleza da arte de debuxar nas escolas atuais



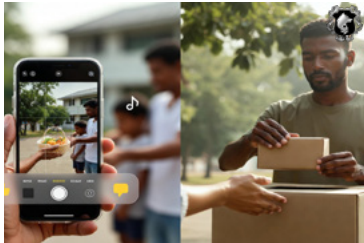
A fascinante história do Trem Fantasma: mito ou realidade?



O Retorno ao Silêncio: Recuperando Espaços de Paz em um Mundo Barulhento



Depois Do Prazo: O Que A Nr-1 Realmente Passou A Exigir Das Empresas



O Fenômeno do "Eu Compensador": Virtudes Altruístas ou Exibição Digital?



O fim da cortesia: a civilização em conflito com a impaciência



Narcisismo digital: quando a vida vira espetáculo permanente



O Valor do Silêncio para a Saúde Mental e Espiritual



Os Números Não Mentem: Como Os Afastamentos Colocam Empresas No Radar Da Nr-1

LITERATURA

CRÔNICAS

Beethoven não precisa de black tie



POR
Neri Luiz Cappellari



Todos os dias, ele puxa o seu carrinho recolhendo o lixo. Como ele, existem vários coletores de sucata e de outros dejetos. Todos seguem a mesma rotina. A mesma sina de juntar as sobras dos que têm muito e ver através do descarte as suas chances de sobreviver. Entretanto, um deles chamou a atenção. Seu nome não sei, se tem um sobrenome deve ter se perdido entre as sobras de comida achadas no dia a dia. Porém, quando ele surge, ao longe, todos sabemos da sua aproximação. Uma pequena caixa de som, provavelmente recolhida em um canto qualquer, demonstra o seu refinado gosto musical. As músicas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da Música Popular Brasileira (MPB) são sua marca. Suas melodias o tornam visível, instiga a nossa imaginação e nos faz pensar. Qual é a sua história? O que o levou a deambular pelas ruas?

Existem dezenas de catadores de lixo perambulando pelas cidades todos os dias. Nós já nos acostumamos com sua invisibilidade. Eles percorrem as ruas e é como se habitassem em um planeta diferente do nosso. Nossas histórias se cruzam, mas não se tocam. Nossos olhares se encontram. Nossas vidas seguem rumos diferentes. Embora passemos

pelas mesmas calçadas, pelas mesmas ruas, suas pegadas são imperceptíveis ao nosso olhar. Sua dor não nos atinge, seu cheiro nos afasta, sua aparência triste não toca o nosso coração. Entretanto, há uma música linda do mais insólito lugar, e soa estranhamente em nossos ouvidos. É como se aquele clássico de Beethoven nos incomodasse. Não pela melodia que soa dentro de nós, mas como Beethoven chegou a esse carrinho de lixo? Por que este mendigo chama tanto a nossa atenção? Para quem tem um ouvido privilegiado, é perfeitamente possível ouvir os belos clássicos de Beethoven, Bach e as músicas do MPB. Para esse homem, sobre quem todas as carências parecem recair, não há limites. Seus ouvidos não conhecem as barreiras erguidas pelos eruditos.

Se, por um lado, estamos acostumados a ouvir os clássicos em um belo teatro, com uma acústica impecável, os homens de black tie, as mulheres trajadas com lindos vestidos, um maestro regendo a orquestra e dezenas de músicos tocando divinamente. Por um outro lado, nos causa estranheza, um clássico vindo sem glamour, sem arautos que anunciam a sua chegada, através de uma caixa de som recolhida em um descarte qualquer.

Um homem pobre passa, todos os dias, desafiando nossas ideias pré-concebidas da elitização de uma música conhecida por poucos. Sua presença desconstrói nossa maneira de pensar, adquirida durante anos, de que uma linda sinfonia é para um público seleto e restrito.

Sim, esse catador de lixo nos mostra que um som que estimula os nossos ouvidos é muito mais do que um alento para o ego de uma classe mais privilegiada.

Sua visibilidade se dá pelo fato de que ele nos faz enxergar, todos os dias, a socialização de melodias como meio de comunicação. As músicas eruditas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da MPB estão disponíveis para todos ouvir independentemente do lugar de onde nós viemos. Sejamos ricos ou catadores de lixo. A arte veio para resgatar a nossa dignidade como pessoas, alimentar a nossa alma. Esse catador nos mostra antes de tudo, antes mesmo de sua própria história, que não há lugar intransponível.

f @neri.cappellari

Miniconto



Hálito de Sangue



POETA & ESCRITOR
J.B Wolf

Na câmara térmica, todos dormem em azul. Só a cama dela ferve em vermelho animal. Ele encara a janela: no vidro, não há cama, não há corpo. Apenas uma sombra em pé, encurvada à sua cabeceira, o focinho rente ao seu rosto, com sopro quente e um hálito de sangue.

@poetajbwolf

POEMAS

Sonhe como quem toca o impossível



POETA
Stella Gaspar



@stella_maria_gaspar

Há desejos que só despertam quando o coração arde sem medo. Parecem uma tecelagem no útero se entrelaçando com o fio da vida.

Não tento conter o que nasce para incendiar minhas narrativas amorosas. Na verdade, alguns ventos chegam como amantes.

Varrem a alma, arrepiam a pele, e deixam um rastro que nenhuma distância apaga.

Todo tempo é tempo de aumentar a história de nossos sintomas de paixão.

O amor verdadeiro não se esconde, ele invade, atravessa mundos, e nos encontra mesmo quando você tenta se proteger.

Sobre o nosso corpo, ele deixa memórias. Posse a posse, somos inteiros. Com tempestades de beijos perfeitos.

POEMAS

Serpente Verde



POETA
J.B Wolf



@poetajbwolf

Inveja, ó veneno sutil que se infiltra pelos poros da alma desprevenida, és tu quem transforma jardins em desertos e corações generosos em pedra fria.

Nasces do olhar que compara sem cessar, que mede a própria vida pela alheia, que vê no sucesso do próximo espelho cruel da própria pequenez.

És serpente verde que se alimenta da felicidade que não conseguimos ter, roendo por dentro como ácido corrosivo até que nada reste além de amargura.

Quando te apossas de uma alma, transformas virtudes em defeitos, fazes da alegria alheia tortura e da própria existência um fardo pesado.

Inveja maldita, que cega os olhos para as bênçãos que já possuímos, que faz esquecer a própria luz na obsessão pela luz dos outros.

Mas há cura para teu veneno mortal: é aprender a celebrar conquistas alheias, é encontrar na própria jornada razões suficientes para gratidão.

Que eu saiba transformar-te em inspiração, que tua presença me ensine humildade, que teu sussurro venenoso se torne chamado para cultivar meu próprio jardim.

POEMAS

Vou



POETA
Arclly Soares



@ms_arelly

Quando dizem
Que não posso voar,
Eu voo!
Quando dizem
Que eu não posso ir,
Eu vou!
Em ambos,
Tenho um par
De asas,
Um sonho
E uma liberdade.

POEMAS

Invencível é o amor



POETA
Rute Ella Dominici



@ruteelladominici

Invencível é o amor que não se explica, nem pede ao mundo licença para arder. Chega em silêncio, habita e multiplica o corpo alheio em casa de viver.

Eu te amo sem cálculo ou defesa, com pele acesa e sede de verdade; meu coração aprende outra linguagem quando teu nome chama a claridade.

Em ti, desejo não é jogo ou cena: é maré viva, é chama sem razão. Teu toque rompe, em forma leve e plena, as fortalezas frágeis da ilusão.

E ao te querer inteiro, reconheço: há uma luz triste em tudo que é maior. Mas fico, volto e no mesmo tropeço te amo mais, ainda que seja dor.

Invencível, assim se faz destino: perder-se em ti e, ao fim, achar caminho.



Participe e Publique a sua Arte

CLIQUE AQUI!

REVISTA THE BARD®

Revista Atual lançada - 37ª edição Maio e Junho



DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS:
"O Papel da Tipografia na Democratização da
Informação no Brasil

[Clique aqui para acessar](#)

Em Processo Editorial - 38ª edição Julho e Agosto 2026 Lançamento dia 12 de Julho



QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
"O esvaziamento do palácio no século
de la mercadería"

EM BREVE
[Clique aqui para acessar](#)

Editais Abertos - 39ª edição Setembro e Outubro 2026 Início dia 06 de Junho | Término dia 31 de Julho



INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL:
a formação cultural desde os primeiros anos

[Clique aqui para acessar](#)

Site da Revista The Bard

[Clique aqui para acessar](#)

Editais Abertos

[Clique aqui para acessar](#)

Instagram

[Clique aqui para acessar](#)

Canal no Instagram

[Clique aqui para acessar](#)

Canal no Whatsapp

[Clique aqui para acessar](#)



CASTELOS & CATEDRAIS

A fortaleza que vigiou o continente: o Castelo de Dover é um dos lugares mais decisivos da história da Inglaterra

ARTE & ARQUITETURA

Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

“O Castelo de Dover não é apenas um monumento medieval: é uma peça central da história defensiva da Inglaterra..”



No ponto em que a Inglaterra se aproxima mais da Europa continental, o Castelo de Dover ergueu-se por séculos como sentinela, prisão, quartel-general e símbolo nacional. Suas muralhas não contam apenas histórias de reis e cercos: revelam como o Reino Unido aprendeu a transformar geografia em defesa, medo em estratégia e pedra em poder. Poucos castelos foram tão importantes para a sobrevivência da Inglaterra quanto Dover.



À primeira vista, o Castelo de Dover impressiona pela localização. Ele não está apenas sobre um morro; ele domina as White Cliffs, as falésias brancas que, por séculos, foram a primeira imagem da Inglaterra para quem chegava pelo Canal da Mancha. A posição não foi escolhida por acaso. Onde o mar encurta a distância entre a ilha e o continente, ali nasceu uma fortaleza pensada para vigiar, resistir e intimidar. Dover foi, durante grande parte da história britânica, menos um castelo ornamental do que uma resposta permanente a uma pergunta inquietante: como defender uma ilha que nunca esteve realmente isolada?

As origens do local remontam a tempos muito anteriores à fortaleza medieval que hoje conhecemos. Antes dos normandos, os romanos já haviam percebido o valor estratégico da região e deixado ali um farol, o pharos, uma das estruturas romanas mais bem preservadas da



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/06/2026”

Inglaterra. Depois vieram ocupações saxônicas e, finalmente, a transformação decisiva ocorreu após 1066, quando Guilherme, o Conquistador, compreendeu que controlar Dover era controlar a porta de entrada do reino. Sem Dover, a conquista normanda ficaria incompleta. O castelo que começou a ser erguido logo após a invasão não servia apenas para proteger: servia para afirmar que o novo poder tinha chegado para ficar.



No século XII, sob Henrique II, Dover ganhou a forma monumental que consolidou sua fama. O grande keep, ou torre de menagem, foi construído como uma combinação de residência real e fortaleza militar. Não se tratava de um bloco cinzento e áspero apenas para atirar flechas pelas ameias. O interior era sofisticado para os padrões do período, com aposentos, capela e grandes salas pensadas para receber autoridade e encenar prestígio. Era um castelo que dizia muito sobre a monarquia inglesa: forte por fora, cuidadosamente ordenado por dentro. A pedra, em Dover, não era só defesa; era propaganda.

Essa função simbólica ficou ainda mais clara em 1216, quando o castelo enfrentou um de seus episódios mais famosos. Em meio à crise provocada pela rebelião contra o rei João e à chegada do príncipe francês Luís, Dover tornou-se alvo de um cerco duro e prolongado. Se o castelo caísse, a Inglaterra poderia abrir sua principal passagem para forças estrangeiras. A resistência, conduzida por Hubert de Burgh, tornou-se lendária. Dover não cedeu. O episódio mostrou algo essencial: em certos momentos da história, a fortaleza não era apenas um edifício entre outros, mas um teste de sobrevivência

nacional. Defender Dover era defender a própria ideia de Inglaterra.



Com o passar dos séculos, a natureza da guerra mudou, e o castelo precisou mudar junto. A artilharia tomou os muros medievais menos invulneráveis do que pareciam, e os soberanos Tudor passaram a investir em defesas costeiras adaptadas à nova tecnologia militar. Henrique VIII, inquieto com invasões vindas do mar e com o avanço de potências católicas na Europa, reforçou a costa e ampliou a lógica defensiva de Dover. O castelo deixou de ser apenas uma fortaleza feudal e se converteu em posto estratégico de um país cada vez mais preocupado com a guerra marítima e com o equilíbrio continental.



No século XVIII, a ameaça já não vinha de cavaleiros em armaduras, mas de exércitos modernos e de canhões capazes de romper a velha confiança nas muralhas. Durante as guerras contra Napoleão, Dover voltou a ser vital. A proximidade com a França transformou o castelo em observatório avançado da política europeia. Túnel após túnel, bateria após bateria, a fortificação foi sendo adaptada para um tipo de conflito em que a velocidade, a logística e a

vigilância importavam tanto quanto a força bruta. Foi nesse período que começaram as grandes escavações nas falésias de giz, formando corredores subterrâneos destinados a alojar tropas, guardar munições e proteger o comando militar. A fortaleza vertical ganhava um complemento invisível, subterrâneo, quase secreto.

Mas foi na Segunda Guerra Mundial que Dover se tornaria, de forma mais dramática, um centro nervoso da defesa britânica. À medida que os bombardeios alemães se intensificavam e a ameaça de invasão pairava sobre o Canal, o castelo assumiu uma nova função: servir como posto de comando e comunicação. Dos túneis escavados na rocha saíam ordens, mapas e decisões urgentes. Dover não era apenas um símbolo de resistência; era uma máquina operacional. De suas galerias subterrâneas, oficiais coordenaram ações que incluíram a evacuação de Dunquerque, um dos episódios mais decisivos da guerra. Enquanto as tropas aliadas eram resgatadas do outro lado do mar, Dover observava, controlava e respondia.



Essa transformação é uma das chaves para entender por que o castelo continua tão fascinante. Ele não congelou no tempo. Pelo contrário: sobreviveu justamente porque foi sendo reinventado. Cada época leu Dover à sua maneira. Os normandos viram nele uma âncora do novo poder. Os reis medievais, uma garantia de legitimidade. Os Tudor, uma fronteira armada contra o continente. Os britânicos do período napoleônico, uma trincheira contra a invasão. E, no século XX, uma central de comando em tempos de guerra industrial e aérea. Nenhuma dessas

camadas apagou a anterior. Elas se acumularam, como sedimentos de uma história militar que nunca deixou de dialogar com a geografia.

Hoje, visitar Dover é caminhar por esse palimpsesto de pedra, terra e subterrâneo. O turista vê torres, muralhas, corredores e salas restauradas. O historiador, porém, enxerga uma pergunta maior: por que certos lugares concentram tanta carga simbólica? A resposta está no próprio Canal da Mancha. Dover é o ponto em que a Inglaterra olha para a Europa e, ao mesmo tempo, se defende dela. Não por medo simples, mas por consciência estratégica. A fortaleza resume um traço central da identidade britânica: a ideia de que o mar separa, protege e ameaça ao mesmo tempo.

Se Windsor representa a monarquia em seu eixo interno e Edimburgo encarna a resistência escocesa, Dover representa a vigilância permanente. Ele é a margem armada da ilha, a sentinela que nunca descansou por completo. Talvez seja por isso que, mesmo em tempos de paz, o castelo continue a provocar a mesma sensação de urgência histórica. Ao olhar suas falésias, entende-se que a Inglaterra, por séculos, não se pensou apenas como reino, mas como fronteira. E Dover foi, mais do que qualquer outro lugar, o posto avançado dessa consciência.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/06/2026”

CASTELOS & CATEDRAIS



A Catedral que quis tocar o céu: como a Catedral Amiens definiu o auge do gótico francês



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/06/2026"

ARTE & ARQUITETURA

Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação



"A Catedral de Amiens nasceu de um incêndio e se tornou uma das maiores afirmações do gótico francês. Mais do que um templo, ela é uma síntese de fé, poder urbano e engenharia monumental, com altura, luz e escultura pensadas para impressionar e instruir"



No norte da França, a Catedral de Amiens surgiu de um incêndio, de uma relíquia e de uma ambição raríssima na Idade Média: construir um templo capaz de condensar fé, poder urbano e engenharia em escala monumental. Maior catedral gótica da França em volume interno, Amiens não é apenas um marco arquitetônico; é uma declaração de supremacia espiritual e técnica que ainda hoje impressiona pela precisão, pela altura e pela força simbólica.

A Catedral de Amiens se impõe logo à distância, como se a cidade tivesse sido organizada em torno dela e não o contrário. No coração da Picardia, sua fachada recortada parece subir sem esforço, mas o que sustenta essa impressão de leveza é uma combinação de cálculo, trabalho e ousadia que levou séculos para amadurecer. O

que se vê hoje nasceu de uma tragédia: em 1218, um incêndio destruiu a antiga catedral românica. Em vez de reconstruir o mesmo edifício, o bispo Evrard de Fouilloy e as elites locais decidiram apostar em algo muito mais ambicioso. A nova igreja deveria superar tudo o que existia em torno dela. A obra começou em 1220, com o mestre de obras Robert de Luzarches, e foi continuada por Thomas de Cormont e Renaud de Cormont. O resultado seria uma das criações mais sofisticadas do gótico clássico.



A dimensão de Amiens explica parte de sua fama, mas não tudo. O edifício é o maior da França em volume interno entre as grandes catedrais góticas, e sua nave alcança cerca de 42 metros de altura, um feito que, no século XIII, era quase uma declaração de desafio à gravidade. A engenharia não buscava apenas vencer o peso da pedra; queria abrir espaço para a luz. Os arcobotantes externos libertaram as paredes, permitindo vitrais amplos e uma verticalidade que transforma o interior em uma espécie de corredor entre o mundo terreno e o divino. Ao entrar na nave, o visitante não sente apenas a grandeza do espaço. Sente a intenção política por trás dele: a de fazer da arquitetura uma linguagem de autoridade. Amiens diz, em pedra, que a Igreja e a cidade são capazes de dominar técnica, matéria e imaginação ao mesmo tempo.



Mas Amiens também é uma obra profundamente urbana. Diferentemente de templos isolados em mosteiros ou santuários remotos, a catedral nasceu no meio de uma cidade em crescimento, marcada pelo comércio e pela circulação de riqueza. A economia local, impulsionada pelo trabalho artesanal e pelas rotas do norte da França, ajudou a financiar o empreendimento. Isso faz da catedral não apenas um monumento religioso, mas um investimento coletivo. Bispos, mercadores, corporações de ofício e peregrinos participaram, cada um à sua maneira, da construção de um símbolo que era tanto espiritual quanto cívico. Em Amiens, a catedral não pertence só à Igreja; ela pertence à cidade que decidiu se projetar para além de seus limites.

A fachada ocidental, concluída em grande parte em meados do século XIII, é um dos maiores teatros esculpidos do gótico europeu. Seus portais não servem apenas como entrada: funcionam como narrativa visual. O conjunto escultórico do chamado Beau Dieu ou "Belo Deus" de Amiens, mostra Cristo com uma

serenidade que contrasta com a teatralidade do julgamento e da salvação representados no restante da fachada. A iconografia foi pensada para instruir e impressionar ao mesmo tempo. Em uma era de baixo letramento, a pedra precisava falar. E falava com rigor. Profetas, apóstolos, anjos e cenas bíblicas compõem um programa de leitura pública sobre pecado, redenção e ordem. O efeito era claro: quem atravessava aquele portal não entrava apenas em um edifício, mas em um sistema de valores.



Entre os tesouros mais importantes da catedral está uma relíquia que ajudou a consolidar sua fama por séculos: a suposta cabeça de São João Batista, trazida de Constantinopla por Wallon de Sartou durante a Quarta Cruzada, em 1206. A autenticidade histórica da peça nunca foi o ponto principal; o que importava era sua força devocional. Como tantas relíquias medievais, ela atraía peregrinos, doações e prestígio. Amiens passou a ser não apenas um centro de arquitetura, mas um destino espiritual. O famoso labirinto de pedra incrustado no piso da nave reforçava essa dimensão simbólica. Percorrê-lo era uma forma de peregrinação interior, uma viagem condensada em geometria sagrada para aqueles que não podiam ir a Jerusalém. Na prática, a catedral oferecia ao visitante medieval um mapa do mundo cristão e, ao mesmo tempo, um caminho para dentro de si.

Ao longo dos séculos, Amiens resistiu melhor do que muitos monumentos de sua geração, mas não saiu ilesa da história. A Revolução

Francesa atingiu duramente seu patrimônio: esculturas foram mutiladas, imagens consideradas excessivamente ligadas à monarquia ou à religião tradicional foram destruídas, e o edifício passou a ser tratado, em certos momentos, mais como bem nacional do que como espaço sagrado. No século XIX, a redescoberta do gótico devolveu prestígio à catedral, e restauradores trabalharam para recompor parte do conjunto. Como tantas grandes igrejas francesas, Amiens também se tornou um espelho das disputas entre memória e modernização: preservar tudo como estava era impossível; alterar demais seria apagar a própria história.



A guerra do século XX trouxe outro tipo de ameaça. Amiens ficou no centro de uma região brutalmente atingida pelos conflitos mundiais, especialmente na Primeira Guerra, quando o norte da França se tornou linha de frente e corredor de destruição. A cidade sofreu intensamente, mas a catedral sobreviveu, embora cercada por danos, vibração de bombardeios e perdas patrimoniais no entorno. Esse contraste entre devastação urbana e permanência do templo reforçou sua condição de testemunha histórica. No pós-guerra, a restauração continuou, agora com técnicas modernas e uma sensibilidade nova para a conservação. A catedral foi inscrita como Patrimônio Mundial da UNESCO em 1981, consolidando seu status internacional.

Nas últimas décadas, Amiens ganhou também uma segunda vida como monumento de luz. O espetáculo noturno de projeções na

fachada, conhecido como Chroma, recupera a policromia medieval e devolve cor às esculturas, lembrando ao público que a pedra gótica nunca foi pensada para ser cinza e silenciosa como hoje a vemos. Essa reconstituição visual não é apenas turismo; é interpretação histórica. Ela mostra que a catedral era, na origem, um objeto vibrante, saturado de imagens e significados. O que parecia austero era, na verdade, intensamente sensorial. E esse detalhe diz muito sobre a Idade Média: longe de ser um tempo de escuridão, foi também um período de enorme sofisticação estética e intelectual.



Amiens permanece, portanto, como uma síntese rara. É templo, arquivo, laboratório de engenharia, palco cívico e monumento de memória. Se Chartres é frequentemente lembrada pela luz e Reims pela coroação, Amiens é a catedral da escala, da ambição e da precisão. Ela representa o momento em que o gótico francês atingiu sua maturidade plena, sem perder a capacidade de provocar assombro. Olhá-la hoje é perceber que a grandeza arquitetônica medieval não nasceu do acaso, mas de uma vontade coletiva de fazer da pedra uma forma de pensamento. E poucas obras na Europa expressam isso com tanta clareza quanto a Catedral de Amiens.

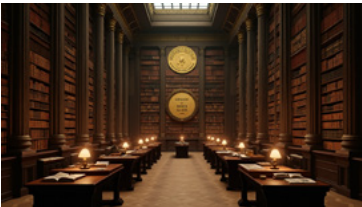


IMAGEM GERADA POR IA "usando Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/06/2026"

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1911 – Maurice Maeterlinck (Bélgica)

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



“Série: Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura”



Maurice Maeterlinck:
o poeta do invisível que fez do silêncio uma forma de teatro



Quando a Academia Sueca anunciou, em 1911, que o Prêmio Nobel de Literatura iria para Maurice Maeterlinck, muita gente, fora dos círculos teatrais, correu atrás de informações. Um belga escrevendo em francês, ligado ao simbolismo, autor de peças em que quase nada “acontece” no sentido convencional e, ainda assim, tudo vibra em tensão. Ao justificarem a escolha, os membros da Academia falaram em “produção literária de múltiplas faces, impregnada de imaginação poética e, em especial, por suas obras dramáticas, que revelam um senso de beleza raro e um profundo sentimento de mistério”.

Era uma forma elegante de dizer que estavam premiando alguém que tinha ousado transformar o teatro em lugar do indizível, da angústia quieta, do medo que não se explica por causas externas. Em uma época em que os palcos ainda eram dominados por dramas realistas, com conflitos nítidos e reviravoltas visíveis, Maeterlinck deslocou o foco: interessava-lhe menos o que se via e mais o que se pressentia. Sua obra é uma longa tentativa de escutar aquilo que parece sussurrar por baixo da vida cotidiana: o tempo, a morte, o acaso, aquilo que ele chamava de “o invisível”.

Infância em Gand e o encontro com o simbolismo

Maurice Maeterlinck nasceu em 1862, em Gand, então parte da Bélgica recém-independente. Vinha de uma família burguesa de língua francesa, ligada ao direito e ao comércio. O ambiente doméstico era confortável, mas não particularmente literário. Como muitos jovens de sua classe, foi encaminhado para estudos jurídicos e chegou a se tornar advogado. Parecia destinado a uma carreira sólida, previsível, respeitável.

Mas a literatura, que desde cedo o atraía, foi ganhando espaço. Em viagens a Paris, Maeterlinck entrou em contato com o simbolismo francês, movimento que reagia ao naturalismo e ao cientificismo dominantes, propondo uma arte que tentasse sugerir, mais do que descrever, os estados da alma. Baudelaire, Verlaine, Mallarmé e outros poetas o impressionaram profundamente. Viu ali um caminho possível: o de uma escrita que não fosse escrava da realidade visível.

Desencantado com o exercício da advocacia, Maeterlinck começou a escrever de modo sistemático. Seus primeiros textos ainda eram poemas, mas logo o teatro se impôs como campo privilegiado. Não o teatro de grandes gestos, porém. Ele queria algo mais raro: um palco onde as pessoas falassem pouco, mas carregassem consigo o peso do que não se diz. Em vez de heróis e vilões em choque, personagens simples, quase passivos, atravessando situações em que a verdadeira força em jogo parecia vir de fora deles, como se o destino, o tempo ou alguma presença impalpável ocupassem o centro da cena.

Pelléas et Mélisande e o nascimento do “teatro estático”

A peça que consolidou Maeterlinck como dramaturgo foi “Pelléas et Mélisande”, escrita em 1892. À primeira vista, a trama pode soar quase banal: Golaud, um príncipe de um reino indefinido, encontra no bosque uma jovem misteriosa, Mélisande, casa-se com ela e, com o tempo, ela e Pelléas, meio-irmão de Golaud, desenvolvem uma ligação afetiva que o marido enciumado não suporta. O enredo parece próximo de um triângulo amoroso clássico, com ciúme e tragédia.

Mas nada, ali, é tratado como melodrama. As falas são curtas, cheias de pausas. As personagens nunca dizem exatamente o que sentem; hesitam, murmuram, sugerem. O cenário, uma espécie de castelo antigo cercado de florestas e fontes, contribui para a sensação de sonho ou pesadelo. Há cenas em que praticamente nada acontece em termos de ação externa, mas o espectador, se entrar na cadência do texto, sente o clima de opressão aumentar.

Maeterlinck chamaria esse tipo de dramaturgia de “teatro estático”. Não se trata de ausência de movimento físico, mas de recusa de uma progressão baseada em grandes eventos. O que se move é o clima, o peso de uma presença silenciosa, a sensação de que algo inevitável, e não totalmente compreensível, se aproxima. Os personagens parecem mais sujeitos a forças que não dominam do que autores plenos de seus atos.

O impacto de “Pelléas et Mélisande” foi grande, sobretudo entre artistas. Claude Debussy transformou a peça em ópera, talvez a mais célebre adaptação musical de um texto simbolista, estreada em 1902. Na música de Debussy, como no texto de Maeterlinck, importa mais a atmosfera do que o melodrama. Essa cooperação indireta entre literatura e música ajudou a fixar a reputação de Maeterlinck como um dos nomes centrais do simbolismo europeu.

O pássaro azul e a busca pela felicidade

Se “Pelléas et Mélisande” é a peça que melhor representa o lado sombrio e opressivo da obra de Maeterlinck, “O pássaro azul”, escrita em 1908, mostra uma outra faceta, mais luminosa, ainda que igualmente metafísica. A peça conta a história de duas crianças, Tytyl e Mytyl, que partem em uma jornada para encontrar o pássaro azul da felicidade. Acompanham nas figuras alegóricas como a Luz, o Tempo, a Noite, e a própria Morte, em uma viagem que atravessa diferentes planos da existência.

À primeira vista, pode parecer um conto de fadas moralizante. No entanto, Maeterlinck evita lições óbvias. A peça sugere que a felicidade não está em um lugar distante, mas é algo que se reconhece naquilo que se tem, que se vive, que se perdeu. O pássaro azul, quando finalmente parece ter sido capturado, escapa. A mensagem, mais do que consoladora, é inquietante: não há posse definitiva daquilo que chamamos de felicidade. Ela é, em grande medida, exercício de percepção.

“O pássaro azul” fez enorme sucesso, especialmente entre públicos jovens e famílias. Montada em vários países, adaptada para cinema ao longo do século XX, a peça deu a Maeterlinck uma popularidade que outras obras suas, mais densas e sombrias, não alcançaram. A Academia



IMAGEM GERADAPOR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026”

Sueca, ao considerar o conjunto de sua produção, certamente levou em conta esse trabalho, em que a imaginação poética se aliava a um impulso mais claramente “edificante”, em sintonia com o gosto da época por obras que pudessem ser vistas também como parábolas morais.

Teatro do mistério, ensaios do invisível

Para além das peças mais famosas, Maeterlinck desenvolveu, em ensaios e textos teóricos, uma reflexão insistente sobre aquilo que chamava de “o trágico cotidiano”. Diferentemente da tragédia clássica, em que grandes acontecimentos irrompem na vida de personagens excepcionais, o trágico cotidiano, para ele, está na consciência difusa de que somos cercados por forças que não dominamos: a morte, o acaso, a doença, o envelhecimento, o tempo que passa e altera tudo sem aviso.

Em livros como “O tesouro dos humildes”, “A inteligência das flores” e “A vida das abelhas”, ele mistura observações sobre a natureza, reflexões filosóficas e tentativas de captar uma espécie de sabedoria silenciosa presente no mundo. Ao escrever sobre abelhas, por exemplo, não está interessado apenas na biologia da colmeia, mas no que aquele microcosmo sugere sobre organização, sacrifício, instinto, coesão e perigo.

Esse tipo de ensaio, meio científico, meio meditativo, conquistou muitos leitores no começo do século XX, especialmente em um público burguês que buscava, na literatura, alguma forma de orientação espiritual fora das instituições religiosas tradicionais. Maeterlinck, sem ser teólogo nem pregador, oferecia uma visão de mundo em que o mistério não se confundia com superstição, e a razão não excluía o assombro.

Ao mesmo tempo, essa inclinação ao “espiritualismo laico” seria alvo de críticas

posteriores. Pensadores mais rigorosos, tanto à direita quanto à esquerda, viam nessas obras uma espécie de religiosidade vaga, pouco ancorada em análise social concreta ou em filosofia consistente. Ainda assim, seu impacto sobre leitores comuns e sobre o imaginário artístico do período foi inegável.

O Nobel de 1911 e a consagração de um clima

A premiação de Maurice Maeterlinck em 1911 pode ser lida como uma espécie de coroamento de uma fase da literatura europeia em que o simbolismo e a exploração do “indizível” ganharam destaque. Em vez de premiar romancistas de grande fôlego épico ou poetas de retórica expansiva, a Academia optou por alguém que havia trabalhado precisamente no registro oposto: a sugestão, o silêncio, a pausa.

Naquele momento, a escolha parecia acertada para muitos. Maeterlinck representava um tipo de arte que havia marcado profundamente o fim do século XIX e a virada para o XX. Suas peças eram montadas em diversos países; sua colaboração indireta com a música de Debussy e com outros compositores ampliava seu alcance; seus ensaios encontravam eco em leitores interessados em uma espiritualidade fora dos moldes tradicionais.

Com o passar do tempo, no entanto, sua posição no panteão literário ficou menos evidente. O advento de outras vanguardas, como o expressionismo, o futurismo, o surrealismo, além da consolidação de dramaturgos como Ibsen, Tchekhov e, mais tarde, Brecht e Beckett, mudou o eixo da discussão teatral. O “teatro estático” de Maeterlinck, que em seu tempo fora visto como ousado, pareceu, a alguns, menos radical do que experiências posteriores.

Ainda assim, sua contribuição permanece. Ele ajudou a abrir caminho para formas de

teatro em que a ação externa é mínima, e o drama se concentra em estados de espírito, em atmosferas opressivas ou iluminadas, em dúvidas que não se resolvem por uma mera reviravolta. Certos ecos de sua obra podem ser encontrados na sugestão silenciosa de Tchekhov, na espera carregada de sentido de Beckett, em encenações contemporâneas que trabalham com o vazio e o quase nada como recursos expressivos.

Ler Maeterlinck hoje pode ser um exercício de paciência e de afinação de escuta. Seu texto não oferece a recompensa imediata de enredos agitadíssimos ou de discursos contundentes. Ele pede que o leitor ou espectador aceite entrar em um espaço de sombra, onde o que importa muitas vezes é aquilo que não se diz. Em tempos de excesso de informação e de ruído constante, essa disponibilidade para o silêncio e para o subtom talvez seja mais rara, mas também mais necessária.

A escolha da Academia, em 1911, ao consagrar Maurice Maeterlinck, registra para sempre, na história do Nobel, a importância de uma literatura que ousou fazer da demora, da insinuação e do mistério a sua matéria principal. É a lembrança de que, entre as muitas funções da arte, uma delas é justamente nos treinar para perceber o que há de mais delicado, mais frágil e mais difícil de formular na experiência humana. E nisso, com todos os limites que o tempo revelou, Maeterlinck foi, de fato, um mestre.



NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1912 – Gerhart Hauptmann (Alemanha)



Gerhart Hauptmann: o dramaturgo que deu voz às feridas sociais da Alemanha industrial



Quando a Academia Sueca escolheu Gerhart Hauptmann para o Nobel de Literatura de 1912, não premiou apenas um escritor de renome. Premiou, de certo modo, o principal nome do naturalismo alemão, um dramaturgo que havia colocado nas tábuas do palco as tensões da modernidade industrial, a miséria urbana, o choque entre classe, desejo e moral social. Hauptmann era,

naquele início de século, uma figura central da literatura de língua alemã, alguém que havia entendido cedo que o teatro podia ser mais do que entretenimento burguês; podia ser também denúncia, espelho e incômodo.

A justificativa da Academia falava em reconhecimento à sua “rica, variada e notável produção no campo da arte dramática”. A formulação é diplomática, mas o sentido é claro: Hauptmann representava o encontro entre técnica literária, ousadia temática e sensibilidade para os dramas concretos do tempo histórico em que viveu. Era, entre os laureados de sua geração, um caso especial, porque sua obra nascia do atrito entre a grande tradição dramática alemã e a emergência de uma nova Europa, marcada por fábricas, desemprego, alcoolismo, exploração e desintegração de velhos vínculos comunitários.

A formação de um autor à beira do abismo social

Gerhart Johann Robert Hauptmann nasceu em 1862, em Obersalzbrunn, na Silésia, região então pertencente ao Império Alemão, hoje parte da Polônia. Vinha de uma família relativamente modesta, proprietária de hotel, o que lhe deu contato com diferentes tipos sociais desde cedo. Esse detalhe biográfico não é secundário. Ao contrário de muitos escritores vindos diretamente da elite universitária, Hauptmann cresceu observando o vaivém de hóspedes, empregados, comerciantes, viajantes e figuras periféricas, um material humano que mais tarde reapareceria em suas peças e romances.

Sua juventude foi marcada por tentativas diversas. Estudou em escolas técnicas, tentou a escultura, viajou, buscou direção. Em Roma, entrou em contato com correntes artísticas e intelectuais que o aproximaram de uma sensibilidade mais moderna. O caminho para a literatura não foi linear nem precoce no sentido

romântico do “gênio nato”, mas amadureceu por meio de experiências concretas e de uma observação atenta da realidade social.

Na Alemanha do final do século XIX, o naturalismo estava se consolidando como movimento literário e artístico que queria romper com a idealização. Não bastava mais falar de heróis e nobres dilemas morais em abstração. Era preciso mostrar o corpo, o ambiente, a herança, o determinismo social, a fome, a doença, a fábrica, o alcoolismo, a degradação. Hauptmann tornou-se, talvez mais do que qualquer outro dramaturgo alemão, a expressão teatral mais forte desse impulso.

Os tecelões e a entrada da miséria no palco

A peça que o lançou de vez para o centro da cena literária foi “Os tecelões”, de 1892. Baseada na revolta dos tecelões da Silésia em 1844, a obra rompeu com boa parte do teatro convencional de sua época. Em vez de concentrar a ação em um protagonista individual de grande porte, Hauptmann apresentou o sofrimento coletivo de operários esmagados por salários miseráveis, fome e desespero.

Essa decisão formal é crucial. O drama não está apenas em um herói trágico, mas em uma classe inteira em estado de ruína. As falas dos personagens, o ambiente sufocante, a progressão da revolta, tudo contribui para mostrar o colapso de uma ordem social que já não consegue sustentar nem a dignidade mais básica dos que trabalham. Não há romantização da classe operária, nem idealização da rebelião, mas uma exposição severa da violência estrutural do sistema.

A peça causou escândalo e admiração. Para alguns, era teatro demasiadamente “sujo”, “baixo”, incapaz de oferecer a elevação moral esperada do palco. Para outros, era exatamente o que o teatro

precisava fazer. A miséria entrou na cena alemã de modo brutal, e Hauptmann passou a ser visto como um autor disposto a não desviar os olhos do que a burguesia preferia manter fora de vista.

Essa coragem não era gratuita. Hauptmann sabia que o realismo social, quando levado a sério, irrita porque impede a acomodação. Em “Os tecelões”, a revolta não surge do nada. Ela é produzida por um sistema de exploração que espreme os corpos e destrói qualquer expectativa de justiça. Ao tornar isso visível, o dramaturgo também obrigava o público a encarar sua própria posição.

Antes do amanhecer e o drama da degeneração

Se “Os tecelões” firmou Hauptmann como dramaturgo social, “Antes do amanhecer”, de 1889, já apontava o caminho. A peça trata de uma família em colapso moral e físico, marcada pelo alcoolismo, pela herança genética e pela devastação social. O naturalismo, ali, aparece em sua forma mais crua: a tese de que não somos seres isolados, mas criaturas profundamente moldadas por ambiente, herança e condição material.

O que torna essa peça relevante hoje não é apenas a famosa polêmica de sua estreia, mas a precisão com que Hauptmann observa a corrosão da vida doméstica. Não há uma moralização grosseira sobre “bons costumes perdidos”; há um estudo duro de como a modernidade, quando desigual e sem amparo, rompe as estruturas mínimas de convivência.

Esse interesse pela degradação humana não deve ser confundido com pessimismo barato. Hauptmann não escreve para dizer que tudo está perdido, mas para mostrar que os indivíduos não vivem em abstração. O meio social pesa, e pesa muito. No palco, isso se traduz em corpos fatigados, falas interrompidas, vergonha, desejo, ressentimento e pequenos gestos de humilhação que se acumulam até formar explosão.

O teatro alemão, com Hauptmann, deixou de ser mero espaço de declamação e se tornou laboratório de tensões sociais. A burguesia foi obrigada a assistir a sua própria imagem deformada pelas condições materiais que sustentava. Era difícil sair de uma peça de Hauptmann sem levar junto algum desconforto.

Entre realismo, simbolismo e ambição épica

Embora associado ao naturalismo, Hauptmann não ficou preso a uma única fórmula. Uma de suas qualidades mais interessantes é justamente a capacidade de mover-se entre registros diferentes. Em algumas obras, aproxima-se do simbolismo; em outras, arrisca formas mais líricas ou míticas; em outras ainda, busca uma amplitude quase épica.

Essa mobilidade impede que ele seja reduzido a mero “cronista da miséria”. Há, em sua produção, uma ambição estética maior, um desejo de dar conta da complexidade da existência moderna sem abandonar o rigor dramático. Em textos posteriores, ele explora temas históricos e lendários, além de questões morais e religiosas, mostrando que sua curiosidade literária ia além da denúncia social imediata.

Esse ponto é importante porque ajuda a entender por que o Nobel o escolheu. A Academia não estava premiando apenas um autor engajado nas feridas da industrialização, mas uma obra que combinava força de observação, variedade formal e uma presença incontestável no teatro europeu. Hauptmann representava, na visão dos jurados, a maturidade de uma literatura que sabia olhar o presente sem perder a ambição artística.

Ainda assim, sua fama inicial se associou sobretudo à dureza do naturalismo. E isso teve consequências para a recepção posterior. Quando correntes modernistas mais radicais apareceram, o naturalismo de Hauptmann passou a parecer, a alguns críticos, datado ou excessivamente preso ao documento social. Mas essa leitura esquece que, para sua época, a entrada de classes subalternas no palco foi uma revolução.

O Nobel de 1912 e o peso da Alemanha literária

Ao premiar Gerhart Hauptmann em 1912, a Academia Sueca reconhecia não apenas um autor individual, mas a centralidade da literatura

alemã no cenário europeu. A Alemanha era então um dos grandes centros de produção intelectual do continente, e Hauptmann ocupava posição singular dentro desse quadro. Sua obra já havia sido amplamente discutida, encenada e traduzida. Era uma escolha com forte peso simbólico.

Nesse sentido, o Nobel de Hauptmann é também um marco da consolidação do prêmio como instituição que não queria apenas celebrar beleza abstrata, mas legitimar certos retratos da modernidade. A dramaturgia dele oferecia isso em dose forte: o palco deixava de ser espaço de refinamento social e se tornava arena de conflito entre classes, crenças, heranças e impulsos.

A recepção foi majoritariamente positiva, embora não isenta de críticas. Havia quem considerasse que o autor, apesar da relevância, não tinha a mesma estatura poética de certos nomes ignorados pela Academia. Esse tipo de discussão acompanharia o Nobel por décadas, e Hauptmann seria um dos primeiros casos em que a pergunta “merecia ou não merecia?” convivia com o reconhecimento inequívoco da importância histórica do premiado.

Do ponto de vista do próprio autor, o prêmio consolidava uma trajetória que já havia passado por enorme prestígio, mas também por debates estéticos acalorados. Hauptmann não era um estreante, mas uma figura madura, no auge de sua reputação. O Nobel veio como coroação de uma obra que, goste-se dela ou não, havia mudado o teatro alemão.

O que fica de Hauptmann hoje

Ler Hauptmann hoje é, antes de tudo, lembrar que o teatro pode ser um instrumento de pressão moral e social sem perder densidade artística. “Os tecelões” ainda impressiona pela capacidade de dar forma à revolta coletiva sem transformá-la em propaganda tosca. “Antes do amanhecer” continua perturbador por sua visão sem concessões da vida doméstica corroída. E outras peças do autor mantêm interesse justamente porque trabalham numa zona de fronteira entre documento e arte.

Claro, seu naturalismo pode soar distante para leitores acostumados à velocidade das narrativas contemporâneas. Mas há algo de fundamental em sua recusa da superficialidade. Hauptmann quer que o espectador veja a estrutura, o peso, a origem das dores. Seu teatro não se contenta com sentimentos isolados; ele quer o contexto.

Talvez por isso seu legado, embora menos celebrado fora do meio especializado, continue importante para quem tenta entender como a literatura europeia enfrentou a modernidade industrial. Hauptmann não “resolve” nada. Ele mostra. E, ao mostrar com tanta insistência as feridas sociais da Alemanha, deixou uma obra que ainda conversa com debates muito atuais sobre desigualdade, exclusão e violência estrutural.

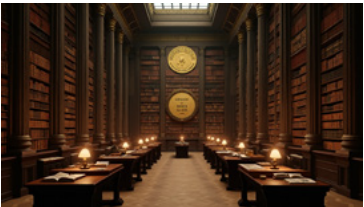
No conjunto dos laureados do Nobel, Gerhart Hauptmann ocupa um lugar decisivo. Foi um daqueles escritores que provaram que a arte podia olhar de frente a lama sem perder grandeza. Em 1912, a Academia Sueca reconheceu isso. E, mais de um século depois, ainda vale a pena ler suas peças como testemunho de uma época em que a literatura decidiu descer ao chão e ouvir as vozes que a Europa preferia esquecer.



NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1913 – Rabindranath Tagore (Índia)

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



“Série: Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura”



Rabindranath Tagore:
o poeta que fez a Índia falar ao mundo



Quando Rabindranath Tagore recebeu o Nobel de Literatura em 1913, o gesto da Academia Sueca foi maior do que a simples consagração de um poeta. Pela primeira vez, o prêmio recaía sobre um autor asiático, e isso mudava a geografia simbólica da literatura mundial. Até então, o Nobel parecia pertencer quase naturalmente à Europa, com seus cânones, suas línguas dominantes e sua convicção tácita de que a alta cultura tinha endereço fixo no Ocidente. Com Tagore, essa hierarquia sofreu uma fratura visível.

Mas a premiação também expôs um equívoco recorrente da recepção ocidental: o de reduzir Tagore a um poeta místico, quase etéreo, como se sua obra fosse apenas uma coleção de preces delicadas, desligadas da história, da política e da vida concreta. Foi assim que muitos o leram na Inglaterra e nos Estados Unidos, seduzidos pela musicalidade de seus versos e pela introdução entusiasmada de W.B. Yeats. Só que Tagore era muito mais do que o autor de uma espiritualidade bem-pensada para consumo europeu. Era romancista, dramaturgo, compositor, ensaísta, educador, reformador social e uma das inteligências mais agudas do seu tempo.

O Nobel de 1913, portanto, coroou uma figura singular, mas também abriu uma longa discussão sobre como o Ocidente interpreta os artistas vindos de sociedades colonizadas. Em Tagore, havia beleza, sem dúvida, mas também uma modernidade complexa, enraizada na Bengala do fim do século XIX, atravessada por tensões entre tradição e reforma, religiosidade e crítica social, universalismo e identidade nacional. Ler Tagore hoje significa aceitar essa complexidade sem tentar domesticá-la.

Rabindranath Tagore nasceu em 1861, em Calcutá, numa das famílias mais influentes do renascimento cultural bengali. Os Tagore, ou Thakur, como também eram conhecidos,

pertenciam a uma elite intelectual que respirava política, música, literatura e reforma social. A casa da família, em Jorasanko, não era apenas residência. Era um centro de efervescência cultural. Havia discussões sobre religião, peças teatrais encenadas em ambiente doméstico, música a qualquer hora, visitas de pensadores e uma inquietação constante diante do futuro da Índia sob domínio britânico.

Tagore não foi um aluno exemplar do modelo escolar colonial. Detestava a rigidez da sala de aula, o aprendizado mecânico, a disciplina que não estimulava o pensamento. Sua formação verdadeira aconteceu em casa e nas viagens. Ainda jovem, foi para a Inglaterra, onde entrou em contato com a literatura ocidental, mas sem nunca se deixar absorver por completo por ela. O que leu em inglês e o que herdou do bengali conviveram em sua escrita de modo orgânico, sem submissão servil a nenhum dos dois mundos.

A juventude de Tagore foi marcada por uma espécie de simultaneidade rara. Ele podia absorver a poesia devocional vaishnava, o imaginário popular rural, a herança filosófica indiana e, ao mesmo tempo, dialogar com Shakespeare, Shelley e a lírica moderna europeia. Desse cruzamento nasceu uma voz que não soa derivativa. Ao contrário, sua obra se constrói justamente por não se enquadrar nos modelos coloniais de “literatura de imitação”. Tagore escreve como quem funda uma língua literária própria dentro do bengali moderno.

Os primeiros poemas e canções já revelavam essa vocação. Mais tarde, ele publicaria textos que circulavam entre a literatura e a música, entre a meditação e o canto. Sua sensibilidade para o ritmo fazia com que cada palavra parecesse escolhida não apenas pelo sentido, mas pela respiração. Em Tagore, a frase não é só uma frase. Ela é também som, pausa, cadência, atmosfera.

O livro que levou Tagore ao centro da atenção internacional foi Gitanjali, ou Oferenda lírica, publicado em inglês em 1912 a partir de uma seleção de poemas originalmente escritos em bengali. É importante insistir nesse ponto, porque muitas leituras posteriores ignoraram a mediação da tradução e trataram o livro como se fosse uma obra integralmente inglesa. Não era. Tagore traduziu e adaptou seus próprios poemas, e esse gesto já revela a delicadeza do processo. Não se tratava de mera transposição literal, mas de recriação.

O impacto em leitores europeus foi imediato. Yeats, que escreveu a introdução da edição inglesa, ficou impressionado com o tom de despojamento e com a sensação de entrega espiritual que os poemas transmitiam. Para um público cansado da retórica grandiloquente e das formas mais pesadas do fim do século XIX, aquilo soava novo. Havia uma simplicidade aparente, mas não simplismo. Havia uma linguagem que parecia conversar com o absoluto sem perder a intimidade do corpo e da paisagem.

Um dos grandes méritos de Gitanjali é conseguir unir o íntimo e o universal sem forçar a barra. Em Tagore, a experiência individual não é minúscula, e o transcendente não é abstrato. O eu que fala nos poemas está sempre atravessado por uma vida concreta, por uma relação com o mundo, com o trabalho, com a dor, com o desejo e com a natureza. O sagrado, longe de ser uma abstração solene, surge muitas vezes como presença viva, próxima, quase doméstica.

Ao mesmo tempo, a recepção ocidental simplificou esse universo. Muitos críticos passaram a ver Tagore como um poeta da serenidade oriental, quase sem conflito. Isso é apenas parte da história. Seus versos também falam de perda, de inadequação, de uma espécie de fome interior que nunca se resolve inteiramente. A beleza de Gitanjali está justamente em ser uma obra de súplica e de pergunta, não de resposta definitiva. O poema não encerra o mundo, ele o mantém aberto.

Se Tagore tivesse escrito apenas poesia, já seria enorme. Mas o que o torna incontornável é a amplitude da obra. Ele foi romancista de primeira grandeza, contista preciso, autor de teatro, compositor de canções, ensaísta de posição firme e pensador político nada ingênuo. Em romances como Gora e A Casa e o Mundo, ele examina com rara inteligência as contradições da identidade nacional, o peso da religião, o lugar da mulher, o conflito entre modernização e tradição.

Em Gora, talvez seu romance mais ambicioso, Tagore enfrenta diretamente a questão da identidade indiana num mundo colonial em ebulição. O protagonista, criado como hindu fervoroso, descobre uma origem que abala suas certezas. O romance não se limita a uma revelação biográfica. Ele vira um estudo sobre pertencimento, preconceito, hierarquia social e os



IMAGEM GERADAPORIA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/06/2026”

limites do nacionalismo quando este se converte em dogma. Já em A Casa e o Mundo, Tagore observa as paixões políticas do movimento swadeshi, com sua mistura de idealismo, violência e sedução moral. Ali, ele mostra algo fundamental: a política não é feita só de ideias, mas de afetos, desejos e manipulações.

Nas histórias curtas, sua capacidade de condensação é admirável. Contos como Kabuliwala mostram um gesto muito seu, que é o de olhar para o outro sem reduzi-lo a tipo social. O vendedor afegão que bate à porta de uma casa bengali poderia ser apenas figura pitoresca. Sob a pena de Tagore, ele se torna um personagem de profundidade emocional, alguém atravessado por saudade, distância e humanidade compartilhada. É um conto breve, mas de grande força porque recusa o exotismo fácil e aposta na empatia.

E há ainda a música. Tagore compôs centenas de canções, hoje conhecidas como Rabindra Sangeet, que ocupam um lugar especial na cultura bengali. Sua relação com a música não era acessória. Ele via na canção uma forma de expressão em que palavra, melodia e sentimento se completam. Em muitos casos, seu trabalho musical ajudou a definir a sensibilidade de toda uma região. O mesmo vale para seu teatro, em que o lirismo e a reflexão moral se entrelaçam de modo quase inseparável.

Tagore foi, ao mesmo tempo, profundamente ligado à Índia e desconfiado de qualquer forma rígida de nacionalismo. Esse ponto é crucial para entender sua estatura intelectual. Ele admirava o despertar político de seu país, mas temia que a luta contra o domínio britânico fosse capturada por novos autoritarismos, novas exclusões e novas idolatrias. Em ensaios e conferências, crítico a ideia de nação quando esta se transforma em máquina de uniformização e hostilidade.

Essa postura lhe custou incompreensões. Para nacionalistas mais exaltados, Tagore parecia excessivamente universalista, talvez até ambíguo.

Para muitos ocidentais, por outro lado, ele era lido como um sábio espiritual acima das turbulências do mundo real. Nenhuma dessas imagens o define por inteiro. Tagore não era um santo literário nem um profeta distante. Era um homem profundamente implicado nas disputas do seu tempo, mas relutante em trocar pensamento por slogan.

Em 1901, fundou a escola de Santiniketan, depois transformada em universidade, com a ideia de criar um modelo educacional que rompesse com a rigidez colonial. O projeto valorizava o contato com a natureza, a liberdade intelectual e a formação integral do ser humano. Não era apenas pedagogia. Era uma declaração de princípios sobre o tipo de civilização que ele desejava para a Índia. Em vez de submissão mecânica à autoridade, diálogo. Em vez de confinamento, abertura. Em vez de repetição, imaginação.

Sua atitude diante do colonialismo britânico ficou ainda mais conhecida em 1919, quando renunciou ao título de cavaleiro concedido pela Coroa, em protesto contra o massacre de Jallianwala Bagh, no qual tropas britânicas mataram centenas de civis desarmados. Embora isso tenha acontecido anos depois do Nobel, o gesto esclarece sua biografia moral. Tagore não era um adorno exótico do Império. Era uma consciência crítica, capaz de elogiar o diálogo entre culturas sem aceitar a violência colonial como destino natural.

A Academia Sueca, ao premiá-lo em 1913, reconheceu sua “poesia profundamente sensível, fresca e bela”. A formulação, ainda que correta, talvez continue sendo pequena diante do tamanho do fenômeno Tagore. O Nobel fez dele um nome mundial, mas também produziu uma espécie de máscara. O Ocidente passou a desejar nele exatamente o que já estava pronto para consumir: espiritualidade, serenidade, exotismo refinado, uma Índia sem conflito.

Só que o verdadeiro Tagore é mais inquieto. Sua obra atravessa a delicadeza e a fratura, o

íntimo e o político, o canto e a crítica. O prêmio o tornou célebre, mas também o encaixou numa imagem limitada. Em parte, essa imagem foi construída por leitores sinceramente admirados. Em parte, por um olhar colonial que preferia ver no escritor oriental uma fonte de sabedoria suave, sem demasiada aspereza histórica.

Com o tempo, porém, a leitura ficou mais justa. Tagore passou a ser entendido como figura central do modernismo não europeu, um autor que reformulou a literatura bengali e, ao mesmo tempo, propôs uma visão de mundo em diálogo tenso com o Ocidente. Seu trabalho ajuda a entender como a modernidade literária não pertence apenas às capitais europeias. Ela também foi produzida em Calcutá, em Bangalores, em aldeias, em escolas experimentais, em canções compostas para um país em formação.

Hoje, ler Tagore é entrar em contato com um escritor que recusou tanto a submissão ao cânone colonial quanto o fechamento em um nacionalismo estreito. Sua força vem justamente dessa recusa dupla. Ele queria uma Índia capaz de falar ao mundo sem pedir licença, mas também sem abandonar sua pluralidade interna. Queria uma literatura que acolhesse a beleza sem se desligar do sofrimento humano. Queria uma educação livre, uma política menos fanática e uma espiritualidade menos ornamental. Por tudo isso, o Nobel de 1913 foi mais do que um prêmio. Foi a confirmação de que uma voz da Índia poderia, enfim, ocupar o centro da literatura mundial sem se apagar em tradução alguma. Rabindranath Tagore não entrou na história apenas como o primeiro laureado asiático. Entrou como um escritor que alargou o mapa do possível. E esse talvez seja o melhor resumo de sua grandeza.

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1914 – não concedido (sem laureado)



própria humanidade se dividia em blocos armados? Como celebrar a palavra em meio ao ruído dos canhões?



O dilema da Academia Sueca: neutralidade, informação e legitimidade

Ao longo de 1914, a Academia Sueca enfrentou três problemas principais.

1. A neutralidade em risco

A Suécia mantinha uma posição oficial de neutralidade na guerra. Qualquer escolha de laureado naquele ano poderia ser interpretada como gesto político. Premiar um autor alemão, por exemplo, seria lido em Paris e Londres como sinal de simpatia pelo Império Alemão. Premiar um escritor francês ou britânico soaria, em Berlim e Viena, como provocação.

O Nobel, que já carregava um componente político, de repente se viu no epicentro de um conflito em que a cultura também servia de arma simbólica. A Academia corria o risco de ver sua credibilidade internacional abalada, qualquer que fosse a decisão.

2. Falta de informação confiável

A rotina de avaliação dos candidatos dependia de livros, pareceres críticos, cartas e relatórios enviados por acadêmicos e instituições de vários países. Com a guerra, esse fluxo de informação foi seriamente comprometido. Obras não chegavam, cartas se perdiam, comunicações eram atrasadas ou censuradas.

Em outras palavras, faltava base sólida para uma escolha minimamente equilibrada. Conceder o prêmio com dados parciais poderia ser visto como arbitrariedade.

3. A questão moral

Havia ainda uma pergunta incômoda: era moralmente aceitável, em 1914, manter a cerimônia anual como se nada tivesse acontecido? Para parte dos membros da Academia, premiar um escritor naquele momento soaria quase obscuro, como se o mundo civilizado continuasse funcionando normalmente, apesar dos milhões de jovens enviados ao front.

O Nobel havia sido pensado como celebração de realizações humanas excepcionais; a guerra parecia negar, na prática, qualquer pretensão de grandeza civilizadora.



1914: quando o silêncio virou mensagem

Diante desse conjunto de obstáculos, a Academia optou pelo silêncio. O registro oficial é seco: o prêmio não foi concedido. Mas, à distância, esse gesto ganha um peso simbólico significativo.

Não conceder o prêmio foi, em si, uma forma de reconhecer que a Europa vivia uma ruptura tão profunda que qualquer tentativa de continuidade simbólica seria artificial. O silêncio funcionou como espécie de confissão: a literatura, naquele momento, não tinha como se colocar acima da história.

A ausência de laureado sinalizou que o Nobel, ao contrário do que às vezes se imagina, nunca foi um prêmio puramente literário, imune às circunstâncias. Ele sempre esteve enredado nas tensões políticas, morais e culturais de seu tempo. Em 1914, essas tensões atingiram um ponto tal que o gesto mais honesto foi não escolher ninguém.

A guerra como catástrofe cultural

A Primeira Guerra Mundial não só destruiu vidas e cidades. Ela quebrou também um certo consenso sobre o papel da arte e da literatura. Antes de 1914, muitos acreditavam que a cultura europeia caminhava, mesmo com conflitos pontuais, em direção a um refinamento contínuo. O pós-guerra mostraria o oposto: a barbárie podia coexistir com Beethoven, Goethe e Victor Hugo.

Para a literatura, isso significou mudança de tom e de temas. A ironia ganhou força, o desencanto se tornou dominante, e o modernismo encontrou terreno fértil para questionar linguagens tradicionais. Autores que viveram a guerra, nas trincheiras ou longe delas passaram a escrever a partir de um trauma que tornava qualquer elogio ingênuo ao progresso praticamente impossível.

Nesse contexto, a decisão do Nobel em 1914 aparece como parte do mesmo movimento de choque. A ausência de prêmio é também um registro de que a própria ideia de “celebração da civilização” havia sido ferida.

O retorno do prêmio e a escolha de Romain Rolland

Quando a Academia retomou a concessão do Nobel de Literatura, em 1915, o mundo já não era o mesmo. O laureado foi Romain Rolland, escritor francês conhecido tanto por sua obra quanto por sua postura pacifista. Seu romance Jean-Christophe, que narra a vida de um músico alemão em conflito com o nacionalismo, e seus ensaios em favor de uma fraternidade acima das fronteiras, dialogavam diretamente com a tragédia em curso.

A escolha de Rolland, portanto, não foi neutra. Depois do silêncio de 1914, a Academia justificou seu retorno destacando um autor que simbolizava justamente a possibilidade de uma ponte entre nações em guerra. O prêmio voltava, mas marcado pela experiência da catástrofe, atento a obras que refletissem sobre a crise em vez de ignorá-la.

Outros silêncios, mesma ferida

O ano de 1914 não foi o único em que o Nobel de Literatura deixou de ser concedido. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, houve novos hiatos. Mas 1914 permanece emblemático por ser o primeiro grande silêncio, o momento em que a instituição, ainda jovem, se viu obrigada a confrontar a distância entre o ideal de “fraternidade entre os povos” e a realidade de um continente em chamas.

Esse silêncio é, hoje, parte integrante da história do prêmio. Ele lembra que prêmios literários não são apenas listas de vencedores; são também registros dos momentos em que a cultura hesitou, recuou ou preferiu calar diante da brutalidade do mundo.

O que 1914 diz ao nosso tempo

Revisitar a ausência do Nobel em 1914 é mais do que curiosidade histórica. Em épocas de novas crises, guerras, colapsos institucionais, polarizações extremas a pergunta volta: qual é o papel da literatura? Continuar premiando, ainda que o mundo desabe, é uma forma de resistência ou de alienação? Silenciar-se é gesto de respeito ou omissão?

A resposta não é simples, e talvez nunca seja. O que 1914 mostra é que instituições culturais, por mais estáveis que pareçam, também vacilam. Que o reconhecimento do limite pode ser, em certos casos, mais honesto do que a insistência em uma normalidade perdida.

Ao olhar para aquele espaço em branco na lista de laureados, não vemos apenas a ausência de um nome. Vemos um momento em que a Academia Sueca admitiu que a literatura, por um instante, não sabia exatamente o que dizer e transformou esse não saber em memória.

Em tempos em que se cobra da arte posicionamento imediato sobre tudo, o silêncio de 1914 continua a lembrar que, às vezes, a pausa também é mensagem. E que, mesmo sem coroar ninguém, aquele ano deixou uma das declarações mais fortes da história do Nobel: a de que a cultura não paira acima das ruínas; ela é, inevitavelmente, construída em meio a elas.

O Silêncio Eloquente: 1914 e a Crise Existencial do Prêmio Nobel de Literatura



O Silêncio Eloquente: 1914 e a crise existencial do Prêmio Nobel de Literatura



Em meio ao brilho e otimismo da chamada Belle Époque, a Europa de 1914 acreditava estar à beira de uma era definitiva de progresso. A eletrificação se expandia, as cidades cresciam, os trens encurtavam distâncias e as artes pareciam viver um momento de exuberância. No centro desse clima de confiança, o recém-criado Prêmio Nobel de Literatura consolidava-se como um dos grandes símbolos da cultura europeia, coroando autores que, supostamente, expressavam o melhor do espírito humano.

Então veio o verão de 1914. Em poucas

semanas, o continente mergulhou em uma guerra de proporções inéditas. A confiança no progresso virou trincheira, gás, arame farpado. E, diante desse cenário, a Academia Sueca tomou uma decisão que até hoje intriga leitores e historiadores: não conceder o Nobel de Literatura. Na lista oficial, o ano aparece vazio. Não houve laureado. Mais do que um hiato burocrático, aquele silêncio tornou-se um comentário involuntário sobre o colapso de um mundo.



Antes da tempestade: a Belle Époque e a consolidação do Nobel

Instituído em 1901, o Prêmio Nobel de Literatura era produto direto do otimismo do início do século XX. A ideia de Alfred Nobel, industrial sueco que fez fortuna com explosivos, era recompensar figuras que tivessem produzido “a obra mais notável em direção ideal” no campo das letras. A redação vaga permitia uma ampla margem de interpretação, mas a intenção era clara: associar literatura a um ideal de elevação moral, civilização e paz.

Na primeira década do século, a Academia premiou autores como Sully Prudhomme, Theodor Mommsen, Rudyard Kipling, Romain Rolland viria em 1915. A escolha de nomes diversos, de diferentes países, reforçava a ideia de um diálogo cultural europeu relativamente coeso, ainda que permeado por rivalidades nacionais.

Esse cenário se apoiava na confiança de que a cultura poderia funcionar como ponte entre povos, mesmo em contextos de tensão política. O Nobel, nesse sentido, era menos um prêmio estritamente literário e mais um gesto diplomático, um instrumento simbólico de equilíbrio em um continente que parecia civilizado demais para se autodestruir.



De Sarajevo às trincheiras: literatura em suspensão

O assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando em Sarajevo, em 28 de junho de 1914, foi o estopim de uma crise que vinha se acumulando há anos. Em agosto, a Europa estava em guerra. Em poucas semanas, mobilizações em massa, censura, propaganda e deslocamentos de populações transformaram o cotidiano.

Escritores não ficaram à margem. Muitos foram convocados como soldados; outros, engajados em campanhas patrióticas; alguns, rapidamente se tornaram críticos do conflito. A circulação de livros, jornais e correspondências foi afetada. Fronteiras se fecharam, rotas comerciais foram interrompidas, censores passaram a filtrar o que podia ou não ser publicado.

Nesse contexto, a própria ideia de premiar um escritor com um troféu internacional parecia deslocada. Como escolher uma voz representativa da “humanidade” quando a

LITERATURA

O Papel do Romance Histórico na Preservação da Memória Coletiva



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduiche CAPES na Université Paris-Cité, Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.

@marianapacheco.mp

"O romance histórico aparece neste texto como uma ponte entre pesquisa e imaginação, capaz de devolver humanidade ao passado e ampliar a memória coletiva"



Em sua tentativa de ensinar jovens a cultivar uma vida de leitura, o grande autor C.S Lewis apresenta a literatura como uma forma de viajarmos no tempo, já que “apenas a História não é o suficiente, já que a disciplina estuda o passado apenas à luz de autoridades secundárias”. E expõe ainda que, dentro da universidade, o curso de Literatura é mais libertador e permite o conhecimento sobre outras realidades do passado, os colocando como “expectadores” de uma parte do “tempo e da existência”.

Lewis descreve os romances históricos, mesmo que tenha diminuído consideravelmente “Os Três Mosqueteiros”, de Alexandre Dumas, um marco da literatura histórica e de Capa e Espada da França. Ainda assim, ambos, obra e a fala do autor inglês, expõe a relevância do gênero e sua preciosa função: uma aproximação mais agradável e humana de momentos históricos, através da narrativa de personagens reais e ficcionais, em que leitores se posicionam como viajantes do tempo.



O estilo surgiu em meados do século XIX na Escócia, mas não possui um período específico para ser retratado nessas obras, podendo abordar desde o período medieval até o século XX. Os autores escolhem um acontecimento real do passado – guerras, revoluções, manifestações, etc. de escala global ou local – e combiná-los com a ficção imaginada, colocando personagens irreais em cena das figuras que realmente

existiram, no mesmo plano e até com diálogos compartilhados. Desta forma se humaniza a história tão endurecida em livros didáticos.



Um bom romance histórico deve prezar por uma pesquisa profunda do momento real em que os personagens fictícios serão inseridos, com o propósito de que aquele fato verídico seja o ponto de partida e ambientação da narrativa. É preciso buscar a legitimação do que é escrito, com documentos e referências confiáveis, além da tentativa de recuperar estruturas sociais, culturais, políticas e estilos do passado, e apresenta-los na narrativa. Afinal, o autor precisa conhecer profundamente sobre o que escreve.

Normalmente tal enredo usa de temas heroicos, com personagens de valores éticos e morais, além de objetivos nobres a serem alcançados. Eles podem ter relações com figuras históricas (que realmente existiram) ou

protagonistas típicos, inventados, mas de acordo com os padrões da época. Existe uma hierarquia dos personagens neste gênero: personagens centrais, que geram mudanças; personagens médios com aventuras pessoais durante a trama; o herói formado pelo coletivo de um grupo; e os marginalizados, com traços externos ou de personalidade própria.



Dito isso, podemos já lembrar de títulos de romances históricos marcantes: “Guerra e Paz” e “Os Miseráveis” são clássicos inesquecíveis, mas autores como Bernard Cornwell, com “As Crônicas Saxônicas”, e Umberto Eco com “O Nome da Rosa” também fazem jus à narrativa na atualidade. Em todos os casos é dada a permissão de compreender os acontecimentos, suas motivações e como podem ter influenciado a relação humana do passado com o presente.

E indo além, os romances históricos também

resguardam estilos, tradições, linguagem e narrativas do período em que foram escritos. O romance e a galanteria entre espadas dominam em “Os Três Mosqueteiros”; já Victor Hugo não economiza os detalhes das barricadas e dos jovens revolucionários de 1830; Eiji Yoshikawa também coloca o leitor a par do Japão feudal e os códigos samurais em “Musashi”, Bernard Corwell nos transporta pelas guerras em cada um dos seus livros, com cenas vivas e soldados que sentem a cada momento de tensão.



Também válido dizer que, apesar da evolução literária, o romance de época ainda se estende ao sucesso de autores americanos e ingleses, escritos principalmente por mulheres, enquanto o romance histórico se permitiu expandir para outros países, e que autores de nacionalidade mais diversificadas contassem a história de seus países e também de outros países de acordo com a sua forma de olhar aquele período histórico.

Logo, o romance histórico preserva na memória coletiva de seus autores o passado, não apenas o relato de fatos, mas sua humanidade e os hábitos culturais e sociais daqueles que podem tê-los vivido, graças à pesquisa profunda costurada minuciosamente, tal como uma colcha de retalhos, com a imaginação dos autores, ao ponto de que o leitor não saiba onde a realidade termina e a ficção termina. Assim, se prende pela emoção e identificação, indo além do aprendizado e a construção da criticidade do conhecimento.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/06/2026”

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

ACESSE AQUI

LITERATURA

Victor Hugo e a Redenção Pela Literatura



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar



Victor Hugo em 1876 (photo par Étienne Carjat)

Victor Marie Hugo nasceu em 26 de fevereiro de 1802, na cidade de Besançon, em um contexto marcado pelas transformações políticas que sucederam a Revolução Francesa. Filho de Léopold Hugo, general do exército napoleônico, e Sophie Trébuchet, católica e defensora da monarquia, cresceu imerso em visões de mundo contrastantes que influenciariam sua formação intelectual e sensibilidade artística. Após a separação dos pais, estabeleceu-se em Paris com a mãe aos 11 anos de idade.

Desde muito jovem, demonstrou interesse pela poesia e destacou-se em concursos literários. Na adolescência, cultivou uma rotina disciplinada de escrita, mantendo diários, produzindo versos e delineando o que seria sua trajetória literária. Sua estreia oficial ocorreu em 1822, com a publicação de Odes et Poésies Diverses, obra ainda marcada pelo classicismo e pela religiosidade herdada da mãe.

Victor Hugo, mais lembrado da literatura francesa. Seu rosto consta nos manuais escolares, suas frases circulam nas redes sociais, suas obras seguem nos palcos e nas telas. Mas, por trás do escritor venerado, existe uma figura complexa: político destemido, poeta obsessivo, dramaturgo polêmico e, sobretudo, um homem que moldou a própria vida ao redor da escrita. Ele não escrevia somente sobre o mundo, escrevia a partir dele, inscrevendo-se em sua própria época.

A Redenção Como Legado

A obra de Victor Hugo permanece atual porque articula estética e ética de modo inseparável. Sua literatura é, ao mesmo tempo, denúncia e esperança; crítica e consolo; testemunho e profecia. Em um mundo marcado por desigualdades persistentes, Hugo lembra que a arte pode, e deve, intervir na realidade.

Ele acreditava que a humanidade avança quando reconhece a dignidade dos mais vulneráveis. E a literatura, para ele, é uma das formas mais poderosas de promover esse reconhecimento. No prefácio de Cromwell (1827), afirma que a literatura deve refletir “o sublime e o grotesco”, pois só assim alcança a verdade humana. Essa concepção amplia o campo literário e legítima

temas antes considerados indignos da arte, a miséria, a injustiça, a violência institucional.

Seus livros não nasceram de abstrações. Os Miseráveis emergiram da dor do exílio. Notre-Dame de Paris foi escrito em meio ao debate sobre o patrimônio francês. Os poemas de As Contemplaões carregam o peso de uma perda pessoal. Cada obra corresponde a uma etapa vivida, e é nessa relação orgânica entre biografia e bibliografia que reside sua singularidade.

A redenção não é tema lateral em Victor Hugo, é o núcleo de sua visão de mundo. Ele acreditava que o ser humano é falível, mas essencialmente perfectível. A literatura, para ele, não era entretenimento: era força civilizatória, capaz de iluminar consciências.

A Redenção Social Em Os Miseráveis

A partir da década de 1840, Victor Hugo aproximou-se cada vez mais da política. Foi nomeado par da França em 1845 e, com a Revolução de 1848, eleito deputado na Assembleia Nacional. Nesse contexto, sua produção literária tornou-se mais crítica, voltada à justiça social e ao debate político. As ideias que desenvolveria amplamente em Os Miseráveis começaram a ser gestadas nesse período de engajamento e contradição.

Uma obra que sintetiza sua visão humanista é Les Misérables (1862). O romance articula uma crítica contundente às estruturas sociais que produzem exclusão e violência, ao mesmo tempo em que oferece uma saída: compaixão, educação e justiça.

Jean Valjean, figura emblemática da redenção, encarna a crença de Hugo na capacidade humana de transformação. O ex-presidiário que se torna benfeitor é mais do que um personagem: é um manifesto. A recepção foi intensa, aclamado por uns, acusado de sentimentalismo por outros, mas o impacto foi imediato, consolidando-se como um dos romances mais lidos da literatura francesa.

Victor Hugo não romantiza a miséria; ele a denuncia. Mas também não se entrega ao



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/06/2026”

pessimismo. Sua escrita insiste na possibilidade de regeneração, individual e coletiva.

A Maestria de Um Autor

Victor Hugo ocupou com maestria os três grandes campos literários: poesia, teatro e romance. Em cada um deles, deixou contribuições que transformaram tanto a forma quanto o conteúdo da literatura moderna.

Na poesia, rompeu com os moldes neo-clássicos e deu ao verso francês nova plasticidade. Obras como Les Orientales (1829), Les Feuilles d'automne (1831) e La Légende des siècles (1859–1883) exploram temas que vão da natureza à história universal. Seus poemas dialogam com a tradição lírica, mas também com o engajamento ético.

No teatro, desafiou a rigidez das unidades aristotélicas. Peças como Lucrèce Borgia e Ruy Blas introduziram um novo pathos trágico, mais próximo das paixões humanas do que dos ideais heroicos clássicos. A recepção foi mista, mas o impacto no teatro francês foi duradouro: sua defesa da liberdade formal abriu caminho para novas experimentações.

Talvez Victor Hugo sobreviva justamente porque escreveu com intensidade, imperfeição e sinceridade. Porque seus personagens são

profundamente falíveis, mas absolutamente reais. Porque acreditou, até o fim, que a palavra poderia alterar destinos. E isso, num tempo de ruídos e silêncios, ainda importa.

Como afirmou o prêmio Nobel Mario Vargas Llosa, “Victor Hugo é, depois de Shakespeare, o autor ocidental que gerou mais estudos literários, análises filológicas, edições críticas, biografias, traduções e adaptações de suas obras nos cinco continentes”. Autor de Os Miseráveis, O Homem que Ri, O Corcunda de Notre-Dame, entre tantos outros, deixou frases que atravessam gerações, como: “A liberdade literária é filha da liberdade política”.

Idealista, defendeu a democracia na França e testemunhou a definitiva instalação da República. Imaginou os Estados Unidos da Europa, projeto que seus netos veriam se esboçar com a criação da Comunidade Econômica Europeia. Sonhou com a união de todos os povos, talvez, um dia, alguém ainda veja esse sonho se realizar.

Quando faleceu, em 1885, Victor Hugo se transformou em algo mais que um grande escritor: era um mito, a personificação da República, um símbolo da sua sociedade e do seu século.

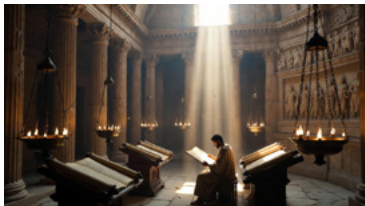
Por Que Homero Ainda nos Ensina Sobre Virtude e Tragédia?



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I.Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.),
@fontenellemagna

Ao longo da história, poucas obras conseguiram manter tamanho alcance e influência quanto os poemas atribuídos a Homero. Considerado o fundador da literatura ocidental, o poeta grego segue vivo no imaginário coletivo por meio de suas epopeias Ilíada e Odisseia. São textos que atravessaram séculos e continuam atuais, mesmo em um mundo bem diferente daquele em que foram escritos.



A permanência dessas obras acontece porque Homero não escreveu apenas sobre heróis, guerras e deuses. Em vez disso, sua obra aborda, acima de tudo, a condição humana. Ele explora valores, conflitos, emoções e dilemas que seguem presentes na vida de hoje.

Na Ilíada, o centro da narrativa é a ira de Aquiles, um guerreiro extraordinário cuja busca por honra e glória o leva a enfrentar conflitos intensos, tanto por dentro quanto por fora. Sua trajetória mostra como o orgulho, a vaidade e o desejo de reconhecimento podem causar sofrimento não apenas ao indivíduo, mas também à comunidade.

Ao mesmo tempo, o poema evidencia a capacidade humana de transformação.

Um dos momentos mais marcantes da literatura universal acontece quando Aquiles encontra Priamo, rei de Troia e pai de Heitor. Nesse encontro, a compaixão vence o ódio e a violência, deixando claro que a humanidade pode prevalecer mesmo diante de horrores como os da guerra.

Já na Odisseia, conhecemos um herói de outra natureza. Ulisses se destaca não só pela força física, mas principalmente pela inteligência, pela prudência e pela resistência diante das adversidades. A longa viagem de volta a Ítaca simboliza a própria jornada humana em busca de pertencimento, identidade e sentido para a existência.

Ao enfrentar monstros, tempestades e inúmeras tentações, Ulisses mostra que a verdadeira grandeza não está apenas em conquistar territórios. Ela também envolve preservar valores e retornar diferente, transformado pelas experiências que atravessou. Por isso, sua história segue como uma metáfora poderosa sobre perseverança.

As obras homéricas também trazem uma reflexão profunda sobre a tragédia. Para os gregos antigos, ela não era apenas um acontecimento doloroso, mas uma parte inevitável da vida. Os personagens de Homero lidam com perdas, limitações, escolhas difíceis e com a consciência de que nem sempre dá para controlar o próprio destino.

Essa visão continua muito atual. Em um mundo cheio de incertezas, conflitos e mudanças constantes, as epopeias homéricas lembram que

a fragilidade faz parte da experiência humana e que a verdadeira grandeza está na forma como enfrentamos os desafios.

Outro motivo para Homero continuar relevante é sua compreensão sobre a virtude. Nos poemas, a excelência humana não se resume ao poder nem ao sucesso material. A virtude aparece na coragem, na honra, na lealdade, na prudência e na capacidade de agir com dignidade, mesmo nas circunstâncias mais difíceis.

Esses valores seguem inspirando reflexões éticas, filosóficas e educacionais em culturas diferentes. Por isso, Homero permanece contemporâneo. Suas narrativas falam de sentimentos universais amor, medo, ambição,

perda, esperança e superação. E seus heróis não são figuras perfeitas: são pessoas complexas, capazes de errar, aprender e evoluir.

Quando revemos seus feitos, percebemos que as grandes perguntas da existência, seguem no mesmo contexto, ou seja continuam, em essência, as mesmas. A literatura homérica segue nos ensinando que a virtude nasce de escolhas conscientes e que a tragédia, longe de ser apenas sinônimo de derrota, pode se transformar em fonte de sabedoria, crescimento e humanidade.

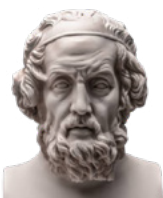
Mais de três mil anos depois, Homero ainda conversa com o presente. Afinal, os clássicos sobrevivem porque falam do que é eterno no ser humano.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/06/2026”

LITERATURA

"Suporta, meu coração!
Já suportaste coisas piores."



LITERATURA

LINHAS CRUZADAS: O Javanês Nosso De Cada Dia - Parte II



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Jornalista, Comendadora e Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras da Humanidade, Professora de Português e Literatura, Palestrante Internacional e Pesquisadora em Educação e Tecnologias Educacionais e MBA em Saúde Mental no Trabalho

@prof.alineabreu



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/06/2026"



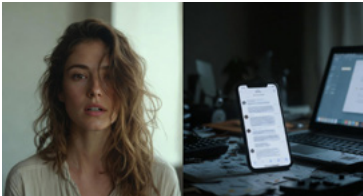
1. A Coach que Ensinava a Conversar

Ela aparecia sempre serena. Falava olhando direto para a câmera, com voz baixa, pausas calculadas e aquele tom de quem não apenas compreende os conflitos humanos, mas já atravessou todos eles com sabedoria suficiente para voltar e ensinar o caminho aos outros. Seus vídeos tinham títulos convidativos: “Como estabelecer limites sem culpa”, “Comunicação madura para casais”, “Como discordar sem ferir”, “O que pessoas emocionalmente inteligentes nunca dizem numa briga”. Havia sempre uma xícara na mão, uma planta ao fundo e uma legenda pronta para ser salva por milhares de pessoas que, em silêncio, colecionavam ruínas afetivas atrás da tela.

Essa era uma das expressões de que mais gostava. Ferramentas. Não falava em dor, ressentimento, mágoa, ressentimento antigo ou covardia emocional. Falava em alinhamento, escuta ativa, validação, presença, maturidade relacional, comunicação não violenta e responsabilidade afetiva. Cada desentendimento amoroso parecia, em sua fala, menos uma tragédia humana do que uma falha de técnica. Bastaria escolher as palavras certas, controlar o tom, respirar fundo e seguir o roteiro. O amor, filtrado pelas redes, tornava-se um manual.

Vieram os atendimentos. Depois, os cursos. Em seguida, os retiros para casais, as mentorias individuais, os episódios em podcasts, as parcerias com marcas e as palestras sobre vínculos saudáveis. Ela já não era apenas uma criadora de conteúdo. Era referência. Muita gente passou a repetir suas frases como quem repete um princípio moral. Quando um relacionamento terminava, alguém sempre comentava que faltou comunicação madura. Quando uma discussão se agravava, surgia um vídeo dela explicando como aquilo poderia ter sido evitado. Seu prestígio crescia à medida que a intimidade alheia parecia caber em seus moldes impecáveis.

O detalhe é que sua vida afetiva era um desastre.



Não um desastre novelesco, desses barulhentos e cinematográficos. Era pior: um desastre comum, insistente, desorganizado, cheio de contradições miúdas e recorrentes. Brigava com frequência, bloqueava e desbloqueava pessoas por impulso, encerrava conversas com indiretas cruéis, retomava relações que jurava encerradas, fazia cobranças atravessadas em horários impróprios e, quando contrariada, trocava qualquer vestígio de escuta ativa por longos monólogos de acusação. Havia exaustão, impulsividade, orgulho e uma impressionante

incapacidade de aplicar em si mesma o repertório harmonioso que vendia em vídeo.

Seus seguidores a viam perdendo o controle por mensagens de áudio de seis minutos.

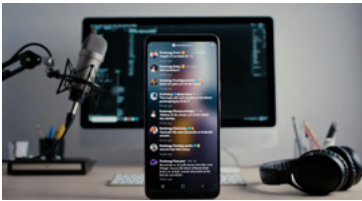
Mas talvez a surpresa só exista para quem ainda acredita que a autoridade precisa nascer da prática. Nas redes, basta muitas vezes que ela nasça da forma. Uma pessoa fala com firmeza sobre afetos, organiza meia dúzia de expressões de prestígio emocional, sustenta um rosto calmo diante da câmera e pronto: passa a ocupar o lugar de quem sabe. A experiência real, quando atrapalha, fica fora do enquadramento.

A certa altura, o amor também virou estética.

Era preciso parecer resolvido. Publicar frases sóbrias, sorrir com contenção, falar sobre limites com semblante leve, transformar sofrimento em conteúdo e conflito em legenda elegante. A intimidade deixou de ser apenas vida para ser também apresentada. E, como toda apresentação muito bem ensaiada, permitia esconder atrás da fala doce o que a prática não sustentava. O importante já não era viver relações maduras, mas saber descrevê-las com vocabulário suficiente para impressionar quem ainda procura nome para a própria dor.



Foi um ex-companheiro quem expôs, sem grande esforço, a distância entre o discurso e a vida. Não fez escândalo. Publicou apenas um texto curto, sem citar nomes de imediato, descrevendo o cansaço de conviver com alguém que ensinava escuta, mas não ouvia; pregava diálogo, mas interrompia; falava de respeito emocional, mas usava silêncio e sumiço como punição. Bastou pouco para que muitos reconhecessem a figura. Os comentários se dividiram. Alguns duvidaram. Outros disseram que ninguém é perfeito. Houve ainda quem alegasse que justamente por ser imperfeita ela estava mais apta a ensinar.



O mercado do conselho raramente exige coerência absoluta. Exige linguagem convincente.

O mais incômodo, porém, não era a contradição em si, mas a rapidez com que ela se deixava encobrir pela autoridade já formada em torno da personagem. Não era propriamente a solidez da experiência que sustentava o prestígio, mas a habilidade de ocupar, com naturalidade, o lugar de quem sabe. No caso da coach, bastavam as palavras certas, o tom certo e o cenário certo para que a imagem da especialista se completasse antes mesmo de qualquer prova.

Depois disso, tudo parecia jogar a seu favor.

Se errava, diziam que era humana. Se explodia, chamavam de vulnerabilidade. Se fracassava nos próprios vínculos, transformavam isso em prova de profundidade. A incoerência, em vez de desmanchar a autoridade, era reaproveitada como parte dela. Não demorou para que ela voltasse às redes com uma série nova de vídeos sobre “como manter a maturidade emocional mesmo em relações difíceis”. Foi recebida com entusiasmo. Ganhou ainda mais alcance.

Talvez porque muita gente não procure exatamente verdade ao consumir esse tipo de conteúdo. Procure conforto, explicação, frase pronta, algum mapa simples para dores confusas. E quem oferece mapas com voz segura costuma ser recebido como guia, mesmo quando se perde nos próprios caminhos.

No fim, a coach não ensinava apenas comunicação madura. Ensinava, sem querer, outra lição bem mais atual: a de que, no grande mercado das certezas emocionais, falar bem sobre equilíbrio pode render muito mais do que ser equilibrado.



Conexão com conto e “O Homem que Sabia Javanês” (1911) de Lima Barreto

A conexão com “O Homem que Sabia Javanês” (1911), de Lima Barreto, está no modo como essa crônica retoma a crítica à autoridade construída mais pela aparência do que pela verdade. No conto, o prestígio do personagem nasce não de um saber real, mas da habilidade de representar esse saber diante de um público disposto a acreditar. Na crônica, esse mesmo mecanismo reaparece em figuras contemporâneas que transformam imagem, discurso e encenação em legitimidade, mostrando que, embora mudem os cenários e as linguagens, permanece atual a ironia de Lima Barreto sobre a facilidade com que a sociedade confunde performance com conhecimento.



Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

LITERATURA

CONTO: Café Passagem - Cap. 10: Primeira Saída

GÊNERO - CONTO

Por J.B Wolf
ESCRITOR

Recapitulação

Capítulo 9: O Irmão



Miguel, irmão mais velho de Daniel e neurocirurgião, revela que também possui o dom familiar, mas aprendeu a controlá-lo conscientemente. Ele confronta Daniel, sugerindo que o irmão se agarrou ao dom como fuga da vida real e dos relacionamentos genuínos. Miguel explica que quando conheceu sua esposa Ana, escolheu viver o presente em vez de observar o futuro, e que o amor cria "zonas cegas" nas visões. Oferece ensinar Daniel a controlar o dom, para que possa escolher quando usar ou não. Daniel percebe que o dom é uma escolha, não uma imposição, e decide que está pronto para viver apenas o presente. Compra margaridas para Luísa — não por uma visão, mas por escolha própria — e vai buscá-la para o jantar como um homem normal, apaixonado por uma mulher normal.



O Café Passagem
Capítulo 10: Primeira Saída

Luísa desceu as escadas com o coração batendo descompassado. Através do vidro da porta, via Daniel parado na calçada, segurando um buquê de margaridas brancas e olhando para o prédio como se estivesse tentando reunir coragem.

Quando abriu a porta, eles se encararam por um momento em silêncio. Daniel usava uma camisa azul-marinho que realçava seus olhos castanhos, e havia algo diferente em sua postura — menos tenso, mais presente.

— Oi — ele disse, estendendo as flores. — Estas são para você.

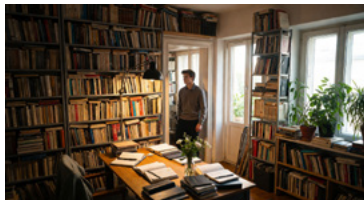
— São lindas — Luísa sorriu, aceitando o buquê. — Margaridas são minhas flores favoritas.

— Eu... eu não sabia — Daniel admitiu. — Escolhi porque achei que combinavam com você. Simples e bonitas.

Era a primeira vez que ele não sabia algo sobre ela antecipadamente, e ambos sentiram a estranheza deliciosa dessa normalidade.

— Vou colocá-las na água. Pode subir um minutinho?

Daniel a seguiu até o apartamento, observando os detalhes que nunca havia visto pessoalmente: as estantes repletas de livros em várias línguas, as plantas cuidadosamente dispostas perto das janelas, a mesa de trabalho organizada com dicionários e cadernos de tradução.



— Seu apartamento é exatamente como imaginei — ele disse, depois se corrigiu



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/06/2026"

rapidamente. — Quer dizer, como esperava que fosse. Acolhedor, cheio de livros.

Luísa riu enquanto arranjava as flores em um vaso.

— Você pode falar sobre suas visões, Daniel. Não precisa fingir que elas nunca existiram.

— Na verdade... — ele hesitou. — Conversei com meu irmão hoje. Descobri algumas coisas sobre mim mesmo que mudaram minha perspectiva.

— Quer contar?

— Durante o jantar? Prometo que será uma conversa interessante.

— Está bem. Para onde vamos?

— Pensei em algo diferente. Há uma livraria no centro que fica aberta até tarde e tem um café no segundo andar. Nada muito sofisticado, mas...

— Perfeito — Luísa interrompeu. — Adoro livrarias.

A Livraria Babel ficava em uma rua estreita do centro histórico, ocupando um casarão do século XIX com três andares. O térreo abrigava os livros novos, o primeiro andar os usados e raros, e o segundo andar um pequeno café com mesas espalhadas entre estantes de literatura clássica.

— Nunca estive aqui — Luísa disse, maravilhada, enquanto subiam a escada de madeira que rangia suavemente.

— Eu venho aqui desde adolescente. É um dos poucos lugares onde sempre me senti... normal.

Escolheram uma mesa no canto, cercada por estantes de poesia. O garçom, um jovem universitário com óculos de armação grossa, trouxe o cardápio escrito à mão.

— O que recomenda? — Luísa perguntou.

— O risotto de cogumelos é excelente. E eles fazem um vinho quente com especiarias que é perfeito para noites como esta.

Enquanto esperavam o pedido, Luísa observou Daniel folhear distraidamente um volume de Neruda que estava sobre a mesa.

— Você parece diferente hoje — ela disse.

— Diferente como?

— Mais... presente. Como se tivesse tomado uma decisão importante.

Daniel fechou o livro e a encarou.

— Tomei. Várias, na verdade.

— Quer compartilhar?

— Meu irmão Miguel também tem o dom da família. Descobri hoje que ele aprendeu a controlá-lo, a escolher quando usar e quando não usar.

Luísa se inclinou para frente, interessada.

— E isso muda alguma coisa para você?

— Muda tudo. Durante quinze anos, achei que era prisioneiro das visões. Que elas simplesmente aconteciam comigo, sem que eu pudesse fazer nada a respeito.

— E agora?

— Agora entendo que talvez eu tenha escolhido viver no futuro porque era mais seguro que viver no presente.

O garçom trouxe o vinho quente, e o aroma de canela e cravo se espalhou entre eles.

— Mais seguro como?

Daniel girou o copo entre as mãos, escolhendo as palavras cuidadosamente.

— No futuro, eu podia observar sem participar. Podia ver relacionamentos, emoções, conexões, mas sempre de longe. Sem risco de me machucar de verdade.

— E o que mudou?

— Você — ele disse simplesmente. — Você apareceu e de repente o presente se tornou mais interessante que qualquer futuro que eu pudesse imaginar.

Luísa sentiu o coração acelerar.

— Daniel...

— Deixe-me terminar — ele pediu. — Hoje percebi que perdi o dom não porque algo estava errado, mas porque finalmente encontrei algo pelo qual vale a pena abrir mão da certeza.

— E se você se arrepender? E se sentir falta das visões?

— Então vou lidar com isso quando acontecer. Mas agora, neste momento, a única coisa que quero é estar aqui, com você, descobrindo o que vem a seguir junto.

O risotto chegou, mas nenhum dos dois parecia ter muita fome. A conversa havia criado uma intimidade que tornava tudo mais intenso.

— Posso te contar uma coisa? — Luísa disse.

— Claro.

— Eu também passei a vida fugindo do presente. Não vendo o futuro, mas me escondendo no trabalho, nas traduções, na solidão. Era mais fácil viver através das palavras de outras pessoas que encontrar minhas próprias.

— E agora?

— Agora estou aqui, tendo a conversa mais honesta da minha vida com um homem que até semana passada eu achava que podia ler minha mente.

Daniel riu.

— E como se sente sabendo que sou apenas um homem normal, com medos e inseguranças normais?

— Aliviada — Luísa admitiu. — E um pouco decepcionada também.

— Decepcionada?

— Era excitante pensar que havia encontrado alguém mágico. Mas é ainda mais excitante descobrir que encontrei alguém real.

Eles comeram devagar, conversando sobre livros, viagens que gostariam de fazer, filmes que os haviam marcado. Conversas normais de duas pessoas se conhecendo, mas carregadas de uma intimidade que vinha do fato de já terem compartilhado o impossível.

— Luísa? — Daniel disse quando terminaram de comer.

— Sim?

— Posso te fazer uma pergunta que não tem nada a ver com dons ou destinos?

— Pode.

— Você gostaria de passear comigo? Só... caminhar pela cidade, sem destino específico?

— Adoraria.

Saíram da livraria às dez da noite e caminharam pelas ruas do centro histórico. A cidade estava tranquila, com apenas alguns bares ainda abertos e casais passeando de mãos dadas.

— Para onde vamos? — Luísa perguntou.

— Não sei — Daniel sorriu. — E essa é a parte mais emocionante.

Caminharam sem pressa, parando para observar vitrines antigas, lendo placas históricas, descobrindo becos que nenhum dos dois conhecia. Era como se estivessem explorando não apenas a cidade, mas também as possibilidades de quem poderiam ser juntos.

— Daniel? — Luísa disse quando pararam em uma pequena praça com uma fonte no centro.

— Sim?

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por escolher o presente. Por escolher... isto.

Ele se virou para encará-la, e a luz dos postes criava um halo dourado ao redor de seus cabelos.

— Luísa, posso te beijar?

— Pensei que nunca fosse perguntar.

O beijo foi diferente do primeiro, no parque. Menos hesitante, mais decidido. Como se ambos tivessem finalmente parado de se perguntar "e se" e começado a viver o "agora".

Quando se separaram, Daniel apoiou a testa na dela.

— Não faço ideia do que vai acontecer a partir de agora — ele sussurrou.

— Nem eu — Luísa respondeu. — E isso é perfeito.

Voltaram caminhando devagar, sem pressa de terminar a noite. Quando chegaram ao prédio de Luísa, nenhum dos dois queria se despedir.

— Quer subir para um café? — ela perguntou.

— Quero — Daniel respondeu sem hesitação.

E pela primeira vez em suas vidas, ambos subiram aquelas escadas sabendo exatamente onde estavam: no presente, construindo um futuro que nenhuma visão poderia prever, mas que prometia ser muito mais interessante que qualquer destino escrito nas estrelas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/06/2026"

CULTURA

A Influência das Religiões na Formação Cultural do Ocidente



Por Drika Gomes
COLUNISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psique



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/06/2026"



Poucos elementos exerceram influência tão profunda sobre a formação cultural do Ocidente quanto as religiões. Muito além da espiritualidade, elas ajudaram a moldar estruturas sociais, códigos morais, manifestações artísticas, sistemas educacionais, conceitos filosóficos e até a maneira como o ser humano passou a compreender a si mesmo ao longo da história.

Mesmo em uma sociedade moderna marcada pela secularização, ainda vivemos cercados por símbolos, valores e comportamentos herdados de tradições religiosas.

- Os feriados.
- Os rituais de passagem.
- A ideia de culpa e redenção.
- Os conceitos de bem e mal.
- A noção de compaixão coletiva.

A própria construção simbólica da família. Tudo isso carrega marcas profundas da influência religiosa sobre a cultura ocidental.

O filósofo Friedrich Nietzsche afirmou que “Deus está morto”, não como celebração simplista do fim da religião, mas como um alerta filosófico sobre o vazio existencial que surgiria quando as estruturas tradicionais de sentido comesçassem a ruir. Nietzsche compreendia que a religião, independentemente da crença individual, havia sido um dos pilares organizadores da moral, da cultura e da identidade coletiva do Ocidente.

Muito antes dele, Santo Agostinho já refletia sobre a inquietação humana diante da existência. Em suas Confissões, escreveu: “Nosso coração anda inquieto enquanto não repousa em Ti.” A frase atravessou séculos justamente porque toca uma dimensão profundamente humana: a busca por significado.

Talvez seja impossível compreender a história da civilização ocidental sem compreender também essa necessidade humana de transcendência.

As religiões ofereceram durante séculos não apenas respostas metafísicas, mas estruturas

emocionais capazes de sustentar sociedades inteiras em períodos de guerra, fome, epidemias e sofrimento coletivo.

- Os templos não eram apenas espaços espirituais.
- Eram centros culturais.
- Centros sociais.
- Centros emocionais.

O sociólogo Émile Durkheim via a religião como um dos principais mecanismos de coesão social. Para ele, os rituais religiosos fortaleciam o senso de pertencimento coletivo e criavam vínculos simbólicos que organizavam comunidades inteiras. O indivíduo sentia que fazia parte de algo maior do que si mesmo.

Essa percepção também aparece em Carl Jung, que via os símbolos religiosos como manifestações arquetípicas do inconsciente coletivo. Jung acreditava que mitos, imagens espirituais e narrativas sagradas expressavam conteúdos universais da psique humana. Para ele, a religião não era apenas crença institucional, mas linguagem simbólica da mente humana tentando dar sentido à experiência da existência.

E talvez seja justamente por isso que arte e espiritualidade caminharam juntas ao longo

- da história.
- A pintura sacra.
- A arquitetura das catedrais.
- Os vitrais.
- Os poemas místicos.
- Os textos filosóficos.
- E também a música religiosa.

Os cantos litúrgicos, os corais e os hinos não surgiram apenas como ornamentação ritualística. Eles ajudavam a criar estados emocionais coletivos de contemplação, reverência e conexão humana.

Ao longo da minha atuação clínica, observei algo profundamente interessante relacionado a isso. Uma paciente que carregava traumas severos da infância, associados a medo constante, rejeição emocional e sensação crônica de abandono, apresentava um sistema nervoso permanentemente em estado de alerta. Durante muito tempo, músicas comuns não produziam grande resposta emocional nela. Mas determinadas músicas religiosas da infância provocavam algo diferente.

Quando ouvia antigos hinos que escutava ao lado da avó, seu corpo relaxava gradualmente. A respiração desacelerava. O olhar mudava. Havia redução clara da tensão física e emocional

durante as sessões. Não era apenas lembrança consciente. O cérebro parecia reconhecer naquelas músicas um território interno de segurança emocional.

A neurociência hoje ajuda a compreender parte desse fenômeno. Sons associados a pertencimento, acolhimento e experiências afetivas profundas podem ativar áreas cerebrais ligadas à memória autobiográfica, emoção e regulação do sistema nervoso. Em alguns casos, determinadas músicas religiosas funcionam quase como pontes emocionais entre a dor e a sensação de proteção psíquica.

Isso ajuda a explicar por que certas canções espirituais ainda provocam lágrimas, arrepios e sensação de paz mesmo em pessoas que já não mantêm vínculos religiosos formais.

O filósofo Mircea Eliade dizia que o ser humano possui uma necessidade quase inevitável de separar o “sagrado” do “profano”. Em outras palavras: a humanidade sempre buscou experiências que transcendam a rotina puramente material da vida.

Mesmo na contemporaneidade, marcada pela tecnologia e pela velocidade da informação, essa busca permanece viva.

- Talvez mudem os formatos.
- Mudam os discursos.
- Mudam os símbolos.

Mas a necessidade humana de pertencimento, significado e transcendência continua existindo.

Naturalmente, a história das religiões também envolve conflitos, intolerâncias e disputas de poder. O próprio processo de secularização trouxe debates fundamentais sobre laicidade, liberdade religiosa e pluralidade cultural, debates essenciais para sociedades democráticas.

Mas compreender a influência histórica das religiões não significa abandonar pensamento crítico. Significa reconhecer que grande parte da identidade cultural do Ocidente foi construída a partir dessas estruturas simbólicas e espirituais.

A religião ajudou a moldar a forma como o Ocidente aprendeu a celebrar, sofrer, amar, organizar comunidades e compreender o mistério da existência.

E talvez o aspecto mais fascinante disso tudo seja perceber que, antes mesmo da ciência explicar o comportamento humano, as tradições religiosas já tentavam responder às perguntas mais profundas da mente e do coração humano.



PUBLIQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião)
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

CULTURA

A Dança e Identidade Cultural dos Povos Originários



Por Beth Baltar
COLUNISTA

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

@beth_baltar

Essa manifestação artístico-cultural, especificamente dos povos originários, no Brasil, agrupa ritmos, passos e sons, caracterizando a diversidade e perpetuação de suas tradições e identidades étnicas; resistência como forma de evitar a extinção da cultura; vínculo com o sagrado, rituais de cura; para celebrar a colheita e como forma de expressar sentimentos e celebração da vida.

Para os povos indígenas, dançar é um modo de existir e de se relacionar com o mundo, em que cada passo, cada ritmo e em cada canto articulam uma linguagem que conecta os corpos às forças da natureza, aos espíritos ancestrais e à comunidade. Geralmente realizadas em círculo e com o acompanhamento de instrumentos de percussão e canto, essas danças são importantes para a manutenção da identidade e cultura, conectando o físico ao mundo espiritual, cumprindo funções ritualísticas de homenagem, de agradecimento e/ou de passagem.

As principais danças de matriz indígena são:

Toré

Representa uma das mais significantes expressões da cultura indígena, constituindo-se em um ritual dançante que envolve espiritualidade, celebração da vida e da natureza,

além de também conclamar pela efetivação da garantia da soberania de um povo.



O Toré é uma dança sagrada praticada por diversos povos indígenas do Brasil, especialmente por várias etnias do Nordeste brasileiro, como os Pankararu, Xukuru-Kariri, Atikum, Potiguara, Tabajara, Fulni-ô e dentre tantos, os passos circulares, o maracá e os cantos evocam a memória e a resistência de seus antepassados, fortalecendo o pertencimento comunitário e a luta pelo território. Entre os povos do Alto Xingu, as danças rituais associadas aos ciclos da vida, homenageiam os mortos e celebram a continuidade da existência, movimentando saberes, afetos e alianças intercomunitárias.

Esta dança é geralmente realizada ao ar livre, em círculos, ao som de cantos tradicionais e com uso de instrumentos. O objetivo é criar ligação com a natureza e os espíritos da floresta, para resgatar a ancestralidade e manter relação com

os antepassados. Tornou-se um símbolo de lutas e resistências ao apagamento social e histórico na sociedade brasileira.

Kuarup ou Quarup

O Kuarup é uma cerimônia, que ocorre nas noites de lua cheia, para celebrar a memória dos seus entes queridos e envolve danças, músicas e a recontagem de histórias ancestrais, marcada por sentimento de tristeza e luto, praticada no Alto Xingu, no Mato Grosso, e aldeias vizinhas que se reúnem para invocar espíritos e entregar oferendas como forma de agradecimento.



A origem do nome é em homenagem a árvore sagrada da região com o mesmo nome, considerada como um elemento essencial na cerimônia, adornada nas cores amarela e vermelha com pinturas cheias de significados.

Durante a cerimônia tocam uruá, flauta feita de bambu, fazem pintura corporal e vestem trajes festivos, como bracheiras, diademas e colares. Ao longo da cerimônia, pedem que os espíritos malignos se afastem, desejando que a alegria reine no ambiente.

Dança da Onça

É um ritual de passagem indígena, de um jovem rapaz para a vida adulta. A dança é a celebração do abate de uma onça por um jovem caçador, com cenas da vitória, coragem, força e o espírito do animal, com uso de máscaras de palha, peles, saltos e batidas fortes de pé e guiados pelo pajé e seguido pela tribo durante o ritual. É uma dança típica dos Bororo no Mato Grosso.

Dança dos Praiás

É um ritual sagrado e tradicional dos indígenas Pankararu, originários de Pernambuco,

que envolve vestimentas de palha e máscaras. A dança é realizada em círculos ou filas com cantos, com o objetivo de obter fartas colheitas, espantar os espíritos malignos e curar doenças. É um momento de conexão espiritual e de manifestação cultural.



Dança Jacundá

É uma dança de roda realizada num círculo, por homens e mulheres dispostos alternadamente, de mãos dadas. De origem indígena e popular na Amazônia. A determinado momento, uma mulher ou um homem, às vezes um par, vai ao centro do círculo, que continua girando, sempre ao som da mesma música e da mesma cantiga, o Jacundá e a pessoa que está no centro, tenta então escapar, no que é impedido pelos outros participantes. Quando consegue fugir, é substituído por quem o deixou sair. E assim a dança prossegue por muito tempo, sempre ao som monótono da cantiga repetida infinitamente.

Essas danças, entre tantas outras, revelam que dançar é um ato que articula memória, cura, pertencimento, força coletiva, ancestralidade, resistência e afirmação identitária. São práticas culturais e ritualísticas que produzem e sustentam saberes, visões de mundo e cosmologias.

A prática integrativa através da dança possibilita a aquisição dos elementos imbuídos na cultura, alegria e coesão. O ritual desempenha um papel fundamental na transmissão de tradições, lendas, mitos e histórias de geração em geração mantendo acesa a chama da ancestralidade e da cultura desse povo, promovendo qualidade de vida.

Da antiguidade até os dias atuais, a história dos povos originários é escrita na literatura em descrições de fatos reais e em narrativas mitológicas. É indiscutivelmente visível a luta desses povos pela sobrevivência, soberania e manutenção constantemente ameaçada desde o período da colonização do Brasil.

Presente em todos os povos e épocas da história, a dança é uma das mais antigas formas de expressão humana, representando alegria, rituais, sentimentos e tradições. Cada dança tem suas próprias características e histórias, sejam elas populares, folclóricas ou contemporâneas. A diversidade das danças brasileira reflete a riqueza cultural do país.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/06/2026"

Design Vernacular: Quem Escreve a Cidade em Cores e Formas?



Por Alexandre Câmara
COLUNISTA

Alexandre Câmara é doutorando em Ciência da Informação pela UFPB, onde pesquisa cultura visual e xilogravura popular nordestina na perspectiva da Representação da Informação. Mestre em Comunicação Social e bacharel em Design, escreve a partir das relações entre arte, imagem, memória, linguagem e cultura popular.

@camara1004

de cano de PVC, pintadas em cores vibrantes, prometendo acesso gratuito a centenas de canais e a um preço que torna o restante um detalhe. Na banca ao lado, mealheiros de gesso assumem a forma de super-heróis e personagens infantis versões livres, de proporções incertas, mas ainda assim familiares, parecem observar, atentas, o movimento.

À primeira vista, tudo isso pode parecer improviso, soluções de ocasião, não raro reduzidas ao rótulo de "gambiarras". Mas há algo em comum nessas manifestações que escapa ao olhar apressado: elas não surgem do nada. Se não seguem regras formais nem cânones estabelecidos, por que ainda orientam, informam e fazem sentido? Acontece que, por trás de cada cartaz, objeto ou pintura existe um saber que se forma no tempo, aprendido aos poucos, repetido, ajustado, transmitido. Não é apenas fazer com o que se tem. É saber o que fazer com o que se tem.

Esse conhecimento raramente passa por manuais ou salas de aula. Ele circula de outro modo: na prática, na observação, na tentativa e erro, naquilo que funciona e, por isso, continua sendo feito. Está no letreiro pintado à mão com esponja de prato, que se adapta à irregularidade da parede; na barraca de feira que organiza cores e volumes para capturar o olhar; na placa simples que resolve comunicar com poucos recursos. Nada ali é completamente aleatório. Cada escolha, de forma, material, linguagem, responde a uma lógica, ainda que não formalizada.

É nesse território que se reconhece o chamado design vernacular, também referido como design popular ou cultural. Mais do que um fazer "fora da academia", trata-se de um modo

de produzir formas e sentidos profundamente enraizado no uso, no contexto e na experiência acumulada. São soluções que nascem da necessidade, mas permanecem porque funcionam, técnica e culturalmente. Riul e Santos (2015) lembram que o design vernacular não se reduz à forma ou à solução técnica: ele materializa valores culturais, saberes e relações com o ambiente. Os artefatos produzidos sob essa lógica expressam "ideias, visões de mundo e modos de vida" inscritos na cultura material. Com base em Prown (1982), os autores distinguem que artefatos correspondem aos elementos produzidos ou modificados pela ação humana, enquanto objetos podem incluir tanto esses elementos quanto aqueles existentes na natureza. Nesse sentido, a cultura material reúne o conjunto de artefatos utilizados por um grupo social, das produções artísticas aos objetos cotidianos, das vestimentas às construções, dos mobiliários às ferramentas.

Lorusso, Mazza e Guida (2025) ampliam essa leitura ao sugerirem que o vernacular, ou o popular, funciona como um repositório de conhecimento técnico e cultural, capaz de inspirar soluções contemporâneas. Nele, articulam-se memória, território e inovação. O que se revela, então, é que o vernacular não pertence ao passado: ele opera como um sistema vivo, em constante atualização.

Quando observadas mais de perto, essas formas deixam de parecer marginais ou provisórias. Revelam, na verdade, um sistema próprio de organização visual e material, no qual cada decisão responde a condições concretas e a repertórios compartilhados. Em contextos marcados pela escassez de recursos, a criatividade não é exceção, é método. O que se costuma

chamar de improviso, muitas vezes, é apenas conhecimento aplicado.

E isso aparece nos detalhes. Na placa com letras espelhadas, sobretudo nos "R", "E" e "S" que, ainda assim, não deixam dúvida sobre o que se quer dizer. No peixe desenhado de forma quase irreconhecível, que só se confirma como peixe pelas nadadeiras, pelo rabo e por algumas escamas insistentes. Na modelo internacional que anuncia um salão de bairro, provavelmente sem saber que sua imagem circula por ali. No pote de barro ligeiramente torto. Na estampa da toalha de prato fora de registro.

Nada disso compromete a comunicação. Porque, no fundo, essas formas operam a partir

de um repertório compartilhado, um tipo de letramento que não depende da norma, mas do reconhecimento. Pelo contrário: é justamente nesse ajuste, entre intenção, material e execução, que elas encontram sua força.

Talvez, então, a questão não seja apenas reconhecer essas manifestações no cotidiano, mas perguntar o que estamos deixando de ver quando as tratamos apenas como improviso. E, mais ainda: quando essas visualidades atravessam outros circuitos, especialmente o digital, elas mantêm vínculos com os saberes e práticas que lhes deram origem, ou passam a funcionar apenas como superfície estética, deslocada de seus contextos?



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/06/2026"

FILOSOFIA

O Filósofo Educador Arthur Schopenhauer: Análise e Interpretação Nietzscheana



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/05/2026"



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar

“Nietzsche reinterpreto o pensamento schopenhaueriano, transformando a “vontade de viver” em sua própria “vontade de poder” e propondo a autossuperação como princípio educativo.”



Arthur Schopenhauer (1788–1860), conhecido por sua filosofia pessimista e por enfatizar a vontade como a força fundamental do mundo, provou ser influente para Nietzsche, que o considerava um verdadeiro “educador filosófico”. Foi o pessimismo filosófico de Schopenhauer que disse a Nietzsche que o homem tinha que cessar a busca pelo significado metafísico de sua vida e lidar com a natureza trágica da mesma. Nietzsche identificou em Schopenhauer o arquétipo do verdadeiro mestre e a articulação do gênio que a educação deve buscar como uma instância de formação humana para os jovens. Mais do que a ideia, foi a atitude filosófica de Schopenhauer que atraiu Nietzsche. Em suma, os temas da vida a vontade de viver contra a vontade de não viver, a felicidade em seu estado mais sublime, o sofrimento contra o tédio são os fios condutores da filosofia e do pensamento de Schopenhauer. Seu pensamento é baseado na experiência vivida; não é um produto do conhecimento, mas uma expressão vital. O sistema filosófico introduzido por Schopenhauer busca não somente explicar como o universo está organizado, mas responder à questão do sofrimento e, mais especificamente, ao fato de que não há justificativa para sua existência. Schopenhauer foi, para Nietzsche, o epitome do pensador livre que não se esquivaria de questões sobre o certo ou errado ou o modo correto ou incorreto de viver, que não poderia ser amarrado aos ditames do que se acreditava ser certo pelos outros.

A perspectiva nietzschiana vê em Schopenhauer o papel de inspirador/provocador, em virtude de defender o cultivo de seres autônomos e criativos, em vez da reprodução sem sentido de sistemas de crenças aceitos. Desta forma, proporcionando autoeducação, uma educação externa que consistiria em emancipação existencial, com o ponto final na maturidade, fecundidade e desenvolvimento harmonioso no ser humano. Nietzsche seleciona Schopenhauer como seu guia ideal porque vê nele três características principais: sinceridade, serenidade e firmeza. Ao fazer isso, ele permite que Schopenhauer se distancie do perfil típico do “acadêmico erudito”, preocupado em agradar instituições e adquirir prestígio.

Schopenhauer dizia que os eruditos são aqueles que leram coisas nos livros, mas os pensadores, os gênios, os fâcos de luz e promotores da espécie humana são aqueles que as leram diretamente no livro do mundo. Nietzsche encontra em Schopenhauer alguém que não buscava aprovação; que não se submetia ao sistema, que deliberadamente quebrava os limites esperados dos acadêmicos. É precisamente por essa razão que Schopenhauer serve, para Nietzsche, como um mestre eleito: um personagem cuja independência intelectual

e coragem de pensar por si mesmo inspiram admiração ao seu próprio trabalho em filosofia. O filósofo elege Schopenhauer como seu grande professor, porque somente a filosofia proporciona ao homem um asilo que nenhuma tirania pode alcançar (Nietzsche, 1999, p. 8). Nietzsche identifica três modelos idênticos de homem, como o homem de Rousseau, que personifica o espírito de rebanho e que acreditava que a civilização corrompe o humano; como o homem de Goethe, um revolucionário contemplativo que perdeu seu ideal quando Fausto se torna um servo e deixa de ser livre; e como o homem de Schopenhauer, para quem, segundo Nietzsche, é o humano por essa medida puro no ideal: ele aceita o sofrimento voluntariamente em sua busca pela verdade e grandeza presentemente e não busca a felicidade, mas simplesmente uma vida heroica. Portanto, vê em Schopenhauer a figura que sempre admirou como o herói homérico. Para ele, é o filósofo que é o super-homem: alguém que enfrenta perigos, transcende a si mesmo e que é um libertador, um educador. É uma das contribuições de Nietzsche, finalmente, é a ideia de uma educação na qual é o que o indivíduo constrói em uma gama mais ampla de outras capacidades, sendo mais reflexiva e, portanto, em certo sentido, sensível e menos alienada do conhecimento.

Nietzsche então via Schopenhauer como um educador e um mestre, e assim como um mestre que havia formulado uma crença no que constitui a essência a filosofia que ele desde então trouxe à luz não estava preocupada com “sua substância”, mas sim com a “vontade” e, portanto, uma visão do mundo como parte dela.

Nietzsche via Schopenhauer como um “educador” e um “mestre”, criador de uma filosofia que via a “vontade” como essência do mundo, e abriu caminho para uma percepção filosófica que olhava além das aparências. Sempre invocando

Schopenhauer, parece expressar a gratidão pelo mestre que, ironicamente, lhe abriu o caminho para superá-lo; retratando o filósofo como um modelo de integridade intelectual alguém que vive com suas próprias ideias e assim sugere uma educação enraizada na autenticidade e na busca por uma cultura mais elevada.

Um formador nesta perspectiva é um modelo de ética, de estética, de política, de seriedade frente ao conhecimento científico e à cultura em geral. É, também, um modelo prático de didática e de profícuo desempenho técnico-pedagógico. Mas, paradoxalmente, um modelo para ser superado, não para ser copiado. É uma pedagogia que exige uma tarefa interminável, quer dizer, a autoformação, a educação de si próprio continuamente.

Nietzsche adotou a visão de Schopenhauer de que, no fundo, o mundo é movido por uma vontade cega e irracional. Contudo, ao invés de permanecer nesse pessimismo, ele a reinterpretou radicalmente: transformou a “vontade de viver” schopenhaueriana em sua própria “Vontade de Poder”, uma força ativa, criativa e afirmativa da vida.

Entretanto, o que mais se destaca em Nietzsche sobre Schopenhauer é a exigência constante e imperiosa da autossuperação como uma das máximas fundamentais para a formação do homem. Não estar contente consigo próprio como se é, sem condescender à preguiça ou ao narcisismo, modos próprios de ser do homem contemporâneo, além de outros. Portanto, quem tem consciência do que é a vida não se espantará por saber que a formação e a educação são uma atividade interminável e intransferível.

Schopenhauer foi para Nietzsche o modelo do filósofo que irrompeu contra seu tempo, e

por ter sido o avesso da cultura alemã, seria o educador que iria educar o próprio Nietzsche a irromper contra seu tempo.

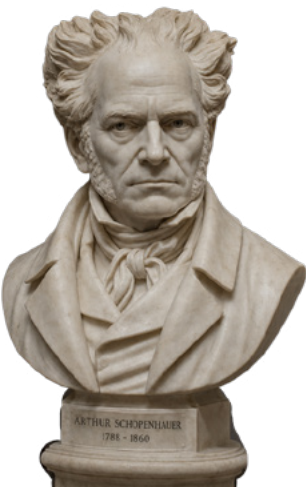
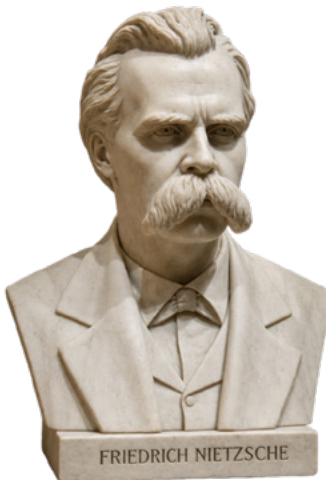


IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026"

FILOSOFIA

A Filosofia do Belo na Arte: Aristóteles vs. Kant



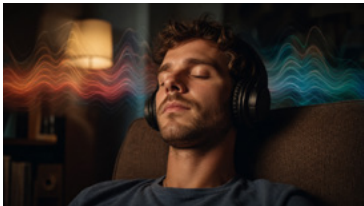
Por Drika Gomes
COLONISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psiq



IMAGEM GERADA POR IA "usando ChatCPT Image 2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026"



Por que algumas obras de arte parecem atravessar a alma humana de forma tão profunda? Por que certas músicas provocam lágrimas sem que entendamos exatamente o motivo? O que existe em uma pintura, em um poema ou em uma melodia capaz de interromper, ainda que por alguns instantes, o ruído do mundo dentro de nós?

Desde a antiguidade, filósofos tentam compreender o que é o belo e por que ele exerce tamanho impacto sobre a experiência humana. Afinal, a beleza seria uma característica da própria obra... ou nasceria dentro daquele que a contempla?

Entre os pensadores que mais influenciaram essa discussão estão Aristóteles e Immanuel Kant. Separados por séculos, ambos ofereceram visões profundas e bastante diferentes sobre a arte, a beleza e a emoção humana.

Para Aristóteles, a beleza estava ligada à harmonia, à proporção e à ordem. O filósofo grego acreditava que o ser humano reconhece naturalmente padrões organizados como

agradáveis porque existe uma espécie de inteligência estrutural no universo. Na arte, isso se manifesta no equilíbrio das formas, no ritmo, na simetria e na coerência entre as partes e o todo.

Mas Aristóteles não via a arte apenas como contemplação estética. Para ele, a arte possuía função emocional e transformadora. Em sua análise sobre a tragédia grega, surge o conceito de catarse: a capacidade da arte de provocar uma purificação emocional. Ao assistir uma tragédia, o indivíduo experimentava medo, compaixão, dor e reflexão, reorganizando emoções internas através da experiência artística.

De certa forma, Aristóteles compreendia algo que hoje a neurociência também começa a revelar: a arte modifica estados mentais.

Uma música pode desacelerar o sistema nervoso. Um filme pode despertar memórias profundas. Uma pintura pode induzir contemplação. O belo, nesse sentido, não seria apenas algo "bonito", mas algo capaz de reorganizar a experiência humana.

Talvez seja por isso que civilizações inteiras sempre utilizaram arte, música e símbolos como instrumentos de conexão emocional e espiritual. A beleza nunca ocupou apenas o campo do entretenimento. Ela sempre esteve associada ao mistério, à transcendência e ao sentido da existência.

Séculos depois, Kant amplia essa discussão de maneira revolucionária.

Enquanto Aristóteles associava a beleza à harmonia objetiva das formas, Kant desloca a experiência do belo para dentro do observador. Em sua obra Crítica da Faculdade do Juízo, o filósofo afirma que o belo não existe apenas no objeto, mas nasce da relação subjetiva entre a obra e quem a contempla.

Para Kant, algo é belo quando produz um prazer desinteressado. Ou seja: admiramos não porque aquilo possui utilidade prática, mas porque desperta uma sensação livre de contemplação. O belo suspende, por instantes, as exigências do mundo.

É como quando ouvimos uma música e, por alguns segundos, o tempo parece parar.

Ou quando observamos uma obra de arte e sentimos algo impossível de explicar racionalmente.

Kant entendia que a experiência estética toca uma dimensão profunda da consciência humana. O belo não precisa servir para nada. Seu valor está justamente na experiência sensível que provoca.

E talvez seja exatamente por isso que a arte continue sendo tão necessária em uma sociedade exausta.

Vivemos em um tempo acelerado, funcional e hiperestimulado, onde quase tudo precisa gerar produtividade, resultado ou performance. A arte resiste a essa lógica. Ela nos devolve pausa,

contemplação e presença.

Em meio ao excesso de estímulos digitais, a experiência estética se torna quase um ato de resistência emocional. Sentar para ouvir uma música com profundidade, contemplar uma pintura ou ler poesia sem pressa passou a ser algo raro. E justamente por isso, profundamente terapêutico.

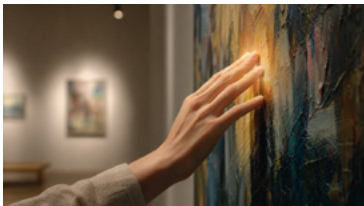
A arte desacelera o cérebro.

Ela reorganiza a atenção, suaviza o estado de alerta e permite que o indivíduo volte a sentir. Talvez o belo seja uma das poucas experiências capazes de lembrar o ser humano de que ele não nasceu apenas para produzir, correr e sobreviver, mas também para contemplar.

Aristóteles nos ensinou que o belo organiza.

Kant nos mostrou que o belo desperta.

E entre organização e despertar, a arte continua sendo uma das experiências mais profundamente humanas que existem.



Comparativos

"Aristóteles e Immanuel Kant"

A disputa intelectual entre Aristóteles e Immanuel Kant define os dois grandes eixos da estética ocidental: a beleza como uma propriedade do objeto versus a beleza como uma experiência do sujeito.



1. Aristóteles: A Estética da Objetividade:

Para Aristóteles, a beleza é uma questão de estrutura e proporção. Ela existe "lá fora", no mundo físico, e pode ser medida e analisada racionalmente.

O Belo como Ordem: Um objeto é belo se possuir simetria, ordem (taxis) e uma dimensão que permita ser apreendido pela visão de uma só vez.

Mimese e Verdade: A arte é uma imitação da natureza que revela verdades universais. Ela tem uma função pedagógica e social, purificando as emoções do público (Catarse).

Ponto Forte: Oferece critérios claros e objetivos para avaliar a qualidade técnica e a harmonia de uma obra.



2. Immanuel Kant: A Estética da Subjetividade

Kant revolucionou a área ao afirmar que a beleza não está na coisa em si, mas no sentimento de quem a observa.

Juízo de Gosto: O belo é o que agrada universalmente sem a necessidade de um conceito lógico. É uma resposta emocional, não um cálculo matemático.

Desinteresse: A verdadeira apreciação estética deve ser livre de interesses práticos (não importa se o objeto é útil ou caro, apenas como ele afeta sua sensibilidade).

Livre Jogo: A beleza nasce do equilíbrio harmonioso entre a nossa imaginação e o nosso entendimento ao contemplar uma forma.

Ponto Forte: Valoriza a liberdade individual e a experiência emocional única de cada ser humano diante da arte.

MÚSICA, CIÊNCIA E EMOÇÕES PARA TRANSFORMAR VIDAS.

NEUROCIÊNCIA, MÚSICA E CONSCIÊNCIA A SERVIÇO DA REGULAÇÃO EMOCIONAL E DO BEM-ESTAR.

DRIKA GOMES

NEUROCIENTISTA DA MÚSICA
PSICANALISTA
HIPNOTERAPEUTA

CRIADORA DO

NeuroMusic®



Unindo neurociência, música e profundidade terapêutica, Drika Gomes desenvolve métodos e experiências que promovem autoconhecimento, regulação emocional e expansão da consciência. Bem-vindo ao universo **NeuroMusic®**.

CONTEÚDOS, PROJETOS E EXPERIÊNCIAS



LIVRO

Coisas que a gente faz e põe tudo a perder
Reflexões profundas sobre escolhas, padrões e transformação.



NEUROMUSIC EXPERIENCE®

Imersão ao vivo que ativa emoções, expande a consciência e promove transformações reais.



JORNADA DA ALMA

Processo terapêutico profundo para cura emocional, ressignificação e reconexão com a sua essência.



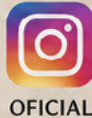
RÁDIO NEUROMUSIC®

Rádio online 24h com músicas e conteúdos que nutrem, acolhem e elevam a consciência.



YOUTUBE OFICIAL

Vídeos, aulas, entrevistas e conteúdos exclusivos para inspirar e transformar.



INSTAGRAM OFICIAL

Conteúdos diários sobre neurociência, música, emoções e consciência. Conecte-se!

PROGRAMA ALQUIMIA DA MENTE



Programa de desenvolvimento emocional que integra ciência, música e terapias para reprogramar a mente, regular emoções e criar uma vida com mais equilíbrio, clareza e propósito.



ACESSE O PORTAL OFICIAL E ENTRE NO UNIVERSO NEUROMUSIC®
www.drikagomes.com.br



ARTIGOS E CONTEÚDOS EXCLUSIVOS



AGENDA DE ATENDIMENTOS E EVENTOS



LIVROS E E-BOOKS



IMERSÕES E PROJETOS



E MUITO MAIS DO UNIVERSO NEUROMUSIC®

EDUCAÇÃO

Gamificação na Sala de Aula: O Jogo como Ferramenta de Aprendizagem



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)
@jeanetertuliano

fosse apenas reconhecer funções sintáticas ou memorizar nomenclaturas. Em muitas escolas, a palavra perdeu temperatura. Virou obrigação burocrática. Um objeto frio. Talvez venha daí parte do desinteresse.

Ninguém cria intimidade com a linguagem sendo tratado apenas como depósito de regras. Existe pouca descoberta em exercícios feitos exclusivamente para evitar erro. O estudante aprende cedo que escrever é perigoso: alguém sempre encontrará defeitos suficientes para diminuir sua tentativa.

Fora dos muros da escola, porém, a linguagem continua viva. Está nas batalhas de rima improvisadas, nos jogos narrativos, nos memes, nos vídeos curtos, nas comunidades digitais, nas histórias inventadas dentro de plataformas online. Os adolescentes escrevem, leem, interpretam e argumentam o tempo inteiro. Só não fazem isso dentro do formato tradicional que a escola insiste em preservar como se ainda estivessem presos a um modelo de educação incapaz de perceber as mudanças do presente.

Nesse ponto, a gamificação deixa de parecer modismo pedagógico e começa a fazer sentido de verdade. Não se trata de transformar professor em animador de auditório nem de cobrir conteúdos antigos com medalhas virtuais e rankings artificiais. Isso produz apenas entusiasmo passageiro. A força da gamificação está em outro lugar: participação verdadeira.

Dentro de qualquer jogo bem construído, ninguém permanece imóvel. Existe tensão, curiosidade, objetivo, tomada de decisão. Existe vontade de avançar. Existe envolvimento emocional com o percurso. E há uma diferença importante em relação ao ensino tradicional: o erro não funciona como sentença. O jogador falha, recalcula rota e tenta novamente. A lógica escolar costuma agir de maneira oposta. Uma redação marcada por correções pode silenciar um aluno durante anos.

A pesquisadora Jane McGonigal observa que os jogos despertam persistência porque criam conexão emocional com o desafio. Faz sentido. Difícilmente alguém sustenta atenção profunda quando se sente apenas obrigado a cumprir tarefas mecânicas.

A leitura também sofreu desgaste profundo. Tem aluno que chega ao fim de um parágrafo



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok”, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/06/2026”

e já não lembra como ele começou. A atenção foi fragmentada por telas, notificações, vídeos acelerados e excesso de estímulos rápidos. O português sobrevive comprimido em abreviações, legendas e respostas instantâneas. Nunca tanta gente escreveu diariamente. Nunca tanta gente teve dificuldade para elaborar pensamento de maneira mais profunda.

Ainda assim, o tema provoca pouco espanto. Escrever bem não é luxo acadêmico. É defesa. Quem domina linguagem reconhece manipulação, interpreta discursos políticos, percebe armadilhas argumentativas e consegue ocupar espaços sociais com mais autonomia. Enfraquecer a escrita é enfraquecer também a capacidade crítica.

Não por acaso, a gamificação encontra potência justamente no ensino da língua portuguesa. Imagine uma turma transformada em equipe investigativa responsável por desmontar fake news históricas. Cada pista exige interpretação textual, análise de discurso e cruzamento de informações. Ou estudantes participando de tribunais literários nos quais personagens clássicos precisam ser defendidos diante da turma. Há professores criando salas de escape com enigmas linguísticos, jogos narrativos

inspirados em RPG, desafios de reescrita criativa e disputas argumentativas em que vence quem sustenta melhor uma ideia.

Os alunos começam lendo para jogar. Depois percebem que estão interpretando melhor. Mais tarde, quase sem notar, escrevem com mais segurança.

Tecnologia, sozinha, não resolve nada. Existe uma obsessão contemporânea por aplicativos educacionais que prometem revoluções instantâneas. Plataformas como Kahoot!, Quizizz e Wordwall ajudam bastante, principalmente na criação de desafios rápidos e revisões dinâmicas. Mas nenhuma ferramenta salva uma aula sem imaginação pedagógica.

Com repertório e criatividade, muitos professores conseguem transformar completamente a relação dos estudantes com a linguagem usando apenas cartas, pistas, histórias, mapas e desafios coletivos.

A educadora Vera Candau já defendia práticas pedagógicas mais participativas e conectadas à experiência concreta dos estudantes. Hoje isso parece ainda mais urgente. A escola disputa atenção com algoritmos desenhados

para capturar emoção o tempo inteiro. Continuar oferecendo apenas repetição mecânica talvez seja insistir num modelo que já perdeu capacidade de mobilizar presença real. E presença importa.

A escritora e educadora bell hooks acreditava numa educação capaz de provocar participação crítica e envolvimento genuíno. Difícil imaginar aprendizagem profunda num ambiente onde o aluno se sente apenas número, silêncio ou correção acumulada.

Poucas experiências escolares transformam tanto quanto o instante em que um estudante descobre prazer na construção de uma frase. Quando percebe ironia num texto. Quando encontra a palavra exata para dizer aquilo que antes parecia confuso dentro dele. A língua deixa de ser obrigação escolar e começa a virar instrumento de existência.

A verdadeira crise do ensino de português no Brasil pode estar em outro lugar. Estamos formando jovens que convivem diariamente com palavras, mas raramente experimentam o poder delas. Quem aprende a lidar com a linguagem dificilmente aceita o mundo pronto.

Participe do Edital da Revista The Bard

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL:
a formação cultural desde os primeiros anos

39ª EDIÇÃO

Revista The Bard

Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL

ANEXO 1 - 39ª Edição Setembro - Outubro 2026

22 categorias com temas livres

Clique aqui

Edital Setembro e Outubro aberto até dia 31/07/2026.

EDUCAÇÃO

O Paradoxo da Tecnologia na Educação: conectar-se por telas ou pelo olhar?



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

“A hiperconectividade não necessariamente aproxima as pessoas e que a escola enfrenta hoje um paradoxo urgente: telas ocupam o centro da vida dos estudantes enquanto a convivência, o olhar e a escuta se fragilizam.”



A presença constante das telas transformou de forma decisiva o aprendizado, a convivência e a atenção dos estudantes. Nos últimos anos, celulares deixaram de ser apenas ferramentas de comunicação para ocupar um espaço central na vida cotidiana de crianças e adolescentes. Nesse cenário tecnológico, o Brasil passou a discutir leis que restringem o uso de aparelhos eletrônicos nas escolas, reacendendo um debate essencial: a hiperconectividade realmente aproxima os indivíduos?

Em janeiro de 2025, foi sancionada a lei nº 15.100/2025 que proíbe o uso de celulares em todas as escolas públicas e privadas da Educação Básica no Brasil. A restrição vale para aulas e intervalos. Essa medida resulta do aumento da dispersão em sala de aula e da dificuldade de concentração entre estudantes. Professores relatam uma disputa constante entre o conteúdo pedagógico e o fluxo ininterrupto de notificações, vídeos curtos e redes sociais. A lógica imediatista das plataformas digitais altera a maneira como os jovens lidam com o tempo, com a leitura e com a construção do pensamento crítico. Em consequência disso, atividades que exigem atenção prolongada passaram a encontrar maior resistência no ambiente escolar.

Nesse contexto, a restrição das telas não deve ser interpretada apenas como uma medida disciplinar, mas como uma tentativa de recuperar a função humana da escola. A educação não se limita à transmissão de conteúdos: ela depende de convivência, diálogo, escuta e formação emocional. O contato visual, as conversas espontâneas e a participação coletiva fazem parte da experiência educativa. Entretanto, tornou-se comum observar estudantes fisicamente próximos, mas emocionalmente isolados em seus próprios universos digitais.

O paradoxo contemporâneo torna-se evidente: nunca estivemos tão conectados virtualmente e, ao mesmo tempo, tão distantes se considerarmos as relações sociais presenciais. Estudos recentes apontam que o uso excessivo das telas está associado ao aumento de ansiedade, irritabilidade, distúrbios do sono, depressão e dificuldades de foco entre crianças e adolescentes. Pesquisas também relacionam a exposição digital ao agravamento de sintomas semelhantes ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), além do crescimento de comportamentos compulsivos ligados às redes sociais e aos jogos eletrônicos.

A própria Organização Mundial da Saúde reconheceu, na CID-11, o chamado gaming disorder, transtorno relacionado ao uso compulsivo de jogos eletrônicos. Especialistas alertam ainda para o crescimento da chamada dependência digital, caracterizada pela incapacidade de controlar o tempo de uso das telas, irritação diante da ausência do celular e



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/06/2026"

prejuízos nas relações sociais e acadêmicas. Além disso, estudos recentes investigam fenômenos como a "síndrome da fadiga digital", marcada por exaustão mental, dificuldade de concentração e sobrecarga cognitiva decorrentes do excesso de estímulos tecnológicos.

Diante desse cenário, diversos países passaram a adotar políticas de restrição ao uso de celulares nas escolas. O objetivo dessas medidas não é negar a importância da tecnologia, mas impedir que ela substitua experiências fundamentais para o desenvolvimento humano. Afinal, nenhuma tela consegue reproduzir plenamente o olhar atento, a escuta verdadeira e a convivência coletiva que fazem parte da experiência escolar.

Além das evidências e do senso comum, estudos da UNESCO e da OECD indicam

que a tecnologia continuará presente no futuro da educação. Torna-se, portanto, impossível rejeitar os avanços tecnológicos. É evidente que as ferramentas digitais possuem grande potencial pedagógico. Nesse sentido, o verdadeiro desafio da educação contemporânea consiste em estabelecer limites saudáveis para que a tecnologia não comprometa a capacidade de concentração, reflexão e interação humana. Afinal, em meio ao avanço das tecnologias, uma urgência consiste em preservar aquilo que nenhuma inovação consegue substituir completamente: a presença humana.

Saúde mental nas escolas: o novo desafio da educação contemporânea

A saúde mental nas escolas deixou de ser um tema secundário e passou a ocupar o centro das preocupações educacionais. O aumento de casos de ansiedade, depressão, bullying, violência escolar e esgotamento emocional entre estudantes e professores mostra que a escola já não pode ser vista apenas como espaço de transmissão de conteúdo. Ela também precisa funcionar como ambiente de acolhimento, prevenção, escuta e proteção.

O artigo destaca que o sofrimento psíquico interfere diretamente no processo de aprendizagem. Alunos emocionalmente abalados têm mais dificuldade de concentração, convivência e rendimento escolar. Professores sobrecarregados, por sua vez, enfrentam desgaste crescente, o que afeta a qualidade do ensino e o clima institucional. Assim, a saúde mental aparece não só como questão individual, mas como fator estrutural da educação contemporânea.

Outro ponto central é o papel das redes sociais. Elas intensificam comparações, reforçam padrões irreais de sucesso e beleza, estimulam a busca por validação e ampliam a pressão emocional sobre crianças e adolescentes. Em muitos casos, conflitos digitais transbordam para a escola, agravando tensões, exclusões e episódios de violência. O ambiente virtual, portanto, passou a influenciar de forma decisiva o comportamento dentro da sala de aula.

O texto também defende a educação socioemocional como ferramenta pedagógica essencial. Ensinar empatia, autorregulação, escuta, respeito e resolução de conflitos não é um complemento opcional, mas uma necessidade para formar estudantes mais preparados para a vida em sociedade. Essa abordagem fortalece vínculos, reduz a agressividade e ajuda a construir um ambiente escolar mais saudável e produtivo.

Ao mesmo tempo, o artigo chama atenção para o fato de que os professores precisam de apoio real. Não basta exigir deles sensibilidade e equilíbrio diante de tantas pressões. É necessário oferecer formação adequada, suporte psicológico, equipes multiprofissionais e políticas institucionais consistentes. Sem isso, o risco é transformar o educador em alguém obrigado a absorver problemas complexos sem meios de resposta.

A escola, nesse cenário, surge como espaço estratégico de proteção e transformação. Quando estruturada com cuidado, ela pode identificar sinais de sofrimento cedo, encaminhar casos graves, fortalecer vínculos e criar uma cultura de bem-estar. Mais do que ensinar disciplinas, a escola contemporânea precisa também ensinar a conviver, a sentir e a pedir ajuda.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/06/2026"

EDUCAÇÃO

Qual deve ser o papel das artes na educação?



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

“A arte faz parte de uma educação integral. É fundamental para estimular a criatividade, a imaginação, as habilidades motoras, a inteligência racional, a afetividade e a emoção” (KIYOMURA, Leila; XAVIER, Gustavo). O aprendizado da arte estimula o estudante a olhar e a pensar o mundo. Ipiracity, 2023.

As artes na educação são como um tapete mágico repleto de criatividade, oferecendo estímulos que desagüam na expressão e criatividade, nas diferentes linguagens artísticas, tornando-se duradoura, capaz de eternizar-se.

Sempre foram importantes formas de comunicação e expressão humana, também uma eficiente ferramenta de aprendizagem. Integrá-las à educação desde cedo não é somente uma

questão de diversificar o currículo, mas investir no desenvolvimento integral dos aprendentes. “Somos seres sensíveis e estéticos, e a criação não se restringe a um momento específico.”

O papel das artes na educação é o de contribuir para a formação de pessoas mais criativas, sensíveis, empáticas e críticas, habilidades essenciais para o exercício da cidadania e para a preparação para a vida adulta e o mundo do trabalho. Também auxiliam na resolução de problemas e a lidar com as situações desafiadoras do dia a dia.

É preciso considerar que arte e educação permitem desenvolver o imaginário, cultivando diversas percepções, conectando-se, de um lado, com o mundo interno e, do outro, com as exigências do mundo externo, às quais, para sobreviver, precisamos nos adequar.

A importância da arte está no domínio que a pessoa tem do seu inconsciente, conseguindo encontrar-se consigo mesma. A energia flui intimamente ligada ao cosmos, ao universo. Uma emoção revelada em linhas, cores, formas, voz, movimentos, sons...

Sobre o sentir, Duarte Junior mostra que “a arte é, por conseguinte, uma maneira de despertar o indivíduo para que ele dê maior atenção ao seu próprio processo de sentir” (1994, p. 65). Resgatar a conexão entre razão, sensibilidade, sentimento e intuição tornou-se essencial para compreender o verdadeiro significado da vida. Essa integração, cada vez mais discutida por pesquisadores e profissionais da área cultural, é apontada como um dos pilares para o desenvolvimento do bem estar humano.

A arte como expressão nas novas tecnologias

A arte acompanha, há muitos milênios, a nossa evolução, das variadas espécies de primatas hominiais até o Homo sapiens atual. Temos computadores cada vez mais velozes com inúmeras ferramentas para expressar, criar e desenvolver novas formas de comunicação e expressão artística. É importante que o aluno se perceba como protagonista nos processos de interação com os novos recursos tecnológicos, buscando formas de apropriação a partir de suas experiências e de seu cotidiano, vinculando a tecnologia como recurso artístico, cognitivo e prático.

A história da arte sempre esteve ligada a mudanças gradativas de suportes artísticos, criando conceitos a partir da tecnologia e da aplicação de novos recursos técnicos aplicados na arte. A participação da máquina no processo criativo passa por inúmeras possibilidades, como: coadjuvante ou ativa, como uma ferramenta técnica que dá vazão ao processo artístico,



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/06/2026”

conceitual, uma presença sólida ou insólita. “A arte feita com tecnologias interativas tem como pressupostos básicos a mutabilidade, a conectividade, a não-linearidade, a efemeridade, a colaboração”. (DIANA DOMINGUES, 1997, p. 19).

Como consequência, vários aspectos são beneficiados, como a aprendizagem, o humor, a compreensão de textos, os relacionamentos, o autoconhecimento, a autoestima, a criatividade e a intuição, dentre outros.

Com o avanço da tecnologia a serviço das pesquisas científicas, hoje sabemos que nosso cérebro funciona em rede, onde um estímulo aciona diversas partes do encéfalo ao mesmo tempo, havendo também a neuroplasticidade, que faz com que uma área deficiente seja suprida por outra área, o que antes não era conhecido.

É importante saber utilizar toda nossa capacidade de forma apropriada e consciente, buscando sempre o aprimoramento de todas as funções.

A arte é essencial

Como já dizia o filósofo Nietzsche, “a arte existe para que a realidade não nos destrua”.

A arte sempre foi classificada, de uma forma geral, como objeto de contemplação, o que faz

com que seu valor como ferramenta educacional não seja percebido, sendo vista somente como lazer (BARBOSA, 2006). Por este motivo, fica em segundo plano em se tratando de educação, sendo utilizada como aulas de descanso e diversão neste processo, quando na verdade possui um forte poder pedagógico quando utilizada de forma a despertar pensamentos e sentimentos, tanto no professor quanto no aluno.

A arte faz parte de uma educação integral. É fundamental para estimular a criatividade, a imaginação, as habilidades motoras, a inteligência racional, a afetividade e a emoção, ocupando um lugar único na experiência humana. Diferente de outras formas de conhecimento, ela nos ensina não somente a entender o mundo, mas a senti-lo, proporcionando enxergar o mundo por diferentes perspectivas.

A arte nos convida a experimentar realidades distintas. Além disso, ela também ensina sobre resistência e transformação. Movimentos artísticos ao longo da história demonstraram como a expressão criativa pode desafiar normas, denunciar injustiças e dar voz a grupos marginalizados.

O impacto da arte na educação e no desenvolvimento humano

Uma pesquisa da Hábitos Culturais, conduzida pela Fundação Itaú em parceria

com o Datafolha, divulgada em março de 2024, revelou que 95% dos pais acreditam que a participação em atividades culturais contribui para o melhor desempenho escolar dos filhos, além de fortalecer as relações familiares (94%) e a interação social (93%).

O impacto da arte na formação humana também é destacado pela professora doutora Barbara Raquel Do Prado Gimenez Correa, do curso de Licenciatura em Pedagogia da PUCPR. A arte contemporânea que utiliza tecnologias digitais depende de processos dinâmicos e participativos, nos quais o público deixa de ser apenas espectador para tornar-se parte ativa da obra. Isso ocorre porque, como afirma Domingues, “a arte feita com tecnologias interativas tem como pressupostos básicos a mutabilidade, a conectividade, a não-linearidade, a efemeridade, a colaboração” (DOMINGUES, 1997, p. 19).

Por fim, criar a oportunidade de transformar, descobrindo delicadamente o gosto expressivo e artístico, ampliando as possibilidades entre as narrativas humanas que fazem parte do cotidiano.

VOCÊ SENTE QUE VOCÊ OU O SEU NEGÓCIO TEM POTENCIAL, MAS ALGO AINDA ESTÁ TRAVANDO O CRESCIMENTO?

Somos especialistas em criação de logos, artes visuais impactantes e mentoria estratégica de negócios.

QUER SABER COMO FUNCIONA?

81 99590.9237

Mais de 3 mil marcas criadas no Brasil e em mais 16 países.

MAIS DE 200 MASCOTES CRIADOS

MASCOTE PERSONALIZADO R\$100

EDUCAÇÃO

A beleza da arte de debuxar nas escolas atuais



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

"O desenho das letras com regularidade e precisão, não é apenas uma prática antiga, mas um exercício de disciplina, atenção e formação intelectual."



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/06/2026"

Aprender a desenhar as letras com caligrafia regular e legível sempre fez parte da educação escolar. Essa é a "arte de debuxar", em que a beleza, a precisão e regularidade da escrita manual provam a sólida formação intelectual. Muito antes do advento das telas, a caligrafia representava um exercício de disciplina, concentração e refinamento cultural. No entanto, os tradicionais cadernos de caligrafia desapareceram de grande parte das escolas na sociedade brasileira. Há alguma perda com o abandono dessa prática?

Essa pergunta que reflete a preocupação com a escrita manual não é recente. Em Portugal, um dos mais importantes registros da tradição caligráfica é a obra Nova Escola para Aprender

a Ler, Escrever e Contar (1722), de Manuel de Andrade de Figueiredo. Considerado um dos primeiros grandes manuais pedagógicos da língua portuguesa, o livro dedicava extensa atenção ao ensino da escrita, apresentando modelos de letras e orientações para o desenvolvimento de uma caligrafia clara e elegante. A escrita era entendida como parte fundamental da educação e da participação social.

Nas últimas décadas, entretanto, mudanças pedagógicas e tecnológicas alteraram esse cenário. A popularização dos computadores, tablets e smartphones levou muitas escolas a priorizarem o letramento digital, reduzindo o tempo destinado ao treino sistemático da escrita manual. Além disso, métodos de ensino passaram a enfatizar a

produção de sentidos e a comunicação escrita, relegando a caligrafia a um papel secundário.

Pesquisas recentes indicam que a escrita manual continua desempenhando funções importantes no desenvolvimento infantil. A pesquisadora britânica Rosemary Sassoon, autora de Handwriting and Education, argumenta que a caligrafia envolve muito mais do que a estética da letra. Trata-se de uma atividade complexa que integra coordenação motora fina, percepção visual, planejamento dos movimentos e automatização de gestos gráficos.

A neurociência tem reforçado essa perspectiva. Um estudo publicado em 2024 por pesquisadores da Universidade Norueguesa de Ciência e Tecnologia demonstrou que escrever à mão ativa redes neurais mais amplas do que a digitação, especialmente aquelas relacionadas à memória e à aprendizagem. Os resultados sugerem que a formação das letras por meio do movimento favorece a consolidação do conhecimento e o processamento cognitivo.

Outras investigações, como as conduzidas pela American Educational Research Association (AERA), apontam que estudantes que desenvolvem fluência na escrita manual tendem a produzir textos mais extensos e complexos, uma vez que a automatização dos movimentos reduz a sobrecarga cognitiva durante a escrita. Em outras palavras, quando o aluno não precisa concentrar seus esforços na formação das letras, consegue dedicar mais atenção às ideias que deseja expressar. Será verdade?

Além dos benefícios intelectuais, a caligrafia

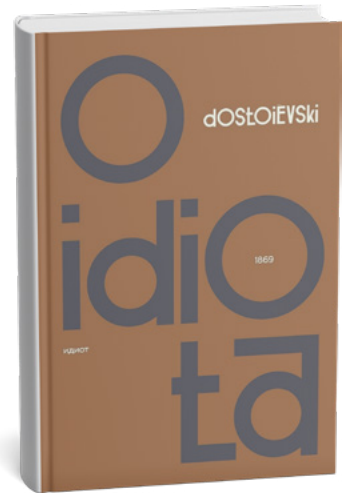
contribui para o desenvolvimento das habilidades motoras finas, essenciais para diversas atividades acadêmicas e cotidianas. A escrita manual exige controle muscular, coordenação entre olhos e mãos e organização espacial, competências que se desenvolvem progressivamente durante a infância.

Isso significa que devemos abandonar as tecnologias digitais? Certamente, não! O desafio contemporâneo consiste em equilibrar a tradição com a inovação. A escrita digital é indispensável no mundo atual, mas não precisa substituir completamente a escrita manuscrita. Práticas como diários de leitura, anotações à mão, produção de cartas, exercícios de desenho de letras e atividades artísticas podem reintroduzir a caligrafia de forma significativa e contextualizada.

Nesse sentido, práticas como o lettering demonstram que a arte de debuxar continua despertando interesse nas novas gerações, unindo estética, coordenação motora e identidade visual. Cabe, portanto, às escolas equilibrar tradição e tecnologia nos processos de alfabetização.



"O idiota de Fiódor Dostoiévski"



O idiota é uma das obras mais comoventes de Fiódor Dostoiévski. Abstrusa para os contemporâneos do escritor, mas atual e compreensível para quem a conhecer em nossos dias, ela conta a história de um jovem aristocrata russo que se atreve a defender o sublime ideal humanista numa sociedade regida pelas leis do livre comércio. Ovelha negra da alta-rodada de São Petersburgo, o príncipe Míchkin é tachado de idiota em virtude das suas qualidades morais e acaba perdendo de fato o juízo. Sua imagem de mártir e visionário, inspirada na do magnífico Dom Quixote de Cervantes, fica interiorizada pelo leitor; seu trágico fim leva-o a perguntar a si mesmo onde termina a loucura e começa a santidade do protagonista e, conseqüentemente, a repensar o próprio conceito daquilo que pode ser objeto de compra e venda no conturbado âmbito das relações humanas. Revisão técnica e notas da tradução por Oleg Almeida (escritor e tradutor bielorrusso).

RESENHA LITERÁRIA

O Apanhador no Campo de Centeio - J.D. Salinger

Por J.B Wolf



FAZER DOWNLOAD

Salinger apresenta um retrato cru e honesto da luta interna de Holden, destacando sua profunda sensação de desilusão com o mundo adulto, que ele vê como hipócrita e insensível. A jornada de Holden por Nova York, em busca de um lugar onde possa se sentir em casa, é um reflexo angustiante e comovente do desejo universal de conexão e compreensão.

A prosa de Salinger é marcada por um estilo coloquial e introspectivo que captura perfeitamente a voz de Holden, tornando suas experiências e pensamentos palpáveis e autênticos. A narrativa é repleta de momentos de humor e tristeza, oferecendo uma visão complexa e empática da mente de um jovem perturbado.

"O Apanhador no Campo de Centeio" é uma obra que continua a ressoar com leitores de todas as idades, oferecendo uma profunda reflexão sobre a vulnerabilidade humana e a dificuldade de encontrar um sentido no mundo. É um romance que não só entretém, mas também provoca uma introspecção sobre as próprias esperanças e angústias.

O Apanhador no Campo de Centeio", de J.D. Salinger, é um clássico da literatura americana que captura a turbulência da adolescência e a complexidade da busca por identidade. Narrado em primeira pessoa por Holden Caulfield, um jovem de 16 anos que foi expulso de sua escola preparatória, o romance explora temas de alienação, rebeldia e a transição para a idade adulta.

CURIOSIDADES

A fascinante história do Trem Fantasma: Mito ou Realidade?



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar

Muito além do suspense. Presente em lendas ferroviárias e em parques de diversão, o Trem Fantasma atravessa gerações como uma imagem que reúne medo, memória e entretenimento. Entre o sobrenatural e o susto encenado, a atração segue viva no imaginário popular, inclusive em festas tradicionais do Nordeste, nas festividades juninas.

Nos parques de diversão, o Trem Fantasma ganhou outra forma e outro destino: o entretenimento. O conceito remete às antigas atrações conhecidas como dark rides, popularizadas entre o fim do século XIX e o início do século XX e, ainda hoje, presentes em parques de vários países. No Brasil, diferentes lugares já abrigaram versões desse brinquedo. Entre os exemplos mais lembrados estão o Parque Guanabara, em Minas Gerais; o Parque Marisa, em São Paulo; e o Beto Carrero World, que mantém experiências imersivas de terror, como o Portal da Escuridão.

Para a ciência, os relatos de trens fantasmas podem ser explicados por fenômenos naturais mal interpretados, pela força da sugestão ou pelo peso da memória coletiva. Para muitos, no entanto, o enigma resiste. Há quem jure ter visto luzes sobre os trilhos, ouvido apitos na madrugada ou sentido o chão vibrar com a passagem de um trem que jamais chega à estação. É nesse cruzamento entre medo, lembrança e imaginação que a lenda permanece viva. Alimentada por acidentes históricos, depoimentos orais e pelo fascínio humano diante do inexplicável, ela continua a ocupar um lugar duradouro no imaginário popular.

Trem Fantasma junino no Maior São João do Mundo, em Campina Grande (PB)

No universo das festas juninas, o Trem Fantasma também encontrou espaço para se reinventar. Em Campina Grande, no contexto do Maior São João do Mundo, a atração já apareceu adaptada ao imaginário do folclore brasileiro, reunindo personagens como Cumadi Fulozinha, Caipora, Boitatá, Lobisomem, Vaqueiro Misterioso e Saci. A proposta transforma o susto em celebração cultural e aproxima o brinquedo de tradições e narrativas profundamente enraizadas no Nordeste.

Nessa versão, o visitante embarca em um percurso curto, cercado por cenografia, fumaça, iluminação e trilha sonora, enquanto encontra figuras lendárias transmitidas pela tradição oral. Mais do que um brinquedo, a experiência

funciona como porta de entrada para um repertório de histórias que atravessa gerações.

Em alguns casos, a atração é acompanhada de material explicativo sobre as lendas apresentadas no trajeto, reforçando seu caráter educativo e ampliando o vínculo entre entretenimento e cultura popular.

O Trem Fantasma e a nostalgia dos parques de diversão

Os parques de diversão atraem. Neles, famílias, crianças e amantes da aventura com adrenalina encontram um território onde luz, música, velocidade e fantasia se combinam para produzir experiências intensas. Mais do que simples passatempo, esses espaços acionam memórias, despertam sentidos e transformam o lazer em espetáculo compartilhado.

Entre mito e memória, o Trem Fantasma consolidou-se como uma das imagens mais nostálgicas dos parques de diversão. Para muitos, ele guarda o susto da infância; para outros, o encanto das atrações clássicas que marcaram as décadas de 1980 e 1990. Em sua forma mais conhecida, o brinquedo conduz os visitantes em minicarros por corredores escuros, povoados por monstros, múmias, vampiros e criaturas com vasto repertório do imaginário popular.

Em João Pessoa, o Trem Fantasma costuma integrar o parque de diversões montado no Parque Solon de Lucena, durante a Festa de Nossa Senhora das Neves. A celebração, além de homenagear a padroeira, marca o aniversário da capital paraibana e, tradicionalmente, ocupa o calendário da cidade entre o fim de julho e o dia 5 de agosto.

Na infância e na adolescência, eu me sentia irresistivelmente atraída por esse tipo de diversão, feito de sustos, suspense e expectativa. Mesmo cercado de carrosséis e rodas-gigantes, o Trem Fantasma sempre me parecia uma atração à parte. Havia nele algo que mobilizava até a imaginação dos adultos: bastava entrar no carrinho, sobre trilhos, para começar uma breve travessia no escuro, por um castelo povoado de monstros, fantasmas, múmias e outras criaturas ameaçadoras. Eu demorava a entrar, porque sabia que enfrentaria o medo do escuro e a sensação de que, a qualquer momento, alguém poderia puxar meu cabelo, segurar minha perna ou me arrancar do carrinho. A música alta aumentava o suspense; as mãos começavam a suar e, quando o trem partia, eu já me sentia envolvida por um medo sem forma, acompanhado de um frio na barriga. No percurso, surgiam os fantasmas, e a única certeza era a de que os sustos só terminariam quando o trenzinho parasse. O alívio vinha com a luz da saída, meu e de tantos

outros que desciam dali entre risos, tensão e encantamento.

Quando a viagem termina, o corpo ainda guarda um leve sobressalto, mas a memória já começa a filtrar o medo e a transformá-lo em diversão. Fica à vontade para esperar que o próximo parque seja montado, e para reunir coragem para embarcar outra vez.

Entre a memória e as emoções

Entre a assombração e a brincadeira, o Trem Fantasma atravessa o tempo como imagem viva do imaginário popular. Seja nos trilhos da lenda, seja nos carrinhos dos parques de diversão, ele continua a mobilizar emoções antigas: o medo do desconhecido, o fascínio pelo mistério e a alegria nervosa de quem encara a escuridão sabendo que, ao final, restará uma cativante história para contar. Talvez por isso nunca desapareça por completo, porque, mais do que uma atração ou uma narrativa de terror, o Trem Fantasma é também uma memória coletiva em movimento.

Como uma atração que mistura medo, memória, nostalgia e cultura popular. Entre lendas ferroviárias, parques de diversão e festas juninas do Nordeste."



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/06/2026"

PUBLIQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

CURIOSIDADES

A Sinfonia da Alma: como ordens religiosas desvendam o poder curativo do som muito antes da ciência

CURIOSIDADES
- Leia o artigo completo no Site



IMAGEM GERADA POR IA “usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/05/2026”

POR
The Bard News, Redação

“Hoje a neurociência confirma que essas práticas influenciam o sistema nervoso autônomo, reduzem o estresse e fortalecem laços sociais.”

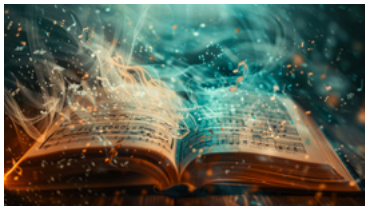


Durante séculos, a religião tratou o som como ponte entre o corpo e o invisível. Em mosteiros, abadias, templos e retiros espirituais, cânticos repetidos, mantras, salmódias e coros não serviam apenas para ornamentar a fé. Eles organizavam o tempo, disciplinavam a respiração, unificavam a comunidade e, muitas vezes, produziam uma experiência subjetiva de calma, concentração e transcendência. Hoje, com a neurociência e a psicologia do estresse avançando sobre temas antes reservados à espiritualidade, cresce o interesse por uma pergunta antiga: haveria, por trás do silêncio sagrado e da repetição sonora, um efeito real sobre o corpo e a mente?

A resposta mais honesta é que sim, mas com nuances. A ciência contemporânea já reconhece que determinadas práticas sonoras podem influenciar a respiração, a frequência cardíaca, a atenção, o nível de estresse e até marcadores fisiológicos ligados ao bem-estar. Isso não significa que cânticos e frequências tenham poderes milagrosos nem que curas instantâneas possam ser atribuídas ao som. Significa, porém, que as tradições religiosas podem ter intuitivamente descoberto um mecanismo poderoso muito antes de a linguagem científica existir para descrevê-lo.

Em várias culturas, o som sempre foi mais do que arte. No cristianismo medieval, especialmente nas ordens monásticas, o canto gregoriano ganhou status de disciplina espiritual. Suas linhas longas, cadência livre e ausência de virtuosismo instrumental criavam uma atmosfera de reco-

lhimento. Em vez de excitar, o canto parecia acalmar. Em vez de impor velocidade, induzia lentidão. A repetição, a melodia monofônica e o ambiente acústico das igrejas de pedra ajudavam a prolongar a reverberação e a mergulhar os fiéis em uma experiência de escuta mais profunda.



Não era por acaso que arquitetos e religiosos davam tanta importância ao espaço. As grandes catedrais europeias, com arcos altos, naves extensas e superfícies duras, funcionavam como câmaras de ressonância. A voz se espalhava, retornava, pairava no ar. O efeito não era apenas estético. Em contextos de baixa iluminação, ritos demorados e pouca distração visual, o som preenchia o ambiente e ajudava a produzir estados de atenção concentrada. Para os monges, isso fazia parte da oração. Para a ciência atual, pode ser descrito como modulação da excitação fisiológica e indução de relaxamento.

Em tradições orientais, o princípio era semelhante, embora com outras linguagens. No budismo, no hinduísmo e em outras correntes contemplativas, a repetição de mantras é usada para focar a mente, reduzir dispersão e ancorar a atenção em um padrão sonoro estável. O valor do mantra não está apenas em seu significado literal. Está também na vibração produzida pela repetição ritmada, na cadência respiratória e na concentração que ela exige. Em práticas de japa, dhikar e outras formas de vocalização meditativa, o som se torna uma técnica de atenção.

Esse ponto é importante porque ajuda a separar ciência de crença. Quando praticantes falam em energia, alinhamento ou ressonância espiritual, estão descrevendo experiências vividas e sistemas simbólicos legítimos. A ciência, por sua vez, consegue medir alguns efeitos associados: menor ativação do sistema de estresse, sensação subjetiva de tranquilidade, melhora de foco e redução de ruminação mental. O que ela ainda não pode fazer, com a mesma segurança, é confirmar alegações mais amplas sobre cura de doenças complexas ou reparação de DNA por frequências específicas. Essas hipóteses circulam em ambientes de bem-estar, mas carecem de validação robusta e consistente.

Ainda assim, o campo da musicoterapia e da pesquisa em neurociência do som oferece indícios sólidos de que o corpo responde ao ambiente acústico de modo significativo. Ritmos lentos podem favorecer a desaceleração fisiológica. Vocalizações repetidas podem sincronizar respiração e reduzir a atividade associada ao alerta. Canto coletivo pode reforçar vínculos sociais e diminuir a sensação de isolamento. Mesmo a experiência de ouvir música de modo contemplativo já foi associada, em diferentes estudos, à redução de ansiedade e à melhora do humor em alguns contextos clínicos.

Há também uma dimensão neurológica menos visível, mas igualmente relevante. Práticas sonoras repetitivas podem ajudar a interromper a ruminação, aquele ciclo mental de pensamentos repetidos que costuma acompanhar ansiedade, estresse e sofrimento emocional. Quando a mente se ocupa de um padrão sonoro estável, há menos espaço para a espiral do excesso de pensamento. É uma lógica simples, mas poderosa: a repetição organizada do som ocupa o lugar do ruído interno. Por isso tantas tradições insistem na recitação, no canto e na escuta disciplinada.

O interesse contemporâneo por esses efeitos levou o tema para além dos claustros e dos centros espirituais. Hospitais, clínicas de reabilitação e consultórios têm incorporado práticas ligadas à musicoterapia em apoio a tratamentos convencionais. Não se trata de substituir medicamentos ou terapias clínicas, mas de usar o som como ferramenta complementar. Em alguns ambientes de cuidado, música calma e ritmada ajuda pacientes a relaxar antes de procedimentos. Em outros, a participação em atividades sonoras contribui para aliviar o desconforto emocional em quadros de ansiedade, dor crônica e estresse.

Essa redescoberta moderna, porém, deve ser acompanhada de cautela. Há uma tendência crescente de transformar qualquer prática sonora em promessa terapêutica universal. Isso é um erro. Nem todo som cura, nem toda frequência faz o que a publicidade promete. A popularização de conceitos como frequências “mágicas” e tons capazes de “harmonizar células” costuma misturar ciência real com linguagem mística de consumo rápido. Em vez de rejeitar o tema, o jornalismo responsável deve separar o que é observado experimentalmente do que pertence ao campo da crença ou do marketing.

Mesmo assim, o fascínio persiste porque a experiência humana do som é profunda. Ao contrário de outras formas de estímulo, o som atravessa o corpo. Ele não é apenas ouvido, é

sentido. Vibra no peito, altera a percepção de espaço, modifica o ritmo da respiração e molda a atenção. Quem já participou de um coro, assistiu a uma liturgia cantada ou permaneceu em silêncio dentro de uma igreja com boa acústica sabe que o som pode produzir efeitos difíceis de reduzir a números. O que as ordens religiosas compreenderam, talvez sem fórmulas laboratoriais, foi que a repetição sonora organizada é capaz de criar um ambiente interno e externo de recolhimento.

A arquitetura reforçou esse efeito. Mosteiros e templos não eram apenas cenários da prática sonora, mas instrumentos dela. Corredores longos, abóbadas, pedras frias e espaços vazios aumentavam a reverberação e davam à voz uma espécie de prolongamento sagrado. Em vez de competir com o som, o ambiente o amplificava. Isso criava uma experiência sensorial total, na qual o praticante não apenas ouvia, mas era envolvido pelo som. É uma tecnologia antiga, simples e sofisticada ao mesmo tempo.

Há, inclusive, uma dimensão social nesse uso. O som compartilhado organiza o grupo. Quando uma comunidade canta junto, respira junto e repete a mesma sequência de palavras, produz uma forma de sincronização coletiva. Essa sincronização pode reforçar pertencimento, disciplina e confiança mútua. Em tempos de fragmentação social, não é surpreendente que muitos busquem novamente essas práticas, ainda que em versões laicizadas, como corais, meditação guiada e sessões de escuta terapêutica.

O desafio contemporâneo é não transformar esse legado em superstição nem desprez-lo como mera curiosidade folclórica. As ordens religiosas podem não ter falado em neurotransmissores, sistema nervoso autônomo ou variabilidade da frequência cardíaca, mas observaram efeitos que hoje começam a ser descritos com precisão científica. Em vez de opor fé e ciência, talvez o mais correto seja reconhecer que a fé

preservou, por séculos, uma prática cuja racionalidade só agora começa a ser compreendida em outra linguagem.

Isso não significa que o som substitua tratamento médico, psicoterapia ou mudanças concretas de vida. Significa que ele pode ser um aliado real, sobretudo quando integrado a práticas mais amplas de cuidado. O canto, o mantra, o coral, o silêncio entre as notas e a atenção à respiração podem compor uma ecologia de bem-estar que atue sobre estresse, foco e sensação de presença. O valor disso é enorme, especialmente em um mundo marcado por excesso de estímulo, pressa e dispersão.

No fundo, a história do som sagrado é a história de uma intuição humana persistente: a de que vibração, repetição e escuta podem reorganizar não apenas o ambiente, mas o próprio estado interior. Talvez seja por isso que essas práticas sobreviveram a impérios, reformas religiosas, revoluções tecnológicas e ceticismos de toda ordem. Elas tocam em algo elementar. Antes de ser linguagem de fé, o som é linguagem do corpo. Antes de ser doutrina, é ritmo. Antes de ser explicação, é experiência.

E é justamente essa experiência que explica sua permanência. Em tempos em que a ciência reconhece cada vez mais a relação entre atenção, respiração, emoção e fisiologia, o legado sonoro das tradições religiosas deixa de parecer um enigma místico e passa a ser visto como uma herança sofisticada de cuidado humano. Nem milagre, nem ilusão. Apenas uma forma antiga e surpreendentemente atual de lembrar que ouvir, em certos contextos, também é uma maneira de curar.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/06/2026”

COMPORTAMENTO

A História dos Provérbios: Pequenas Sentenças, Grandes Valores



Por Alexandre Câmara
COLUMNISTA

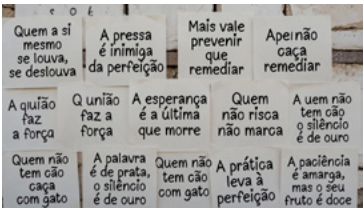
Alexandre Câmara é doutorando em Ciência da Informação pela UFPB, onde pesquisa cultura visual e xilogravura popular nordestina na perspectiva da Representação da Informação. Mestre em Comunicação Social e bacharel em Design, escreve a partir das relações entre arte, imagem, memória, linguagem e cultura popular.

@camara1004



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok" sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/05/2026"

"Os provérbios são fórmulas curtas que condensam gerações de experiência, moral e humor."



A voz do povo é a voz de Deus." O velho dito popular reivindica para si autoridade, certeza e a força do conhecimento coletivo. De boca em boca, os provérbios atravessam gerações e surgem não apenas como verdades incômodas ou tiradas bem-humoradas, mas também como palavras de alento, fé e esperança. São pequenas sentenças que parecem chegar sempre na hora exata: resumem uma situação, oferecem um conselho, lançam uma advertência ou devolvem ao mundo uma ironia que, muitas vezes, nenhum discurso longo alcançaria com a mesma precisão.

Certamente você já ouviu alguma dessas pílulas de sabedoria aplicadas no momento certo por avós, pais, tios ou professoras da escola.

Minha avó, por exemplo, encerrava qualquer conversa sobre alguém que fracassou na vida com provérbios como "quem tudo quer, nada tem" ou "da pataca do miserável, o diabo tem um vintém e dez réis", enquanto contava os pontos do seu crochê.

Mas, afinal, o que é um provérbio? Em termos simples, trata-se de um enunciado breve, sonoro e relativamente estável, capaz de fazer sentido por si só. Sua força está em dizer muito com pouco: em fórmulas curtas, memoráveis e fáceis de reconhecer. Por meio delas, uma comunidade preserva conselhos, observações, advertências e modos de ver o mundo no ritmo da fala cotidiana.

A origem dos provérbios se perde no tempo. Eles brotam da vida prática, de acontecimentos históricos, mitologias, reverências religiosas e também dos campos das ciências, das letras e das artes. Filósofos e sábios da Antiguidade recorreram a eles como forma de transmitir conhecimentos e princípios morais. A palavra provérbio possui pelo menos duas acepções: pro (favor) + verbium (palavra), isto é, "a favor da palavra"; e pro (em vez de) + verbo (palavra de Deus), "palavra a serviço de Deus", o que sinaliza, segundo o professor João Ribeiro Júnior (1986), uma possível origem religiosa do termo. Já Latuf Isaías Mucci (2009) o define como uma fórmula breve e memorável na qual uma comunidade condensa experiência, conselho e visão de mundo. A ciência que se dedica ao estudo sistemático dos provérbios recebe o nome de paremiologia.

É impressionante a capacidade que os provérbios têm de atravessar o tempo. A repetição os fixa na memória, e a oralidade os dissemina. Como se ajustam a diferentes situações, também podem ser usados como recursos estratégicos de retórica, inclusive em

sentidos opostos, como acontece nos chamados contraditados. Se alguém diz "Deus ajuda quem cedo madruga", outro pode retrucar, sem perder o fôlego: "mas a pressa é inimiga da perfeição".

É bem verdade que atualizações como "cuspido e escarrado", em vez de "esculpido em Carrara", e "cor de burro quando foge", em vez de "corro de burro quando foge", podem alterar o sentido original da fórmula. Ainda assim, essas deformações mostram que o provérbio não desaparece: ele continua circulando, sendo ouvido, repetido e recriado, mesmo quando a memória coletiva já não conserva com precisão sua forma primeira.

A importância dos provérbios foi tão grande que eles chegaram a integrar materiais de alfabetização. Nas antigas cartas de ABC, como as de Laudelino Rocha e de Antônio Maria Marker, publicadas no Brasil por volta de 1924, respectivamente no Nordeste e no Sul, essas fórmulas apareciam como parte do conteúdo didático. Sua função, além de ensinar a ler, era também difundir valores morais.

Mais do que sobreviver ao tempo, os provérbios se mantêm porque carregam uma autoridade peculiar: a de um saber que parece já ter sido testado pela vida. Sua força não está em provar tudo racionalmente, mas em soar familiar, reconhecível e socialmente validado. Por isso, entram na conversa com facilidade, às vezes para abrir um assunto, às vezes para encerrá-lo de vez.

Se sua confiabilidade se apoia na experiência e nos conhecimentos socialmente partilhados, sua eficácia também depende de uma estrutura verbal precisa. Um bom provérbio costuma ser simples, direto e construído com palavras, personagens e situações facilmente reconhecíveis. Ele precisa funcionar por si só, sem depender de grandes explicações. É como uma boa piada: perde força quando precisa ser explicada.

Outro ponto interessante é a sonoridade. Cadência, repetição de sílabas e até de palavras inteiras ajudam na memorização e no reconhecimento. Provérbios como "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura", "quem conta um conto, aumenta-lhe um ponto", "ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão" e "amigos, amigos, negócios à parte" são bons exemplos. Seu cérebro completou algum deles antes do fim da leitura? Aposto que sim.

A lógica dos provérbios, na maioria das vezes, se apoia na relação entre ação e consequência. Em muitos casos, parte-se do princípio de que determinadas atitudes tendem a produzir certos resultados, convidando à reflexão e orientando a conduta. Ao se apresentarem como uma espécie de regra geral sobre o funcionamento da vida, eles não se colocam necessariamente como verdades absolutas, mas como generalizações construídas pela experiência. O contraste entre opostos também aparece com frequência como forma de reforçar escolhas e valores, como em "antes só do que mal acompanhado", "o pior cego é aquele que não quer ver" ou "um dia da caça, outro do caçador".

Há ainda uma lógica de base religiosa muito evidente no livro bíblico de Provérbios. Nele, a sabedoria não depende apenas da experiência prática, mas se ancora na ideia de que "o temor do Senhor" é o seu princípio. Em outras palavras, compreender a vida de forma correta exigiria, antes de tudo, uma postura de reverência, respeito e reconhecimento da autoridade divina. Nesse caso, a sabedoria não aparece apenas como prudência cotidiana, mas como uma orientação de conduta fundada em uma base espiritual.

Embora tenham uma forma consagrada, os provérbios também vivem de reinvenções. No uso cotidiano, na publicidade, no jornalismo e nas redes sociais, eles podem ser parodiados,

distorcidos ou reformulados para produzir humor, crítica ou surpresa. Quando alguém altera um dito conhecido, o efeito costuma nascer justamente do reconhecimento da forma original. É essa tensão entre tradição e desvio que mostra como o provérbio, mesmo tão marcado pela repetição, continua sendo uma linguagem viva.

Nascidos na oralidade, os provérbios encontraram no ambiente digital novas rotas para sua circulação. Hoje, fórmulas breves, reconhecíveis e facilmente replicáveis encontram em mensagens de WhatsApp, memes, legendas, vídeos curtos e bordões um terreno fértil para se desenvolverem com velocidade. O suporte mudou, a lógica permanece: dizer muito com pouco, fixar-se pela repetição e ganhar força no reconhecimento coletivo.

Porém, nem todo meme é um provérbio, embora muitas formas atuais de expressão encontrem um lugar próximo a ele. Frases virais, bordões e reformulações irônicas condensam experiências, comentam comportamentos e funcionam como respostas prontas para situações do cotidiano; não raro, transformam excessos, contradições ou deslizes em pequenas cenas de justiça simbólica. Se antes o provérbio era transmitido como herança, hoje muitas dessas fórmulas circulam como tendência. Ainda assim, continuam respondendo à mesma necessidade humana de resumir o mundo em poucas palavras.

Talvez seja justamente por isso que os provérbios continuem tão vivos: porque não pertencem apenas à língua, mas à experiência compartilhada. Eles reaparecem na voz de quem aconselha, adverte, consola ou ironiza; atravessam cozinhas, quintais, salas de aula, feiras, conversas de família e, agora, também as telas iluminadas do cotidiano. Mudam de suporte, de ritmo e até de roupa, mas preservam sua vocação essencial: dizer muito com pouco, fixar-se pela repetição e devolver ao mundo, em forma breve, uma verdade, um riso, um alerta ou uma pequena justiça. Mais do que fórmulas antigas, os provérbios são sinais de uma inteligência coletiva que não se apaga, apenas encontra novas maneiras de circular.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



COMPORTAMENTO

Pequenos Atos de Bondade Que Transformam Comunidades



Por Sandra Santiago
COLUNISTA

Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: “A história da exclusão das Pessoas com deficiência”; “Memórias de Estágio”; “Problematizando a inclusão do estudante surdo”.

@sandraassantiago

COMPORTAMENTO

- Leia o artigo completo no Site



No contexto atual, o que significam Atos de Bondade? Para alguns, uma bobagem, total perda de tempo, ilusão de alguns tolos; para outros, soluções simples que potencializam as mudanças que a maioria da sociedade pós-moderna deseja e busca. Para os sonhadores, pode se dizer que são como pequeninas sementes plantadas em terrenos férteis, capazes de transformar comunidades, sociedades, mundos, em lugares melhores para todos.

Nessa perspectiva, pequenos atos de bondade são poderosos agentes transformadores da realidade, pois, resgatam a humanidade dos seres e lhes convidam à comunhão, à solidariedade, à inclusão. Certamente, dito desta forma, parece que os atos de bondade são parte – exclusivamente – dos discursos religiosos, mas, não é bem assim. Vos convido a pensar um pouco mais a respeito.

Em todo o pensamento filosófico, o elemento central é a busca por compreender a existência humana, o mundo e a natureza das coisas. Em sua origem ontológica, é “amor à sabedoria” e a

necessidade de conhecer para discernir, escolher, fazer melhor, aprimorar o espírito humano. Parece estar na essência humana, a busca por um ideal de bem que o faça ser feliz, ainda que o sentido do que seja esse bem em si possa ser diferente a depender do olhar de cada um.

Para Aristóteles, assim como para Kant, o bem é o fim supremo da humanidade e dele deriva a felicidade, pois é guiada pela boa vontade em assim viver para si e para a coletividade. De modo análogo, para Sêneca, o bem é algo interior ao ser humano, mas, com expressão prática, se pauta no desenvolvimento das virtudes, portanto, pode ser visível na conduta humana. De modo geral, se percebe que, embora, tenham vivido em contextos diferentes, para Aristóteles, Sêneca e Kant, a razão é a faculdade humana fundamental para alcançar o bem.

Nessa direção, nos acochamos à concepção desses filósofos para defender que, são os Pequenos Atos de Bondade, possíveis de serem realizados por qualquer indivíduo, que levam à transformação da realidade e, certamente, à felicidade. No passado assim como hoje, sempre se buscou uma sociedade onde fosse possível viver no bem, onde se encontre a razão de existir e se alcance a felicidade. Fora disso, qualquer vida humana, quando refletida se torna vazia.

Dessa perspectiva, comportamentos que se pautam na ética, no respeito e na justiça seriam potencialmente capazes de conduzir ao bem. No dia a dia pode se dizer que o exercício da empatia, da gentileza, do respeito às diferenças, da colaboração e da doação (seja de recursos ou de tempo) são exemplos simples dos pequenos atos de bondade, que todos são capazes de ofertar e, ao mesmo tempo, todos podem necessitar, em algum momento de suas vidas. Portanto, o bem não está posto como ideia inalcançável, nem privilégio de alguns; é uma construção individual e coletiva. Quem não se sente bem ao ser cumprimentado, tratado com amabilidade, com carinho e respeito? Quem não fica feliz ao ser ajudado, quando necessita?

Com tal compreensão, se percebe que num mundo profundamente perturbado pelas desigualdades e injustiças, misérias e conflitos, os pequenos atos de bondade são necessários para a recuperação da esperança na humanidade e, portanto, nas instituições que organizam a vida social. Quando a humanidade está adormecida nas pessoas, ela precisa ser despertada, pois, do contrário, não há sonhar com um mundo melhor, com justiça, equidade, inclusão.

Sem negar as tramas sociais e os desafios de um mundo capitalista exacerbado e violento, qualquer sistema se realiza nas relações entre as pessoas, logo, está nelas o germe da indignação, do inconformismo, mas, sobretudo, o da produção de sentidos, ressignificação da vida e da transformação social. É preciso ofertar ao mundo o que se espera dele. Pessoas doentes constroem e sustentam um mundo doente, onde a destruição é o único destino possível. Sendo



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok”, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026”

assim, é urgente resgatar a dimensão humana em nós para que nos nossos pequenos atos de bondade reconstruamos o mundo. O bem existe no interior de cada um, por vezes, apagado pelas sombras, é verdade. Ainda assim, está lá, então, há esperança! Sonhos podem virar projetos e estes podem mobilizar pessoas e modificar a realidade. Foi assim com o Projeto Aponte.

O Projeto Aponte é uma ação social desenvolvida por um grupo formado por dez (10) voluntárias que oferecem atividades educativas para crianças pequenas (com e sem deficiências, transtornos do neurodesenvolvimento ou transtornos de aprendizagem). As atividades se realizam de segunda a sexta-feira, no turno da manhã, no bairro das Indústrias, região periférica de João Pessoa, na Paraíba, Brasil. Nesse projeto, as pessoas são voluntárias e se dividem conforme suas disponibilidades de tempo e de habilidades.

O Projeto Aponte não tem sede própria e, atualmente, funciona num espaço cedido por uma instituição espírita – a FEAk (Fraternidade Espírita Allan Kardec), com a qual se compromete em dividir as obrigações com o pagamento da energia, água, material de limpeza etc. Além disso, o projeto oferece às crianças: alimentação, material escolar, fardamento e acompanhamento nutricional, psicomotor, pedagógico e psicopedagógico. E, como o projeto não recebe nenhum tipo de ajuda financeira de instâncias públicas ou privadas, então, para se manter, criou o “Bazar Solidário”, um espaço que funciona uma vez por mês, no próprio espaço da FEAk.

O Bazar Solidário é uma estratégia que imprime o bem em suas múltiplas dimensões. Primeiro, porque ele recolhe itens os mais

diversos que seriam jogados no lixo, mas, que ainda estando em bom estado de conservação, podem ser aproveitados por outras pessoas por mais tempo. Para tanto, as voluntárias divulgam a ideia junto às pessoas amigas que passam a organizar suas doações mensais. Estas doações são recolhidas pelas voluntárias e levadas ao Projeto Aponte. Lá, são previamente analisadas e organizadas por categorias: adulto, infantil, masculino, feminino, cama, mesa, banho, praia, fitness etc. e vendidas a preços módicos (R\$ 0,50; 1,00 ou 2,00) tornando acessível à comunidade. E no segundo sábado de cada mês, o Bazar Solidário recebe a comunidade, para fazer suas compras. Os valores arrecadados contribuem diretamente na compra da alimentação das crianças ou material de higiene e limpeza e essas compras são feitas no próprio bairro, fazendo com que a economia circule ali mesmo, contribuindo com os pequenos comerciantes e ambulantes do bairro, inclusive, familiares das crianças atendidas.

Todos contribuem e todos usufruem da experiência de fazer o bem: quem doa, quem trabalha, quem compra. Quem doa é beneficiado, pois, encontra um destino melhor para itens que iriam para algum lixão, comprometendo o meio ambiente ou somente se acumulando em seus lares. Quem compra é beneficiado porque tem acesso a itens que não teria como adquirir numa loja. E também o Projeto Aponte se beneficia, pois, encontra os recursos para manter suas ações sociais e colabora com o aproveitamento de recursos duráveis. As crianças que recebem educação de qualidade, alimentação saudável, dignidade e atendimento as suas necessidades básicas de desenvolvimento. A comunidade do bairro das Indústrias que tem sua infância acolhida e sua economia local estimulada.

Como se pode ver, os pequenos atos de bondade não nasceram no interior de nenhuma grande multinacional, mas, da sensibilidade de algumas pessoas que se sentiram convidadas a fazer o bem. Da boa vontade emergente da alma humana (como diria Kant) de alguns, paulatinamente, se formou uma corrente positiva, onde todos são beneficiados de algum modo. Doando, divulgando, colaborando, comprando, cada um é absolutamente importante nesse movimento. Sem dúvida, é uma ação pequenina e talvez não represente muito a nível mundial. Mas, grandes ações só ocorrerão se houver esperança nas pequenas, afinal, a felicidade pode ser feita de pequenos momentos felizes.

Atos de Bondade são absolutamente necessários para nossa sobrevivência nesse planeta, bem como para a própria manutenção do planeta. Triste é reconhecer que eles são mais comuns em momentos de crise coletiva, nas tragédias ou catástrofes, geralmente, quando o desespero toma conta das pessoas, quando não adianta tão somente olhar para si. É, mais fácil nesses instantes, emergir dos seres, aquela humanidade perdida. Ai, a maioria compreende que não há “eu e o outro”; somos um todo, portanto, só existe “nós”. Gestos de solidariedade, de gentileza, de compaixão são contagiosos e nos convidam a sair da indiferença e construir o BEM maior. Como dizia Raul Seixas, na música “Prelúdio”, “sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só; mas, sonho que se sonha junto é realidade”.

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

ACESSE AQUI

COMPORTAMENTO

O Retorno ao Silêncio: Recuperando Espaços de Paz em um Mundo Barulhento



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)
@jeanetertuliano

Tenho a impressão de que desaprendemos a permanecer em silêncio sem sentir culpa. Não digo silêncio de igreja vazia ou madrugada sem carros. Falo daquele silêncio interno, raro, que não pede distração imediata. O tipo de pausa em que a mente finalmente desacelera o suficiente para perceber a própria existência sem atropelo. Quase desapareceu.



As pessoas vivem atravessadas por alguma coisa. Pensamentos interrompidos. Cansaços acumulados. Um excesso permanente de estímulo que transforma até momentos simples em pequenas agitações mentais. Quase ninguém consegue permanecer inteiro onde está. O corpo senta, mas a cabeça continua correndo.

Fica mais fácil entender por que tanta gente anda exausta sem conseguir explicar exatamente de quê. Existe um desgaste que não vem do esforço físico. Ele nasce da saturação. Da sensação de estar o tempo inteiro disponível para o mundo. Disponível para responder, consumir, acompanhar, absorver. Como se viver tivesse deixado de ser experiência para se tornar apenas fluxo contínuo. Tudo acontece rápido demais.

As emoções não amadurecem. As pessoas mal sentem alguma coisa e já precisam seguir adiante. Até a tristeza parece precisar ser objetiva agora. Curta. Administrável. Silenciosa. Curioso como o próprio silêncio passou a causar desconforto.

Muita gente já não consegue permanecer

alguns minutos sem procurar algum ruído para preencher o ambiente ou a mente. Quando o silêncio aparece, surge junto uma inquietação difícil de explicar. Porque ele retira certas anestésias. No silêncio, algumas perguntas voltam.

O silêncio retira distrações que normalmente ajudam a empurrar sentimentos para longe. Quando a agitação diminui, certas inquietações voltam à superfície. Aparecem cansaços ignorados, pensamentos interrompidos há tempo demais e uma sensação difícil de explicar de afastamento da própria vida. Nem sempre é confortável permanecer diante disso.

Durante muito tempo, pensei no silêncio apenas como ausência de som. Hoje ele me parece presença. Presença diante da própria consciência. Presença diante do tempo. Presença até diante das fragilidades que normalmente passam despercebidas enquanto a vida permanece barulhenta o suficiente.

Em diferentes momentos da história, o silêncio foi compreendido como uma forma de preservar a lucidez. Buda falava sobre observar a mente antes que ela fosse dominada pela agitação e pelos impulsos. Gandhi mantinha períodos de recolhimento mesmo cercado pelas tensões políticas do seu tempo.

Nenhum dos dois tratava o silêncio como fuga da realidade, mas como uma maneira de impedir que o caos externo ocupasse completamente o interior humano. Hoje parece acontecer justamente o contrário. O mundo entra em tudo.

Entra nos pensamentos antes de amanhecer. Entra no descanso. Entra nas relações. Entra até na dificuldade crescente que muitas pessoas têm de permanecer concentradas numa única coisa. Ler um livro inteiro, por exemplo, tornou-se quase um exercício de resistência emocional. A atenção se fragmenta facilmente. A mente

acostumada ao excesso estranha qualquer experiência que exija profundidade.

Profundidade exige silêncio. Nenhuma reflexão verdadeira nasce da pressa. Por isso tantas conversas parecem superficiais, mesmo quando tratam de assuntos importantes. Existe pouco espaço para elaboração. Tudo precisa ser imediato. As opiniões surgem prontas. As reações também. Quase ninguém tolera o tempo lento das ideias.

As mulheres costumam sentir esse desgaste de maneira ainda mais intensa. Existe uma cobrança contínua de presença, produtividade e disponibilidade emocional. Muitas atravessam os dias absorvendo demandas sucessivas sem perceber o quanto isso invade até os espaços mais internos da mente. Em determinado momento, descansar deixa de parecer natural, e o próprio pensamento perde a sensação de abrigo.

Existe aí uma tristeza contemporânea que nem sempre recebe nome. Uma sensação de afastamento da própria vida. Como se tudo estivesse acontecendo rápido demais para realmente ser vivido. Ainda assim, existe algo

esperançoso no fato de que tantas pessoas estejam começando a sentir falta da pausa.

Sentir falta já é perceber a ausência. Recuperar espaços de paz pode não exigir grandes transformações externas. Talvez comece em gestos pequenos e quase invisíveis. Permanecer alguns minutos sem preencher o vazio imediatamente. Sustentar um pensamento até o fim. Ler devagar. Caminhar sem fugir da própria companhia.

São gestos pequenos, quase invisíveis, mas capazes de devolver alguma estabilidade interior. O silêncio não precisa significar isolamento nem distância do mundo. Em muitos casos, ele representa apenas a possibilidade de continuar vivendo sem ser consumido inteiramente pelo excesso ao redor.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/06/2026"

Narcisismo Digital: A Vida como Espetáculo Permanente



Por J.B Wolf
EDITOR-CHEFE

Poeta e Escritor
@poetajbwolf

A era das redes sociais mudou mais do que a forma de comunicar. Ela alterou a maneira como muita gente passa a se enxergar. Em vez de apenas viver, registrar e compartilhar, milhões de pessoas começaram a administrar a própria imagem como se estivessem sempre diante de uma plateia. Nesse cenário, o narcisismo digital não é apenas vaidade: é um modo de existência em que a identidade se confunde com a performance, e o valor pessoal passa a ser medido por curtidas, comentários e alcance.

O fenômeno tem raízes claras na arquitetura das plataformas. Redes sociais foram desenhadas para prender atenção, estimular retorno constante e premiar a exposição. Cada notificação funciona como uma pequena recompensa. Cada curtida reforça a sensação de validação. Cada compartilhamento sinaliza que a imagem construída teve efeito. Aos poucos, o usuário deixa de publicar apenas por comunicação e passa a publicar para confirmar a própria relevância.

Esse processo produz uma transformação silenciosa, mas profunda. O cotidiano deixa de ser vivido com espontaneidade e passa a ser filtrado pelo olhar alheio. A refeição precisa render foto, a viagem precisa virar postagem, o momento íntimo precisa ser convertido em conteúdo. O problema não está em registrar a vida, mas em submeter a vida inteira à lógica do registro. Quando tudo precisa ser exibido, a experiência perde densidade e se torna mercadoria emocional.

A comparação social é um dos motores mais corrosivos desse modelo. Ao navegar por perfis editados, iluminados e cuidadosamente selecionados, o usuário compara seus bastidores com os palcos alheios. Vê a dúvida, o cansaço e a frustração da própria rotina, mas observa apenas o recorte mais bonito da vida dos outros. O resultado é uma sensação crescente de insuficiência. A vida comum parece menor, menos interessante e menos digna de atenção.

Pesquisadores do comportamento já observam que esse ciclo pode intensificar sintomas de ansiedade, baixa autoestima e sofrimento emocional. Quando a validação externa se torna a principal régua de valor, a identidade fica instável. A pessoa passa a depender da resposta do público para se sentir confirmada. Se a postagem "vai bem", há alívio. Se não engaja, surge frustração. O eu, nesse contexto, torna-se frágil e excessivamente sensível ao julgamento.

Há também um custo direto para as relações humanas. Em muitos encontros, a experiência real divide espaço com a necessidade de registrar tudo. Conversas são interrompidas por telas. Momentos afetivos são atravessados pela urgência de publicar. O presente, em vez de ser habitado, é constantemente convertido em material para consumo. Isso enfraquece a escuta, reduz a presença e empobrece vínculos que exigem tempo e atenção.

Outro efeito importante é a chamada tirania da positividade. Nas redes, tristeza, dúvida, vulnerabilidade e fracasso costumam ser escondidos ou suavizados. A imagem dominante é a da felicidade contínua, do sucesso sem esforço, da vida sem falhas. Essa pressão cria uma cultura de inautenticidade, em que emoções legítimas parecem inadequadas para circulação pública. O indivíduo aprende a editar não só fotos, mas também sentimentos.

Nesse ambiente, influenciadores digitais ocupam um papel central. Eles não apenas refletem o narcisismo digital; em muitos casos, o ampliam e o profissionalizam. Ao transformar a própria vida em produto, ajudam a consolidar o ideal de que visibilidade equivale a valor. Para as gerações mais jovens, isso pode reforçar a ideia de que existir é ser visto, e que a intimidade só ganha importância quando se transforma em conteúdo.

Mas o narcisismo digital não é apenas um problema individual. Ele também revela uma mudança cultural mais ampla. Em sociedades cada vez mais conectadas, a aparência ganhou novo peso, e a fronteira entre o íntimo e o público ficou mais porosa. A vida passou a ser narrada em tempo real, o que reduz espaço para silêncio, dúvida e elaboração. Quando tudo é imediato, a profundidade tende a perder terreno para a imagem.

O desafio, portanto, não é demonizar as redes sociais, mas recuperar algum grau de soberania sobre o próprio tempo e a própria identidade. Isso inclui limites claros de uso, curadoria consciente do que se consome, valorização de relações offline e, sobretudo, a aceitação de que o valor de uma pessoa não depende da quantidade de seguidores. A autoestima mais sólida continua sendo aquela que não precisa ser constantemente exibida.

Em última instância, o narcisismo digital revela uma contradição do nosso tempo: nunca houve tanta possibilidade de expressão, e nunca foi tão fácil confundir expressão com performance. Entre o espelho e a tela, entre o eu real e o eu editado, ainda existe espaço para autenticidade. Mas esse espaço exige decisão, disciplina e coragem para existir sem aplauso constante.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/05/2026"

COMPORTAMENTO

O fim da Cortesia: A Civilização em Conflito com a Impaciência



Por Redação, The Bard News
JORNAL

@thebardnews

COMPORTAMENTO
- Leia o artigo completo no Site



A cortesia, durante muito tempo tratada como detalhe de educação doméstica ou formalidade de etiqueta, hoje revela sua verdadeira função civilizatória. Ela não existe apenas para embelezar a convivência; existe para torná-la possível. Quando alguém diz “por favor”, espera a vez na fila, segura a porta ou responde com calma a uma divergência, está praticando algo mais profundo do que boas maneiras. Está reconhecendo que o outro também ocupa o mundo. O que parece simples é, na verdade, um dos fundamentos invisíveis da vida em sociedade.

O problema é que esse fundamento vem sendo corroído pela cultura da impaciência. A aceleração da vida moderna, alimentada por tecnologia, hiperconectividade e pressão por produtividade, transformou a espera em intolerância e a frustração em irritabilidade permanente. A promessa era economizar tempo. O resultado, para muita gente, foi viver em estado de urgência contínua. Nesse ambiente, a cortesia passa a ser vista como perda de tempo, não como investimento na convivência.

A erosão da polidez não aconteceu de uma vez. Ela foi se impondo aos poucos, à medida que a vida cotidiana passou a ser organizada por prazos curtos, respostas imediatas e estímulos constantes. O celular vibra, a mensagem exige retorno instantâneo, o serviço não pode demorar, o trânsito precisa andar, o atendimento precisa ser rápido, a opinião precisa ser postada agora. Em pouco tempo, a civilidade começou a perder espaço para a lógica do atropelo. O outro deixou de ser presença e passou a ser obstáculo.

Esse movimento ajuda a explicar por que a grosseria se normalizou em tantos contextos. No trânsito, buzinas e gestos agressivos se tornaram parte do cenário urbano. No atendimento ao cliente, a impaciência aparece como tom de voz, impessoalidade e pouca disposição para escuta. No ambiente de trabalho, a pressão por entregas rápidas frequentemente apaga a delicadeza e reduz o colega a peça funcional. Nas redes sociais, a desinibição do anonimato facilita insultos que, no contato presencial, talvez jamais fossem ditos. Em todos esses casos, a pressa age como corrosivo silencioso da convivência.

A cortesia, no entanto, sempre foi mais do que um ornamento social. Estudos clássicos sobre civilização e etiqueta mostram que boas maneiras ajudam a regular conflitos e reduzir atritos entre desconhecidos. O sociólogo Norbert Elias, por exemplo, descreveu como os códigos de comportamento se sofisticaram ao longo da história justamente para conter impulsos imediatos e permitir a vida em coletividade. Em termos simples, a polidez funciona como uma tecnologia social de contenção. Ela cria pequenos rituais que diminuem a fricção entre pessoas diferentes e, por isso mesmo, sustenta a vida pública.

Quando esses rituais enfraquecem, a convivência perde previsibilidade. E a previsibilidade é essencial para a sensação de segurança social. Saber que o outro vai esperar sua vez, respeitar seu espaço, pedir licença e responder com alguma consideração reduz a tensão de interações banais. Sem isso, o cotidiano se torna mais hostil, mais desgastante e mais propenso a escaladas de conflito. A incivilidade não se resume ao momento do insulto. Ela mina o ambiente em que todos circulam.

A aceleração digital intensificou esse fenômeno. A comunicação instantânea acostumou as pessoas a esperar respostas no mesmo minuto, como se qualquer demora fosse desinteresse ou descaso. Aplicativos, entregas rápidas, feeds infinitos e notificações incessantes alteraram a percepção subjetiva do tempo. A espera passou a soar insuportável. A pausa, que antes fazia parte da vida, tornou-se quase uma afronta. Nesse cenário, a paciência deixou de ser uma virtude silenciosa e virou uma competência em extinção.

Essa mudança tem efeitos psicológicos importantes. A impaciência crônica aumenta a irritabilidade, reduz a tolerância à frustração e prejudica a empatia. Quando o cérebro se acostuma a respostas imediatas, qualquer interrupção é interpretada como perda. A pessoa passa a reagir ao entorno em modo defensivo, como se estivesse sempre sendo atrasada por alguém ou algo. O resultado é um estado de alerta que empobrece a vida emocional e contamina os vínculos. Pequenos contratempos ganham dimensão desproporcional. O semáforo demora, o caixa trava, a ligação cai, e a reação vem carregada de desdém ou hostilidade.

A neurociência ajuda a entender esse quadro sem simplificações excessivas. O sistema de recompensa do cérebro é sensível à expectativa de alívio ou prazer rápido. Quanto mais a vida se organiza em torno de estímulos instantâneos, mais difícil se torna sustentar a atenção em processos lentos e menos glamorosos, como ouvir, esperar, negociar e ceder. Não se trata de demonizar a tecnologia, mas de reconhecer

que ela reorganiza hábitos emocionais. Quando tudo se acelera, a civilidade perde o ritmo de seus gestos discretos.

A esfera pública é uma das maiores vítimas dessa transformação. Filas, transporte coletivo, repartições, escolas, hospitais e ruas exigem uma gramática mínima de convivência. Sem respeito ao tempo do outro, esses espaços se tornam arenas de disputa constante. A grosseria, então, se espalha por contágio. Um atendimento rude provoca outro. Uma resposta atravessada convoca retaliação. Um comentário agressivo no ambiente de trabalho contamina a equipe inteira. A impaciência, em vez de ser descarga momentânea, vira clima permanente.

No mundo digital, essa dinâmica se amplifica ainda mais. A ausência de contato direto reduz a percepção das consequências emocionais da fala. Isso facilita o que muitos chamam de desinibição online. Pessoas que não seriam agressivas face a face tornam-se duras, sarcásticas ou cruéis atrás de uma tela. O custo humano dessa prática é real: desgaste emocional, polarização, desconfiança e uma atmosfera em que o desacordo deixa de ser conversa e vira ataque. O espaço público digital, que poderia ampliar o debate, frequentemente reproduz a barbárie em versão rápida.

O custo da incivilidade não é apenas moral. É também econômico e institucional. Ambientes de trabalho marcados por grosseria e desrespeito sofrem com queda de produtividade, aumento de rotatividade e piora do clima organizacional. Equipes hostis colaboram menos, erram mais e adoecem com mais frequência. Instituições públicas e privadas perdem eficiência quando o atendimento é permeado por pressa e impaciência. A grosseria não economiza tempo. Ela o desperdiça, porque cria retrabalho, desgaste e conflito.

Há ainda um custo mais profundo, menos visível, mas talvez mais grave: o enfraquecimento da confiança social. Sem cortesia, a vida em comum fica mais cara emocionalmente. As pessoas passam a se proteger mais, a colaborar

menos e a presumir má-fé com maior facilidade. Esse cenário é tóxico para qualquer sociedade que pretenda ser democrática. Democracia não é apenas voto. É também a capacidade diária de conviver com diferenças sem transformar toda divergência em hostilidade.

Por isso, resgatar a cortesia não é nostalgia de um tempo idealizado. É uma necessidade contemporânea. E esse resgate não depende de grandes solenidades, mas de gestos pequenos e consistentes. Pedir licença, agradecer, escutar sem interromper, responder sem humilhar, reconhecer o esforço alheio, aceitar a lentidão ocasional da vida. Esses atos, embora simples, produzem efeitos concretos na qualidade do convívio. São formas de desarmar o ambiente e devolver à vida pública um mínimo de previsibilidade afetiva.

A educação tem papel central nesse processo. A cortesia não é inata; ela é aprendida, observada, repetida e reforçada. Crianças que crescem em ambientes de respeito tendem a reproduzir esse padrão em outros contextos. Por isso, a escola não deveria ensinar apenas conteúdos, mas também práticas de convivência. Isso inclui escuta, empatia, responsabilidade pela fala e respeito ao espaço do outro. Em tempos de polarização, formar cidadãos sem essas competências é preparar adultos incapazes de sustentar o próprio convívio social.

As famílias também continuam essenciais, ainda que sob enorme pressão do cotidiano. Em casas tomadas pela pressa, pela exaustão e pelo celular sempre ligado, a cordialidade costuma ser a primeira vítima. O que era conversa vira comando. O que era presença vira dispersão. O que era atenção vira impaciência. Recuperar a cortesia no espaço doméstico é, muitas vezes, o primeiro passo para reconstruí-la fora de casa.

Há quem veja nessas discussões apenas romantização do passado. Mas o ponto não é defender formalismos vazios ou hierarquias sociais envelhecidas. O ponto é outro: civilidade é infraestrutura. Sem ela, a vida social endurece.

Com ela, até a diferença se torna habitável. Uma sociedade pode ser moderna, tecnológica, eficiente e ainda assim profundamente rude. O progresso material, sozinho, não produz delicadeza. No máximo, acelera procedimentos. A cortesia continua sendo obra humana, não efeito automático da modernidade.

Também seria um erro imaginar que a gentileza é fragilidade. Em muitos contextos, ela exige mais coragem do que a agressividade. Ser cortês em ambientes hostis, manter a calma diante da provocação e respeitar alguém com quem se discorda requer disciplina emocional. A polidez, nesse sentido, é uma forma de força. Ela não elimina o conflito, mas impede que ele destrua a convivência.

O desafio, então, é reaprender a desacelerar sem abandonar a eficiência. É possível ser rápido sem ser brutal, objetivo sem ser seco, firme sem ser rude. A civilização depende justamente dessa capacidade de combinar competência com consideração. Quando isso se perde, não é apenas o bom humor que desaparece. Desaparece também a confiança básica que permite a milhões de estranhos compartilharem o mesmo espaço sem se tratarem como inimigos.

O fim da cortesia não é inevitável. Mas, para evitá-lo, será preciso reconhecer que a impaciência não é sinal de superioridade nem prova de produtividade. Em muitos casos, ela é apenas um sintoma de esgotamento cultural. A boa notícia é que a cortesia ainda pode ser retomada, gesto por gesto, palavra por palavra, encontro por encontro. Talvez esse seja o verdadeiro teste de uma civilização madura: não apenas avançar tecnologicamente, mas continuar capaz de tratar o outro com dignidade, mesmo quando tudo ao redor convida à pressa.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026”

SAÚDE & BEM-ESTAR

O Valor do Silêncio para a Saúde Mental e Espiritual



Por **Drika Gomes**
COLUNISTA

MBA em Neurociência, filosofia, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psiq

SAÚDE & BEM-ESTAR
- Leia o artigo completo no Site

Vivemos cercados por estímulos. Sons, notificações, conversas, vídeos curtos, músicas, opiniões e uma necessidade constante de produzir respostas imediatas. O cérebro moderno raramente descansa. E talvez uma das maiores epidemias emocionais da atualidade não seja apenas a ansiedade, mas a incapacidade de permanecer em silêncio.

O silêncio não é vazio. O silêncio é reorganização. Na neurociência, sabemos que o cérebro precisa de pausas para consolidar memórias, reorganizar emoções e regular o sistema nervoso. Quando permanecemos em estado contínuo de alerta e excesso de informação, a amígdala cerebral, estrutura relacionada ao medo e à vigilância — tende a permanecer hiperativada. Isso gera tensão interna, aceleração mental, irritabilidade e dificuldade de perceber a própria vida com clareza.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026”

ruído encobre: emoções reprimidas, intuições, dores não elaboradas e até partes esquecidas de nós mesmos.

O explorador e escritor Silence: In the Age of Noise, de Erling Kagge, reflete exatamente sobre isso: a dificuldade contemporânea de encontrar silêncio em uma era dominada pelo excesso de estímulos e pela hiperconexão. A obra mostra que o silêncio não é apenas ausência de barulho, mas uma experiência interna de presença e consciência.

O silêncio revela. Por isso, tantas pessoas evitam ficar sozinhas consigo mesmas. O excesso de estímulo virou uma anestesia emocional socialmente aceita. Rolamos telas para não sentir. Ligamos sons para não entrar em contato com o vazio interno. Mantemos a mente ocupada porque o silêncio, muitas vezes, obriga o encontro com perguntas que foram adiadas por anos.

E, paradoxalmente, é exatamente aí que começa a cura. Não se trata de abandonar o mundo, mas de criar espaços internos de pausa. Pequenos momentos sem excesso de informação

já podem modificar estados mentais. Caminhar sem celular, respirar em silêncio por alguns minutos, observar a natureza sem distrações ou simplesmente permanecer em quietude antes de dormir são práticas que ajudam o cérebro a recuperar equilíbrio emocional.

Pesquisas também indicam que momentos de silêncio favorecem relaxamento, criatividade e reorganização cognitiva. Alguns estudos sugerem inclusive que ambientes silenciosos podem estimular processos ligados à neuroplasticidade e ao desenvolvimento de novas conexões neurais.

E talvez uma das experiências mais profundas que tive com o silêncio não tenha acontecido em um retiro espiritual. Não foram dias de isolamento, não precisei subir nenhuma montanha e nem me confinei em um mosteiro. Descobri que o silêncio pode ser alcançado de forma muito mais simples.

Às vezes, basta uma música suave, instrumental, e permitir que o cérebro seja conduzido pelas ondas sutis daquele som até um estado de quietude interna.

Minha experiência aconteceu ouvindo River Flows in You, de Yiruma. As notas leves como plumas foram me envolvendo lentamente, até que senti como se realmente estivesse flutuando sobre um rio: calmo, sereno e doce. Meu corpo desacelerou. Minha respiração ficou mais profunda. E algo dentro de mim encontrou ordem.

Alcansei o silêncio ouvindo aquele som. Foi como entrar em um espaço interno onde os ruídos emocionais deixaram de gritar. Um estado de presença rara em tempos tão acelerados. Porque o silêncio nem sempre é ausência de som. Muitas vezes, o verdadeiro silêncio é a ausência de ruído interno.

O silêncio também reorganiza a espiritualidade. Ele reduz o ruído externo para que a consciência possa voltar a perceber significado, presença e profundidade. Em um mundo que valoriza velocidade, talvez o silêncio tenha se tornado um dos atos mais revolucionários da saúde mental contemporânea.

Porque algumas respostas não chegam no barulho. Chegam na pausa.



Participe do Edital da Revista The Bard

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL: a formação cultural desde os primeiros anos

39ª
EDIÇÃO

Revista
The Bard
Poesia, arte e música

22 categorias com temas livres

Clique aqui

Edital Setembro e Outubro aberto até dia 31/07/2026.

SAÚDE & BEM-ESTAR

Depois Do Prazo: O Que A Nr-1 Realmente Passou a Exigir Das Empresas



Por Aline Abreu Santana
COLONISTA

Jornalista, Comendadora e Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras da Humanidade, Professora de Português e Literatura, MBA em Saúde Mental no Trabalho, Palestrante Internacional e Pesquisadora em Educação e Tecnologias Educacionais.
@prof.alineabreu



Com o marco de 26 de maio de 2026 já superado, encerrou-se também o tempo da ambiguidade confortável. A data, antes tratada por muitas organizações como horizonte de adaptação, tornou-se um divisor concreto entre discurso e comprovação. A partir dali, a saúde mental no trabalho deixou de ocupar um espaço periférico nas empresas para assumir, de forma definitiva, o lugar de indicador organizacional, critério de avaliação institucional e objeto de verificação técnica.



Isso significa uma mudança profunda. Durante muito tempo, questões relacionadas ao sofrimento psíquico no ambiente laboral foram empurradas para iniciativas paralelas, campanhas internas ou ações pontuais de acolhimento. Falava-se em bem-estar, qualidade de vida e equilíbrio emocional, mas quase sempre sem tocar no ponto central: a própria forma como o trabalho era estruturado. Metas desproporcionais, equipes reduzidas, pressão

contínua, retrabalho, comunicação falha e lideranças despreparadas permaneceram, em muitos contextos, fora do centro da análise.

A nova redação da NR-1 alterou esse enquadramento. Ao incorporar os riscos psicossociais ao gerenciamento de riscos ocupacionais, a norma impôs às empresas a obrigação de tratá-los com o mesmo rigor aplicado aos demais riscos do trabalho. Já não basta reconhecer que o tema é importante. É preciso demonstrar, com documentos, registros e medidas verificáveis, que ele está sendo efetivamente gerenciado.



Essa talvez seja a ruptura mais significativa do novo cenário: a saúde mental deixou de ser tratada como assunto acessório e passou a integrar o núcleo da governança. Indicadores como o afastamento por transtornos relacionados à saúde mental, rotatividade associada ao desgaste organizacional e conflitos recorrentes já não podem ser vistos como simples dificuldades administrativas. Eles exigem leitura técnica. Exigem análise de contexto. Exigem resposta estruturada.

No fundo, o que mudou foi a pergunta. Antes, diante do adoecimento, olhava-se quase sempre para o indivíduo. Agora, a atenção se desloca para a estrutura. A questão deixa de ser apenas quem adoeceu e passa a incluir o que, na organização do trabalho, pode estar contribuindo para esse adoecimento. Essa mudança é desconfortável porque obriga a empresa a examinar seu próprio desenho interno. Obriga a rever metas, práticas de cobrança, distribuição de tarefas, fluxos de comunicação e modos de liderança.

E esse é justamente o ponto que muitas organizações ainda tentam evitar.

Há anos, o ambiente corporativo aperfeiçoou uma linguagem capaz de suavizar a violência organizacional. Pressão excessiva virou “alta performance”. Sobrecarga passou a ser chamada de “comprometimento”. Mudanças abruptas de prioridade receberam o nome de “dinamismo”. Ambientes hostis foram descritos como “competitivos”. O problema dessas expressões não está apenas na escolha vocabular, mas no que elas ajudam a esconder: estruturas que operam à custa do desgaste contínuo de quem trabalha.

A exigência regulatória, agora, torna mais difícil sustentar essa encenação. A fiscalização já não se orienta por intenções declaradas, mas por evidências formais. A empresa precisa ser capaz de responder, tecnicamente, se possui diagnóstico dos riscos psicossociais, plano de ação documentado, registro das medidas adotadas e acompanhamento contínuo. A ausência desses elementos deixa de ser detalhe

burocrático e passa a sinalizar ausência de gerenciamento.



Mas reduzir essa mudança a uma questão de conformidade legal seria insuficiente. Por trás dos indicadores existem pessoas. Cada afastamento é uma experiência concreta de ruptura. Há impacto na vida profissional, na estabilidade familiar, na autoestima, na renda e na saúde de quem já não consegue sustentar determinado contexto de trabalho. O que muitas planilhas registram como afastamento ou absenteísmo costuma esconder histórias de esgotamento, ansiedade, sofrimento persistente e perda da capacidade de seguir funcionando sob certas condições.

É por isso que a diferença entre ação simbólica e gerenciamento real se tornou tão importante. O exemplo descrito no texto-base é revelador. A empresa vistoriada afirmava já ter adotado ações de cuidado: palestras motivacionais, campanha interna e atendimento psicológico conveniado. Em aparência, havia preocupação. Mas a análise mais profunda revelou outro cenário: quadro reduzido havia mais de um ano, metas elevadas após reestruturação, exposição pública de desempenho e mudanças abruptas de prioridade, gerando retrabalho constante. Quando os afastamentos foram cruzados com os períodos de maior sobrecarga, o padrão apareceu com clareza. O problema não era falta de palestra. Era estrutura organizacional.

Esse caso revela uma verdade que muitas empresas ainda resistem em admitir: não se corrige uma engrenagem adoeccedora apenas com discurso acolhedor. Uma cartilha não reorganiza fluxos. Uma palestra não reduz sobrecarga. Um convênio psicológico não substitui a necessidade de rever metas incompatíveis, recompôr equipes, redistribuir responsabilidades e corrigir práticas de cobrança. Suporte posterior é importante, mas não substitui prevenção estrutural.



E prevenir, nesse contexto, exige decisões que nem sempre são confortáveis. Significa rever crenças gerenciais, ajustar planejamento, reconhecer excessos naturalizados e, em alguns casos, aceitar custos imediatos para evitar danos maiores no médio e longo prazo. Ainda assim, ignorar esses ajustes tende a ser mais caro. O adoecimento recorrente desorganiza equipes, desgasta lideranças, reduz previsibilidade, compromete a produtividade e corrói a confiança interna. A empresa que não revisa sua estrutura pode até sustentar aparência de normalidade por algum tempo, mas acumula um passivo humano e institucional cada vez mais difícil de esconder.

Depois de 26 de maio de 2026, portanto, já não se pode alegar surpresa. O período de transição ficou para trás. A saúde mental no trabalho deixou de ser pauta emergente para se tornar requisito normativo, critério de avaliação institucional e elemento de responsabilização organizacional.



No entanto, o mais importante talvez esteja além da própria norma. O que está em jogo não é apenas a capacidade de uma empresa produzir documentação defensiva. É sua disposição de reconhecer que a forma como o trabalho é organizado tem efeitos diretos sobre a vida humana. Nenhuma organização pode reivindicar maturidade enquanto trata sofrimento recorrente como fragilidade individual. Nenhuma gestão pode falar em sustentabilidade enquanto depende do desgaste silencioso de suas equipes para manter resultados.

No fim, a questão central continua simples: a empresa reorganizou de fato sua estrutura ou apenas aperfeiçoou seu discurso?

Agora que o prazo passou, essa pergunta já não pertence apenas ao campo moral. Ela pertence também ao campo da prova.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/06/2026”

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

A Inquietante Realidade da Vigilância Digital

Cada clique, pausa, omissão e hesitação se torna dado, compondo perfis comportamentais mais precisos do que qualquer observação direta.



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

- Leia o artigo completo no Site

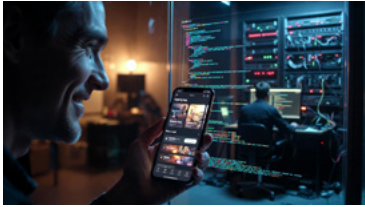
Raramente a vigilância começa com um sinal evidente. Ela se instala de forma quase imperceptível, diluída nos gestos cotidianos que repetimos sem esforço. Desbloquear a tela, aceitar termos sem leitura atenta, navegar entre conteúdos sugeridos com a sensação de escolha livre. Nada disso parece extraordinário. Ainda assim, é nesse terreno aparentemente banal que se estrutura uma das transformações mais profundas do nosso tempo.



A experiência digital deixou de ser apenas uma ferramenta e passou a funcionar como um ambiente contínuo, no qual cada ação, por menor que seja, contribui para a formação de um registro. Não se trata apenas do que é dito explicitamente, mas também do que é evitado, do tempo de permanência em um conteúdo, da hesitação antes de uma decisão. Esses elementos, quando reunidos, formam um conjunto de informações capaz de descrever comportamentos com um nível de detalhe que dificilmente seria alcançado por observação direta.

O que torna esse processo particularmente inquietante não é apenas sua existência, mas a forma como ele se integra à rotina sem provocar estranhamento proporcional. A vigilância digital não se apresenta como imposição, mas como conveniência. Ela organiza informações, antecipa interesses, oferece caminhos que

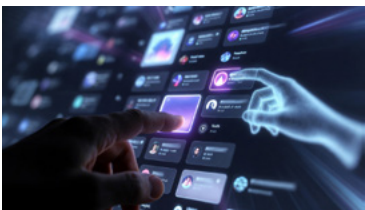
parecem adequados ao perfil de cada usuário. Essa funcionalidade, embora eficiente, opera a partir de critérios que nem sempre são visíveis, o que desloca parte significativa do controle para estruturas externas ao indivíduo.



Nesse contexto, a noção de escolha permanece, mas se torna mais complexa. As opções disponíveis não surgem de maneira neutra; elas são filtradas, organizadas e priorizadas com base em dados acumulados ao longo do tempo. O resultado é um ambiente em que as decisões continuam sendo tomadas individualmente, mas dentro de um conjunto de possibilidades previamente estruturado. Essa mediação constante não elimina a autonomia, mas a condiciona de maneiras que nem sempre são percebidas.

Há também uma alteração importante na relação com o tempo. O que antes poderia ser esquecido ou perder relevância permanece registrado, passível de análise e reutilização. O passado, nesse sentido, não se encerra, mas continua ativo, influenciando recomendações, previsões e interações futuras. Essa continuidade transforma experiências isoladas em padrões e, a partir deles, constrói perfis que passam a orientar o que será apresentado ao usuário.

Esse processo não se limita à observação. Ele também intervém. Ao identificar regularidades, os sistemas digitais não apenas registram comportamentos, mas também os influenciam, ainda que de forma indireta. Sugestões de conteúdo, destaques específicos, ausência de determinadas informações. Cada uma dessas escolhas contribui para a formação de um ambiente que orienta a atenção e, consequentemente, as decisões.



Outro aspecto relevante diz respeito à distribuição de poder nesse cenário. Enquanto indivíduos produzem dados de forma contínua, as estruturas responsáveis por coletá-los e analisá-los operam com recursos técnicos e informacionais significativamente superiores. Essa assimetria não é imediatamente visível, mas tem implicações profundas, especialmente quando se considera a capacidade de prever e influenciar comportamentos em larga escala.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"

Ainda assim, a adesão a esse sistema ocorre, na maioria das vezes, de forma voluntária. Termos de uso são aceitos, permissões são concedidas, serviços são incorporados à rotina. No entanto, a formalidade desse consentimento não garante, necessariamente, uma compreensão efetiva de suas consequências. A complexidade dos processos envolvidos dificulta uma avaliação clara do que está sendo compartilhado e de como essas informações serão utilizadas.



Além das dimensões técnicas e estruturais, há efeitos mais sutis, relacionados à forma como os indivíduos se comportam em ambientes potencialmente monitorados. A possibilidade de registro constante pode levar a ajustes de conduta, ainda que inconscientes. Certos conteúdos deixam de ser acessados, determinadas opiniões deixam de ser expressas, escolhas são revistas antes mesmo de se concretizarem. Esse movimento não decorre de uma imposição direta, mas da percepção de que ações podem ser observadas e, eventualmente, interpretadas.

É nesse ponto que a vigilância digital deixa de ser apenas um fenômeno externo e passa a influenciar a própria forma de agir. O controle não se exerce apenas de fora para dentro, mas também se internaliza, moldando comportamentos de maneira difusa. Essa característica torna o fenômeno mais difícil de identificar e, consequentemente, de um questionar.



Não se trata de negar os benefícios associados às tecnologias digitais. A capacidade de acesso à informação, a otimização de serviços e a ampliação de possibilidades de comunicação são aspectos relevantes e amplamente reconhecidos. O desafio está em compreender que esses benefícios coexistem com dinâmicas que exigem análise crítica, especialmente quando envolvem a coleta e o uso de dados em larga escala.

A vigilância digital, ao se tornar parte integrante da experiência cotidiana, redefine limites que antes pareciam mais claros. Privacidade, autonomia e liberdade passam a ser conceitos que precisam ser revisitados à luz de um contexto em que a observação é constante, ainda que invisível. Essa redefinição não ocorre de forma abrupta, mas por meio de ajustes graduais, que muitas vezes passam despercebidos.

Nesse sentido, torna-se fundamental desenvolver uma postura mais atenta em relação às práticas digitais. Isso não implica necessariamente rejeição, mas exige compreensão. Questionar o funcionamento das plataformas, refletir sobre o uso de dados e reconhecer os mecanismos que orientam a experiência online são passos importantes para ampliar o nível de consciência sobre o ambiente em que estamos inseridos.

A inquietação, nesse caso, não deve ser

entendida como paralisia, mas como ponto de partida. É a partir dela que se torna possível interromper automatismos, reconsiderar escolhas e, eventualmente, redefinir a forma de interação com as tecnologias disponíveis.

A vigilância digital não se impõe de maneira explícita, e talvez seja justamente por isso que exige maior atenção. Quando o controle não se apresenta como controle, mas como parte natural do funcionamento das coisas, a capacidade de percebê-lo se torna um elemento essencial para qualquer tentativa de reflexão crítica.

Sob esse cenário, preservar a possibilidade de escolha consciente depende, em grande medida, da disposição para observar aquilo que normalmente permanece oculto. E essa observação, embora não ofereça respostas imediatas, abre espaço para um tipo de liberdade que não se limita à ação, mas inclui também a compreensão das condições em que essa ação ocorre.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

O Corpo como Senha Universal: A Revolução Biométrica entre Conveniência e Distopia



Por Redação, The Bard News JORNAL

@thebardnews



Digitar senhas, decorar combinações numéricas, carregar cartões e crachás. Tudo isso parece cada vez mais anacrônico em um mundo em que um olhar, um toque ou até a forma de caminhar podem liberar acesso a contas bancárias, aeroportos, edifícios e dispositivos pessoais. Na era da biometria, o corpo humano se converte em chave mestra, apresentado como solução elegante para problemas de segurança e usabilidade. Por trás dessa promessa, porém, cresce um debate incômodo: ao transformar características biológicas em credenciais digitais, o que ganhamos em conveniência pode ser eclipsado por um novo tipo de vulnerabilidade, em que privacidade, liberdade e até direitos civis entram na zona de risco.



A biometria, no sentido mais amplo, é o conjunto de técnicas que identificam pessoas com base em características físicas ou comportamentais únicas. Impressões digitais, traços do rosto, contornos da íris, timbre da voz, padrões de veias, modo de andar, batimentos cardíacos, tudo isso pode ser transformado em dado. Essa transformação é feita por sensores e algoritmos que, em vez de perguntarem "quem é você?", calculam probabilidades, comparam padrões e devolvem uma resposta binária: corresponde ou não corresponde. O que antes era usado quase exclusivamente em perícia policial e controle de fronteiras, hoje está no bolso, no relógio, na catraca, na câmera do shopping e, em alguns lugares, nas ruas inteiras de cidades monitoradas.

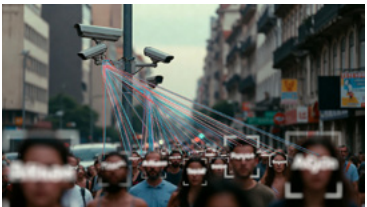
A explosão da biometria no cotidiano só foi possível graças ao avanço da inteligência artificial, em particular do aprendizado de máquina. Algoritmos modernos conseguem processar enormes bancos de imagens e sinais, encontrar padrões e melhorar sua precisão ao longo do tempo. No reconhecimento facial, por exemplo, sistemas mais recentes identificam indivíduos em diferentes ângulos, com mudanças de iluminação e de aparência, como barba, óculos ou envelhecimento. No reconhecimento de íris, a leitura de desenhos microscópicos ao redor da pupila confere uma precisão altíssima, praticamente impossível de replicar. Há também a biometria comportamental, menos visível, mas igualmente poderosa: a forma como digitamos, a cadência da voz, o modo de segurar o celular ou o ritmo da passada podem gerar assinaturas únicas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepix sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"

Os argumentos a favor da biometria são sedutores. Em teoria, o corpo não se esquece da senha e não a anota em papel algum. Smartphones que liberam acesso com um toque de dedo ou um olhar reduziram o atrito de interação e, em muitos casos, aumentaram a segurança em relação a senhas simples. Sistemas de autenticação biométrica em bancos tentam dificultar fraudes, exigindo que o criminoso tenha não apenas um número, mas a presença física do cliente. Em aeroportos, portões automatizados com leitura de rosto ou de passaporte biométrico prometem filas mais curtas e processos mais ágeis. Em hospitais, a identificação biométrica pode evitar trocas de pacientes, medicações erradas e fraudes em planos de saúde. Na narrativa dos entusiastas, a biometria representa um próximo passo natural rumo a uma sociedade mais eficiente.

É nesse ponto que a mesma tecnologia que protege pode se converter em instrumento de controle. Se o corpo é senha, cada passagem diante de uma câmera pode ser um login silencioso em algum sistema de vigilância. Em cidades com milhares de câmeras conectadas a bancos de dados de identidade, o reconhecimento facial permite seguir trajetos inteiros, mapear rotinas, registrar encontros e, eventualmente, associar pessoas a eventos políticos, religiosos ou sociais. Empresas e governos passam a dispor de um poder de observação que antes exigia grande esforço humano e hoje pode ser automático, barato e contínuo.



Os casos mais avançados de uso de biometria em larga escala vêm de países que fazem da vigilância um pilar explícito de governança. Em algumas regiões, câmeras capazes de identificar rostos são combinadas a sistemas que atribuem pontuações a comportamentos considerados desejáveis ou indesejáveis. A presença em um protesto, uma multa não paga, um comentário nas redes, tudo pode alimentar um perfil digital. O rosto, que um dia serviu para garantir que apenas o dono do celular o desbloqueasse, passa também a funcionar como etiqueta em sistemas de reputação social. A fronteira entre segurança pública e controle político torna-se nebulosa.

Mesmo em democracias com proteção a dados pessoais, a biometria levanta questões difíceis. Quem é o dono desses dados? Uma vez coletado o mapa de sua face, a digital do seu dedo, o padrão do seu coração, a quem pertencem essas informações? A você, ao fabricante do dispositivo, ao governo, à empresa que gerencia o serviço? Leis de proteção de dados, como as que vigoram no Brasil e na Europa, tentam responder impondo regras de consentimento, finalidade e armazenamento. Na prática, porém,

o cidadão comum raramente tem clareza sobre a extensão do uso de sua biometria. Termos de uso extensos e pouco transparentes, associado a notificações genéricas, tornam o consentimento quase automático.



Outro ponto crítico é que dados biométricos não podem ser trocados. Se uma senha vaza, você cria outra. Se o número de um cartão vaza, o banco emite um novo. Mas se o banco de dados com rostos, íris ou impressões digitais é comprometido em um ataque cibernético, não existe um novo rosto para ser emitido. Os dados roubados podem alimentar, por anos, tentativas de fraude, criação de identidades falsas e ataques sofisticados. Especialistas em segurança digital alertam que a biometria, ao contrário do que o marketing costuma sugerir, não deve ser vista como substituta absoluta de outros métodos, e sim como mais uma camada combinada de autenticação.

Os sistemas biométricos, além disso, não são neutros. Eles são treinados com dados coletados de populações específicas e carregam os vieses dessas amostras. Pesquisas independentes mostraram que muitos modelos de reconhecimento facial apresentam desempenho pior para pessoas negras, mulheres e determinados grupos étnicos em comparação com homens brancos. Em contextos de policiamento, isso pode significar abordagens erradas, prisões injustas e reforço de desigualdades já existentes. Quando um algoritmo confunde um rosto com outro, o erro tem peso humano: alguém pode ser acusado de um crime que não cometeu, ou impedido de acessar um serviço legítimo.



Claro que empresas e órgãos de pesquisa trabalham para mitigar esses vieses, ampliando a diversidade dos conjuntos de treinamento e ajustando modelos. Mas a existência de falhas estruturais em sistemas que identificam cidadãos lembra que a biometria não é apenas uma questão técnica, é também política. Quem define o que é aceitável em termos de precisão? Quantos erros são tolerados e sobre quais corpos esses erros recaem?

A expansão da biometria também alcança

o campo militar e de segurança nacional. Equipamentos capazes de identificar alvos à distância, drones que reconhecem rostos, bancos de dados globais integrando informações biométricas de migrantes, suspeitos e soldados, tudo isso compõe um cenário em que o corpo físico se torna, literalmente, um alvo codificado. Em zonas de conflito, a captura de bancos biométricos pode representar não apenas dano estratégico, mas risco direto para a sobrevivência de populações inteiras.

Diante desse horizonte, a questão central deixa de ser se usaremos biometria e passa a ser como, em que limites e sob quais salvaguardas. Um dos caminhos discutidos por especialistas é a adoção do princípio da minimização: coletar apenas o estritamente necessário, por tempo limitado, com transparência sobre a finalidade e com possibilidade de revogação do consentimento. Outra linha defende o uso de biometria sobretudo em dispositivos pessoais, armazenada localmente, sem envio permanente a servidores centrais. Nesse modelo, o reconhecimento facial para desbloquear o celular aconteceria dentro do próprio aparelho, sem que o mapa do rosto fosse automaticamente compartilhado com terceiros.

Além da engenharia e das leis, há um componente cultural nessa discussão. A sociedade está, pouco a pouco, se acostumando a trocar privacidade por conveniência. Abrimos mão de detalhes sobre deslocamentos, preferências de consumo, rotinas de sono e batimentos cardíacos em troca de aplicativos que contam passos, sugerem rotas, montam playlists personalizadas. A biometria se insere nessa lógica, oferecendo desbloqueios mais rápidos e acessos mais fluidos. O risco é que, sem que percebamos, ela deixe de ser uma opção confortável e se torne um requisito, obrigatório para o uso de serviços públicos e privados. Quando o rosto é exigido para entrar no transporte, no prédio, na escola, no hospital e no banco, recusar-se pode significar exclusão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepix sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"

A discussão ética sobre a biometria, portanto, não se limita à técnica. Inclui refletir sobre que tipo de sociedade estamos construindo. Uma sociedade em que o corpo é constantemente vigiado, medido e avaliado, ou uma em que a tecnologia é usada com parcimônia, como ferramenta a serviço da autonomia humana? A resposta não está dada. Ela será, em grande medida, resultado de decisões tomadas hoje, em legislações, tribunais, conselhos de empresa, assembleias legislativas e também na escolha individual de ligar ou não determinada função, de consentir ou não com determinado uso.



O corpo como senha universal é símbolo de um tempo em que a fronteira entre o físico e o digital quase desapareceu. Cabe a nós decidir se essa senha abrirá portas para mais liberdade ou para um tipo sofisticado de confinamento invisível. O fato de a tecnologia existir não a torna inevitável nem neutra. Ao contrário, torna urgente uma discussão madura sobre limites, responsabilidades e garantias. A biometria pode, sim, trazer mais segurança e conforto. Mas, sem vigilância cidadã e marcos regulatórios robustos, pode também inaugurar uma fase em que a própria identidade se torna objeto de negócios e de vigilância permanente. E, nesse cenário, talvez a pergunta mais importante não seja como usar o corpo como senha, mas como garantir que ele continue sendo, antes de tudo, nossa última fronteira de liberdade.

CRÍTICA

O Desaparecimento do Artista? Inteligência Artificial e a Crise da Assinatura Criativa



Por Redação, The Bard News JORNAL

@thebardnews

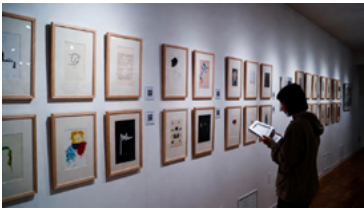
"A crise existencial que a IA impõe ao mundo criativo, explorando como ela desafia conceitos de estilo, originalidade e autoria que sustentaram séculos de crítica artística."

CRÍTICA

- Leia o artigo completo no Site



Por séculos, a arte ocupou o lugar de último reduto da experiência humana irrepetível. Enquanto máquinas tomavam fábricas e escritórios, acreditava-se que o ateliê, o estúdio e a página em branco permaneceriam intocados, protegidos por algo chamado inspiração, sensibilidade, subjetividade. Hoje, essa certeza está em xeque. Sistemas de inteligência artificial escrevem poemas, roteiros e reportagens, compõem trilhas sonoras, criam quadros em alta resolução, geram personagens, logos e campanhas publicitárias inteiras. A pergunta que inquieta artistas, juristas, críticos e tecnólogos é direta: se uma máquina pode produzir algo que emociona, surpreende ou conquista o público, o que significa, afinal, ser autor?



A crise atual não surge do nada. A ideia moderna de artista, tal como a conhecemos, é relativamente recente. Durante boa parte da história, pintores e compositores eram artesãos, muitas vezes anônimos, a serviço de mecenas, igrejas e cortes. Foi a partir do Renascimento e, depois, do romantismo que a figura do gênio individual ganhou centralidade. A assinatura passou a valer tanto quanto a obra. Saber que um quadro é de um determinado pintor passou a influenciar não só o preço, mas a forma de interpretar a imagem. No século vinte, essa lógica se extremou: um simples traço poderia ser arte se viesse acompanhado do nome certo. Agora, a inteligência artificial coloca esse modelo de cabeça para baixo.

Modelos generativos de texto, imagem, som e vídeo aprendem a partir de um oceano de exemplos humanos. Textos, músicas, fotografias,

pinturas e filmes alimentam sistemas que extraem padrões, combinam estilos, identificam estruturas narrativas, harmônicas e visuais. Ao contrário do que muitos imaginam, essas máquinas não "entendem" o mundo no sentido humano. Elas calculam probabilidades. Dado um começo de frase, qual a palavra mais provável a seguir? Dada uma descrição, qual combinação de cores e formas se aproxima do que já foi visto? Ainda assim, o resultado, muitas vezes, soa assustadoramente criativo. A fronteira entre copiar e inventar fica turva.

Essa turvação atinge em cheio o conceito de originalidade. Durante séculos, original foi aquilo que se afastava do já conhecido. No entanto, nenhuma obra humana nasce do zero. Todo escritor é leitor, todo compositor é ouvinte, todo cineasta foi espectador antes de pegar a câmera. O que os sistemas de IA revelam, de forma brutal, é que parte do que chamamos de novidade é recombinação sofisticada de referências. A diferença é que a máquina faz isso em escala e velocidade fora do alcance humano. Ao mesmo tempo, falta-lhe um elemento fundamental: a experiência vivida, a biografia, a dor e a alegria que moldam sensibilidade e escolha.



É nesse ponto que a crise da assinatura criativa ganha contornos filosóficos. Se uma IA produz um romance, uma canção ou um quadro, quem assina? O programador que escreveu o código? A equipe que treinou o modelo em milhões de exemplos? A empresa que detém os servidores? O usuário que descreveu, em poucas linhas, o que queria ver? Ou ninguém? A legislação de direitos autorais foi construída sobre a premissa de um criador humano identificável. Obras em domínio público, contratos, licenças, tudo se organiza em torno dessa figura. A inteligência artificial introduz uma autoria difusa, compartilhada e, em muitos casos, opaca.

Na prática, o mercado está respondendo de maneiras diferentes. Algumas plataformas exigem que conteúdos gerados com IA sejam identificados como tal. Outras estimulam sua produção, barateando custos para empresas de mídia, publicidade e entretenimento. Há narrativas de "parceria criativa", em que o humano é apresentado como diretor e a IA como ferramenta. Em outros casos, porém, o papel humano parece reduzido ao de operador. Em vez de meses de trabalho de um ilustrador,

uma campanha opta por imagens geradas em poucos minutos. Em vez de contratar um time de redatores, uma empresa recorre a textos automáticos adaptados por poucos editores.

Isso levanta uma questão concreta: o que acontece com o trabalho artístico quando parte significativa da demanda é absorvida por algoritmos? Quem vive de tarefas consideradas "intermediárias" na cadeia criativa é o primeiro a sentir o impacto. Designers que produzem variações de layout, ilustradores de baixa remuneração, compositores de trilhas genéricas, produtores de conteúdos padronizados para redes sociais, todos se veem diante da concorrência de sistemas capazes de gerar, em segundos, o que antes levava horas. O risco não é apenas econômico, mas formativo: se menos pessoas conseguem sobreviver da arte, menos gente terá tempo e espaço para amadurecer linguagens próprias.

Por outro lado, há relatos de usos da IA que ampliam possibilidades em vez de substituí-las. Roteiristas que usam modelos de linguagem para testar alternativas de diálogo, compositores que exploram harmonias que não imaginariam sozinhos, artistas visuais que tratam o algoritmo como colaborador, gerando material bruto para depois intervir manualmente. Nesses casos, a tecnologia funciona como extensão da imaginação, não como atalho para reduzir o humano a espectador de sua própria irrelevância. A diferença entre um cenário e outro muitas vezes está nas condições em que a ferramenta é introduzida: se é apresentada como recurso auxiliar, com tempo e remuneração adequados para elaboração humana, ou se entra apenas como mecanismo de corte de custos.



Sob a superfície técnica, existe uma camada ética espinhosa. Grande parte dos sistemas de inteligência artificial criativa foi treinada com obras de artistas vivos, sem consentimento explícito, sem pagamento e, não raro, contra a vontade dos autores. Pinturas, livros, músicas e fotografias foram coletados em massa na internet, sob a justificativa de que estavam publicamente acessíveis. Na prática, o que se vê é um processo assimétrico: trabalhos individuais, alguns produzidos ao longo de décadas, alimentam modelos que, depois, concorrem com esses mesmos artistas em licitações, concursos e mercados. Há quem chame isso de nova forma de apropriação, uma

espécie de industrialização do plágio, ainda que juridicamente difícil de enquadrar.

Frente a esse quadro, cresce a defesa da transparência. Exigir rastreabilidade de dados de treino, mecanismos de exclusão para quem não quer ver sua obra integrada a modelos, regras claras de remuneração quando estilos individuais são reproduzidos, tudo isso aparece na pauta de organizações de artistas. A discussão não é apenas sobre dinheiro, mas sobre reconhecimento. Se um estilo visual ou sonoro é tão marcante que o público identifica referências claras a um autor específico, por que esse autor ficaria fora da distribuição de benefícios?

Ao mesmo tempo, a inteligência artificial força uma revisão do mito do gênio isolado. Mesmo antes dela, a criação artística sempre envolveu colaboração, influência, diálogo. Editoras, galerias, produtores, críticos, professores, amigos, todos interferem no processo. A tecnologia apenas torna mais explícito algo que já existia: a arte é resultado de redes. Isso não elimina a importância da assinatura, mas talvez a desmistifique, deslocando o foco da ideia de origem absoluta para uma noção de autoria situada, relacional.

Nesse contexto, surgem novas funções. O chamado engenheiro de prompt, figura ainda em consolidação, é responsável por formular instruções complexas para sistemas de IA, guiando-lhes a produção. Em vez de escolher cada nota, cada cor ou cada palavra, esse profissional decide parâmetros, estilos e combinações. É possível ver nessa função uma forma de arte conceitual, em que o gesto criativo está em definir o enquadramento e os critérios, não em executar cada detalhe. Críticos argumentam que isso diminui o contato com a matéria, com a prática artesanal que sempre foi parte da formação artística. Defensores veem aí uma evolução natural, semelhante ao que aconteceu quando cineastas passaram a delegar a técnicos de fotografia, edição, som e efeitos parte importante do trabalho.

Outra questão que ganha força é a da autenticidade. Em um cenário em que obras tecnicamente impecáveis podem ser geradas em massa por máquinas, o público passará a valorizar ainda mais o traço humano reconhecível? Haverá mercado para pinturas com erros, canções com falhas, textos com pausas e hesitações, justamente porque refletem o esforço de alguém? Alguns sinais apontam nessa direção. Há interesse crescente por processos, bastidores, rascunhos, diários de criação. Saber como uma obra veio ao mundo torna-se quase tão importante quanto a obra em si. É uma forma de reconectar a arte à biografia, em resposta a uma produção algorítmica que, por mais sofisticada, carece de contexto humano.



Nada disso significa que a inteligência artificial jogará o artista para fora do palco de forma definitiva. Mas a posição tradicional está, sem dúvida, em transformação. Em muitos casos, o papel do criador se desloca de executor exclusivo para curador, diretor, editor, alguém que seleciona e organiza resultados produzidos em parte por sistemas automatizados. Essa mudança pode ser vista como perda de território ou como chance de explorar linguagens ainda indefinidas. A escolha, em alguma medida, está nas mãos da própria comunidade artística e das instituições que a cercam.

O desafio é evitar dois extremos: demonizar toda forma de IA como inimiga da arte ou aceitá-la de maneira acrítica como solução mágica. Entre a recusa absoluta e o entusiasmo ingênuo, há um campo de disputas em que se definem normas, direitos, responsabilidades. Leis de direitos autorais, políticas de plataformas, contratos de trabalho e decisões de tribunais moldarão, nos próximos anos, o contorno dessa crise. Sem participação ativa de artistas, pesquisadores, jornalistas e público, há o risco de que prevaleça apenas a lógica de quem controla infraestrutura e dados.

No fim, a pergunta sobre o desaparecimento do artista talvez esteja mal formulada. O que está desaparecendo, ou ao menos se desmanchando, é uma certa imagem romântica de autoria solitária, desconectada de redes e de sistemas. Em seu lugar, surge um cenário mais ambíguo, em que a criatividade se distribui entre humanos e máquinas, entre indivíduos e coletivos, entre intenções declaradas e efeitos imprevistos. A assinatura continua lá, mas cercada de asteriscos e notas de rodapé.

A verdadeira questão, então, pode ser outra: em um mundo em que algoritmos conseguem imitar quase qualquer estilo, o que fará a arte humana valer a pena? Talvez a resposta esteja menos na perfeição formal e mais na capacidade de assumir risco, de errar de maneira interessante, de falar a partir de uma experiência que nenhuma máquina pode ter. A crise da assinatura criativa não elimina a necessidade de artistas. Ao contrário, torna mais claro o que só eles podem oferecer: um modo particular de estar no mundo, com todas as contradições e vulnerabilidades que nenhuma linha de código consegue armazenar por completo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok" sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"



CRÍTICA

O Que Aconteceu com as Universidades como Espaços de Debate Livre?



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

CRÍTICA

Leia o artigo completo no Site

"Cresce a cautela, a autocensura e a busca por estabilidade aparente, enquanto o medo de exposição, o julgamento rápido das redes e a associação rígida entre ideias e identidades retraem a disposição ao confronto de ideias."



Houve um tempo em que a universidade era um território inquieto, quase elétrico, onde ideias não apenas circulavam, mas se chocavam com intensidade suficiente para produzir faíscas. Não se tratava de um espaço confortável. Ao contrário, era um ambiente em que o desconforto fazia parte do processo de aprendizagem. Questionar era esperado. Discordar era necessário. E, sobretudo, pensar implicava correr riscos.



Esse cenário, no entanto, parece cada vez mais distante. Não porque as universidades tenham se tornado menos relevantes, mas porque algo em sua dinâmica interna mudou de forma significativa. A disposição para o risco intelectual, que antes era um dos pilares da vida acadêmica, vem sendo substituída por uma cautela excessiva. Em muitos contextos, a preocupação em evitar conflitos ultrapassa o compromisso com o debate, criando um ambiente onde o silêncio se torna mais seguro do que a exposição de ideias.

O debate livre exige mais do que liberdade formal. Ele depende de uma cultura que valorize a dúvida, que reconheça o erro como parte do processo de construção do conhecimento e que encare a discordância como uma oportunidade, não como uma ameaça. Quando essa cultura enfraquece, o que resta é uma espécie de consenso superficial, mantido não pela força dos argumentos, mas pelo receio das consequências de divergir.



A universidade, que deveria funcionar como um espaço de experimentação intelectual, começa então a se transformar em um ambiente de validação. Em vez de testar ideias, passa a confirmar posições já estabelecidas. Em vez de estimular perguntas difíceis, tende a privilegiar respostas aceitáveis. Essa mudança, ainda que sutil em alguns casos, tem efeitos profundos sobre a qualidade do pensamento produzido.

Parte desse processo está relacionada a transformações mais amplas na sociedade. Vivemos um tempo em que a exposição é constante e as repercussões de qualquer posicionamento podem ser imediatas e

amplificadas. O ambiente digital contribui para isso ao criar uma lógica de julgamento rápido, em que nuances são frequentemente ignoradas e a complexidade dá lugar a interpretações simplificadas. Esse contexto inevitavelmente atravessa as universidades, influenciando a forma como estudantes e professores se posicionam.

Além disso, há uma crescente tendência de associar ideias a identidades de maneira rígida. Embora o reconhecimento de diferentes perspectivas seja um avanço importante, essa associação pode dificultar o debate quando qualquer questionamento é interpretado como um ataque pessoal. Nesse cenário, a discordância deixa de ser um exercício intelectual e passa a ser percebida como uma forma de deslegitimação do outro. O resultado é um ambiente em que o diálogo se torna mais difícil e o confronto de ideias, mais raro.

Outro aspecto relevante é a transformação do papel da universidade na sociedade contemporânea. Pressionadas por demandas de produtividade, rankings e resultados mensuráveis, muitas instituições acabam priorizando eficiência em detrimento da reflexão crítica. O tempo necessário para o debate, para a elaboração cuidadosa de argumentos e para a escuta atenta, torna-se escasso. O pensamento, que exige pausa e aprofundamento, passa a competir com a lógica da rapidez.



Essa combinação de fatores contribui para a construção de um ambiente em que o debate livre não desaparece completamente, mas se torna mais restrito. Ele passa a ocorrer em espaços informais, entre grupos de confiança, ou em contextos onde o risco de exposição é menor. No espaço público da universidade, por outro lado, prevalece muitas vezes uma postura mais cautelosa, marcada pela tentativa de evitar contravérsias.

Contudo, é importante reconhecer que a ausência de conflito não significa harmonia. Um ambiente sem debate pode parecer estável à primeira vista, mas essa estabilidade frequentemente esconde uma fragilidade estrutural. Ideias que não são questionadas tendem a se tornar rígidas, incapazes de se adaptar a novas informações ou perspectivas. O conhecimento, nesse contexto, perde sua capacidade de renovação.

Recuperar a universidade como espaço de debate livre não implica retornar a um modelo idealizado do passado. Significa,

antes, repensar as condições que tornam o debate possível no presente. Isso envolve criar ambientes em que a discordância seja tratada com responsabilidade, mas também com abertura. Envolve reconhecer que o confronto de ideias é parte essencial do processo de aprendizagem e que evitar esse confronto pode comprometer a própria função da universidade.

Também é necessário desenvolver uma cultura de escuta mais consistente. Ouvir não apenas para responder, mas para compreender. Essa prática, embora frequentemente mencionada, ainda é pouco cultivada em muitos contextos acadêmicos. Sem ela, o debate tende a se transformar em uma sucessão de monólogos, em que cada parte reafirma sua posição sem realmente considerar a do outro.

Outro ponto fundamental é a valorização da complexidade. Em um cenário marcado por polarizações, há uma tendência de simplificar questões que, na realidade, são multifacetadas.

A universidade, por sua natureza, deveria resistir a essa simplificação. Deveria ser o espaço onde as contradições são exploradas, onde as respostas fáceis são questionadas e onde a incerteza é reconhecida como parte do processo de conhecimento.

Em suma, é preciso resgatar a ideia de que mudar de opinião não é sinal de fraqueza, mas de maturidade intelectual. O debate livre só faz sentido em um ambiente onde as pessoas estão dispostas a revisar suas próprias posições. Sem essa disposição, o debate se torna apenas uma formalidade, um exercício retórico sem impacto real.

A universidade continua sendo um dos espaços mais importantes para a produção e a circulação de conhecimento. No entanto, sua relevância depende, em grande medida, da capacidade de sustentar o debate livre como prática cotidiana. Sem ele, o pensamento perde profundidade, a crítica se enfraquece e o conhecimento se torna repetitivo.

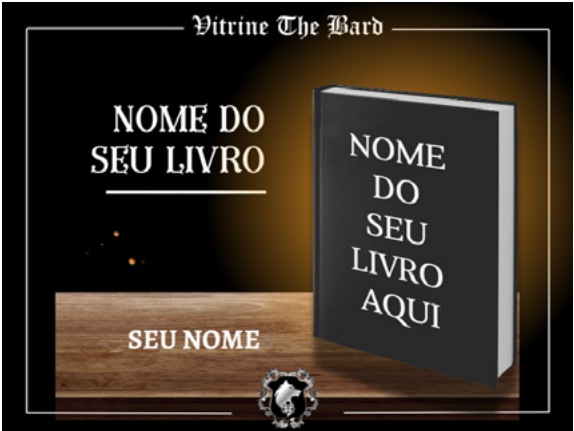
Se há um desafio a ser enfrentado, ele não está apenas nas estruturas institucionais, mas nas atitudes que moldam o cotidiano acadêmico. Reaprender a conviver com a discordância, valorizar o questionamento e aceitar o risco intelectual são passos essenciais para que a universidade recupere sua vitalidade.

Caso contrário, corre-se o risco de transformar um espaço que deveria ser marcado pela inquietação em um ambiente excessivamente previsível. E a previsibilidade, quando se trata de pensamento, raramente é um bom sinal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/05/2026"

VITRINE THE BARD



Clique aqui para anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

CLASSIFICADOS

ANUNCIE
SEU NEGÓCIO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SUA EMPRESA

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU EVENTO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

 Sua marca aqui



Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

CLIQUE AQUI
PARA ANUNCIAR

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim beatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** www.seusite.com.br

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO SITE

ANÚNCIO 1 - 1196X212



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 2 - 1000X212



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 3 - 400X300



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 4 - 1080X1920



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO JORNAL EM PDF

Pub1

ANUNCIE

Pub2

ANUNCIE

Pub3

ANUNCIE

Pub4

ANUNCIE

Pub5

ANUNCIE

Pub6

ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE

Clique aqui para Anunciar

AGRADECIMENTOS



No dia 11 de julho de 2026, celebramos a concretização de um sonho coletivo: o lançamento da 11ª edição do **Jornal The Bard News®**, no Brasil e no mundo.

Em um tempo marcado por transformações rápidas e profundas, seguimos acreditando na força da arte, da literatura, da ciência e do conhecimento como instrumentos capazes de construir pontes, ampliar horizontes e provocar reflexões indispensáveis. O **The Bard News** nasce como um espaço aberto, plural e generoso, voltado a todos que compreendem o diálogo, a diversidade e a cultura como pilares essenciais de transformação.

Hoje, nosso agradecimento é sincero e profundo a cada pessoa que tornou este projeto possível. À equipe incansável, que entregou talento, dedicação, noites de trabalho e paixão; aos colaboradores e artistas convidados, que confiaram ao jornal suas vozes, ideias e olhares singulares; a todos que divulgaram, apoiaram, sugeriram e acreditaram desde o início. Nosso reconhecimento especial aos leitores, razão maior da nossa existência e parceiros fundamentais na construção de cada edição.

Ao reunir temas como Arte, Literatura, História, Educação,

Filosofia, Psicologia, Ciência, Tecnologia, Saúde & Bem-Estar, Cultura e Opinião, buscamos oferecer mais do que informação. Nosso propósito é proporcionar experiências, despertar descobertas e provocar inquietações. O **The Bard News** nasce para ser vitrine e espelho do nosso tempo, fiel à missão de abrir espaço para o novo, para o debate, para o questionamento e para a proposição de ideias.



Nesta e em todas as edições, convidamos você a se conectar, participar e compartilhar sua voz conosco. Nosso compromisso permanece firme com o acesso democrático a conteúdos relevantes, nacionais e internacionais, guiados pela ética, pelo respeito e pela inovação.

A todos que caminharam e continuam caminhando ao nosso lado, o nosso mais sincero agradecimento. O **The Bard**

News é, acima de tudo, uma obra coletiva. Por isso, celebramos juntos cada conquista, cada desafio e cada página escrita dessa história que está apenas começando.

A Redação – **Jornal The Bard News**

JORNAL THE BARD NEWS



BAIXE NOSSO APLICATIVO

1

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



OU

SITE

Clique aqui para acessar o Site

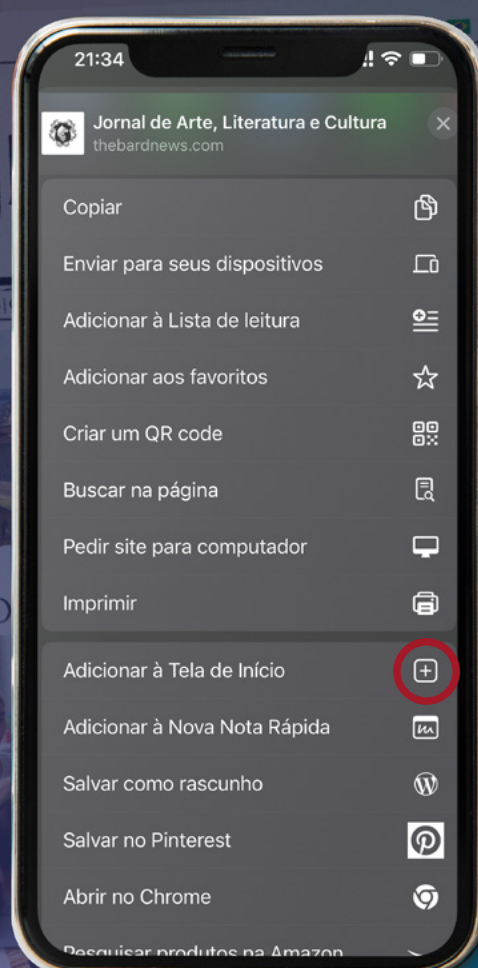


2

Procure este "ícone" no seu navegador.

3

Selecione a opção "Adicionar à tela de início."



4

Clique em "Adicionar"

5

Pronto! Seu app já estará instalado e está na sua tela inicial.

